

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ROSANA ORLANDI MEIRA

ACONSELHAMENTO PASTORAL E HOMOSSEXUALIDADE:
A DIMENSÃO DA FÉ CRISTÃ NAS ANGÚSTIAS DA HOMOSSEXUALIDADE

São Leopoldo

2012

ROSANA ORLANDI MEIRA

ACONSELHAMENTO PASTORAL E HOMOSSEXUALIDADE:
A DIMENSÃO DA FÉ CRISTÃ NAS ANGÚSTIAS DA HOMOSSEXUALIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

Segundo Avaliador: André Sidnei Muszkopf

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M514a Meira, Rosana Orlandi

Aconselhamento pastoral e homossexualidade: a dimensão da fé cristã nas angústias da homossexualidade / Rosana Orlandi Meira ; orientadora Karin Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

98 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Homossexualidade – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2. Obra da igreja junto aos homossexuais. 3. Aconselhamento pastoral. I. Wondracek, Karin. II. Título.

ROSANA ORLANDI MEIRA

ACONSELHAMENTO PASTORAL E HOMOSSEXUALIDADE:
A DIMENSÃO DA FÉ CRISTÃ NAS ANGÚSTIAS DA HOMOSSEXUALIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Data:

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – EST

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – EST

RESUMO

O presente trabalho inicia com o posicionamento histórico da religião cristã a respeito da homossexualidade. Em seguida, discorre de forma sintética, acerca da evolução de sua abordagem na medicina e na psicologia. No mesmo capítulo são tratados os temas da instituição do preconceito e da homofobia. O trabalho se reporta à religião cristã, não se referindo a nenhuma igreja em especial, mesmo quando utilizados documentos de alguma igreja cristã em particular. No segundo capítulo procura-se conceituar a homossexualidade a partir do entendimento da sexualidade, esta como uma das estruturas do corpo humano que não pode ser negada, devendo ser integrada a ele. Este capítulo expõe também a questão da angústia que pode surgir nas pessoas que não estão no padrão de heterossexualidade. No terceiro e último capítulo são apresentadas novas formas de interpretação bíblica e novas teologias que procuram desmistificar a homossexualidade nos ambientes religiosos. Neste capítulo se busca questionar os entendimentos já cristalizados nas igrejas cristãs diante das novas interpretações e levar o leitor a uma reflexão mais madura. O objetivo deste capítulo é filtrar e evidenciar elementos apresentados nos outros capítulos, que possam incitar o acolhimento do homossexual na sua comunidade de fé, na tentativa de que o fortalecimento de sua fé gere esperança, diminuição da angústia e melhora da auto-estima. Este capítulo foi denominado “Busca de novos ares” na esperança de que o Espírito Santo sobre, como em Pentecostes, sobre aqueles que se dispõem a seguir Jesus Cristo no acolhimento e aconselhamento pastoral aos homossexuais.

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral. Angústia. Homofobia. Homossexualidade. Preconceito.

ABSTRACT

The present work starts with the historical positioning of Christian Religion about homosexuality, further, in a synthetic way, it expatiates about the evolution of the approach of homosexuality in medicine and psychology. In this same chapter are studied the themes of an imposition of prejudice and homophobic. The work reports to the Christian religion as a whole, not referring to any Church in particular, even when documents of some Christian church in particular. Are used in the second chapter, it seeks to conceptualize the homosexuality by the understanding of the sexuality, as one of the structures of the body that cannot be denied, but integrated to it. This chapter also approaches the question of the distress that can arise in people who are not in the heterosexual standard. In the third chapter, new ways of biblical interpretation and new theologies that seek to demystify homosexuality in religious environments are presented. This chapter seeks to question the understandings that are already crystallized in Christian churches in face of new interpretations, and to take the reader to a more mature reflection. The goal of this chapter is to filter and to bring up elements presented in other chapters that can encourage the reception of the homosexual into his/her community of faith, on the attempt that the strengthening of his/her faith can generate hope, decrease anguish and improve self-esteem. This chapter was named "Search for fresh air" in the hope that the Holy Spirit blast, as in Pentecost over those that follow Jesus into the reception and pastoral counseling towards homosexuals.

Keywords: Pastoral counseling. Anguish. Homophobia. Homosexuality. Prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 IGREJA, SOCIEDADE E HOMOFOBIA.....	13
1.1 Pecado.....	14
1.1.1 Pecado nefando.....	17
1.1.2 Pecado contra natura.....	20
1.2 Corpo doente.....	22
1.2.1 Degeneração.....	24
1.2.2 Inversão.....	24
1.3 Preconceito.....	26
1.3.1 Conseqüências sociais do preconceito.....	30
1.3.2 Homofobia.....	31
2 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE.....	37
2.1 Sexualidade.....	37
2.1.1 Dimensões da Sexualidade.....	38
2.1.2 Religião, espiritualidade e sexualidade.....	40
2.2 Homossexualidade: do surgimento do termo à definição.....	42
2.2.1 Ser homossexual.....	44
2.2.2 Sociedade e homossexualidade.....	47
2.3 Angústia na homossexualidade.....	50
2.3.1 Angústia no “sair do armário”.....	52
2.3.2 Angústia do homossexual criado em família cristã.....	54
3 EM BUSCA DE NOVOS ARES.....	57
3.1 Compreender e interpretar: considerações preliminares.....	58
3.1.1 Porque interpretar cientificamente a Bíblia.....	58
3.1.2 Novas hermenêuticas bíblicas sobre homossexualidade.....	60
3.2 Novas Teologias a respeito da aceitação da condição homossexual.....	64
3.3 Esperanças da fé para os homossexuais.....	66
3.3.1 Nos passos de Jesus.....	68
3.3.2 O aconselhamento trazendo cura.....	69
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS.....	79

ANEXO A: MITO DE MACA	85
ANEXO B: CARTA DE UM HOMOSSEXUAL CURADO	87
ANEXO C: PESQUISA PARADA GAY SÃO PAULO - 2005	91
ANEXO D: CONSULTÓRIO SENTIMENTAL – SEXUALIDADE	97
ANEXO E: ENTREVISTA COM ANDREW SULLIVAN.....	99

INTRODUÇÃO

Na maior parte das culturas os papéis atribuídos a homens e mulheres estão pautados nas diferenças entre os dois sexos. Esta ordem considerada natural por muitos, direciona também a ordem social que vê o feminino como complementar ao masculino. Procura-se uma hierarquização da sexualidade, normalmente há a subordinação do feminino ao masculino.

A delimitação ao sexo biológico, macho e fêmea, é tida como natural e normal e gera uma política de superioridade biológica e moral para a heterossexualidade. Ela se torna a normalidade sexual. Todas as sexualidades devem ser medidas e comparadas à heterossexualidade, todas as outras formas de expressão sexual são qualificadas como incompletas, acidentais, perversas, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização.

Neste cenário a homossexualidade não pode ter vez, deve ser evitada e combatida desde os primeiros processos de socialização das crianças, especialmente na educação dos meninos, com ferrenha oposição à feminilidade¹. Anete Roese² lista algumas afirmações que imperam sobre os meninos até que eles tenham se afirmado dentro do “padrão de homem”: homem não chora, homem joga bola, homem é rude³. A virilidade deve ser construída, fabricada. O defeito maior de uma educação masculina voltada a produzir virilidade, é produzir um homossexual⁴.

Meninas também não são poupadas deste tipo de educação, embora atualmente, de forma menos rigorosa: meninas choram, meninas são fracas, meninas aprendem a cuidar, são delicadas, em contrapartida à educação dos meninos.

Quando se tem “um homossexual” se questiona o como fazer, o como tratá-lo e o como educá-lo. Para André Musskopf, doutor em teologia, o primeiro grande conflito com o qual o homossexual se depara é a ausência de modelos⁵.

¹ ROESE, Anete. Deus escolheu as cousas loucas... para envergonhar as fortes. *Revista Mandrágora*, São Paulo, UESP, ano 5, n.5, p. 53, 1999.

² Anete Roese é doutora em teologia e atua como professora na PUC/MG na área de gênero e religião.

³ ROESE, 1999, p. 49.

⁴ BORRILO, Daniel. A homofobia. In LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.) *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres; EdUnB, 2009, p.35. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxb25jdXJzb25pZ3N8Z3g6M2ZiOTUxYWYWM3OGU0YzYyOA>>. Acesso em 10 mar. 2012.

⁵ MUSSKOPF, André. Além do arco-iris. In STROHER, Marga J.: DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.) *À flor da Pele*, 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006, p. 155.

Existem milhões de pessoas homossexuais, umas assumidas, outras não, que sofrem em razão das reações das pessoas à forma que expressam sua sexualidade. Eles e elas têm sido motivos de preocupação para a sociedade, para a política, para as igrejas e para as religiões⁶. Em razão disso é importante falar sobre homossexualidade.

Homossexualidade é um assunto que traz desconforto às pessoas e às instituições, mas cada vez mais se percebe que é impossível enquadrar todos os seres humanos em um esquema pré-determinado de heterossexualidade⁷, diz o frei e doutor em teologia, Antonio Moser⁸.

Com as campanhas dos homossexuais por visibilidade e direitos civis, a cada dia um de nós identifica em nosso meio familiar, profissional, escolar e religioso a presença de muitos deles e delas. Conscientizamos-nos de que eles e elas não combinam com o estereótipo negativo e pré-concebido para “pessoas homossexuais”. Eles e elas são pessoas exatamente como nós, com os mesmos sonhos e sentimentos.

No Brasil, como em outras partes do mundo, são noticiados nos meios de comunicação inúmeros casos de violência física, verbal e simbólica contra homossexuais. Alguns jovens, rapazes e moças, que se descobrem fora da norma heterossexual de expressão da sexualidade podem até se relacionar bem com sua condição, mas a grande maioria é angustiada, amedrontada, insegura e por vezes demonstram vontade de fugir do problema⁹ assumindo uma vida dupla, ou pior, abreviando a própria vida.

A discriminação e o preconceito são formas da sociedade externar seus medos do diferente e daquilo que a ameaça. Os leprosos, os tuberculosos, os índios, os negros, as mulheres, os judeus e muitos outros em determinadas culturas foram alvos de preconceitos. Todo “diferente” pode, em certos momentos, tornar-se um bode expiatório para aplacar e canalizar a eclosão da violência social¹⁰.

Existem homossexuais que não encontram acolhimento na família, nem no círculo de amizades e nem mesmo nos ambientes religiosos; estão fadados à solidão. Negros e judeus na maior parte das vezes têm identificação e apoio em suas famílias, homossexuais não.

⁶ MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge: a sexualidade*. Petrópolis: Vozes. 2001, p. 212.

⁷ MOSER, 2001, p. 213.

⁸ Frei Antônio Moser é diretor presidente da Editora Vozes, professor de Teologia Moral e Bioética no Instituto Teológico Franciscano (ITF) em Petrópolis/RJ, Membro do Conselho Administrativo da Diocese de Petrópolis/RJ, pároco da Igreja de Santa Clara.

⁹ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 31.

¹⁰ NAVARRO, Tânia. Os componentes ligados à sexualidade são históricos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 355, 2010, p. 5.

É inaceitável que se queira tornar a problemática sobre a homossexualidade inexistente, especialmente nos ambientes religiosos. Fechar os olhos para estas formas de violência, injustiça, exclusão social e religiosa está cada vez mais difícil, pois o tema vem sendo incluído no meio televisivo, nas novelas no horário nobre, nos filmes, nas escolas, nos telejornais, na política e livros didáticos. Aparecem questões que merecem ser discutidas em todos os meios de convivência.

Olhar para um futuro com menos discriminação implica buscar no passado as origens dos pré-conceitos e da homofobia que ronda esse tema. Buscar a gênese desse preconceito implica estudar a questão moral, especialmente a moral¹¹ sexual de tradição cristã¹². Perguntar quais as antigas e quais as novas teologias sobre homossexualidade não estará ligado à busca de culpados. A identificação dos fatos geradores de preconceitos só terá sentido, na medida em que, sobre eles se possam lançar novas luzes visando uma nova interpretação para o mundo de hoje. O esclarecimento científico que outrora levava a homossexualidade a ser considerada pecado, ou doença, pode ser útil ao acolhimento pastoral de pessoas homossexuais.

O presente trabalho propõe avaliar em que medida o aconselhamento pastoral pode colaborar, ou não, com embasamento na fé cristã, para a retomada da auto-imagem positiva daqueles que sofrem por sua condição homossexual. A princípio se propõe identificar a posição das igrejas cristãs e da sociedade civil sobre a homossexualidade. Não se trata de um detalhamento histórico, mas apenas a exposição de pontos considerados importantes na formação do estereótipo do homossexual na sociedade.

No segundo capítulo a sexualidade será o foco, e nela a condição homossexual, o relacionamento do homossexual consigo mesmo e dele com a sociedade. Ainda neste capítulo, apresentam-se alguns depoimentos de jovens que se descobriram homossexuais, entrevistas estas selecionadas aleatoriamente em livros sobre o tema.

No terceiro capítulo serão apresentadas interpretações mais recentes de passagens bíblicas sobre relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. O que se pretende é buscar nas novas interpretações, elementos que possam auxiliar o aconselhador pastoral, ou o diretor

¹¹ A Igreja Católica Romana prefere o termo “moral sexual cristã”, ao passo que as igrejas protestantes, particularmente as históricas, preferem o termo “ética sexual cristã”, na verdade são termos utilizados de forma intercambiáveis. Neste trabalho utiliza-se o termo “moral sexual cristã” como o normativo para o comportamento ou expressão sexual dos fiéis das e nas comunidades cristãs. O termo moral cristã também será utilizado da mesma forma.

¹² VIDAL, Marciano. *Sexualidade e Condição Homossexual na Moral Cristã*. Aparecida/SP: Santuário, 2008, p. 175.

espiritual¹³, no trabalho de atendimento a homossexuais que buscam ajuda na igreja cristã para enfrentar o preconceito social e familiar, ou a sua própria recusa em aceitar sua condição sexual.

A problemática da sexualidade e da homossexualidade vem despertando interesse no meio acadêmico¹⁴. Neste trabalho serão utilizados textos de autores católicos como da teóloga leiga Patrícia Beattie Jung, do teólogo espanhol Marciano Vidal, do teólogo Antonio Moser, de evangélicos/protestantes como o teólogo luterano André Musskopf, o teólogo metodista Walter Wink, bem como textos de historiadores, psicólogos, antropólogos, sociólogos cujas especialidades auxiliam no estudo e entendimento da evolução do preconceito contra homossexuais e podem dar respaldo a um novo entendimento sobre o tema.

Consciente da amplitude do tema, o objetivo deste trabalho não é esgotar o assunto nem propor soluções rápidas para resolver o problema do preconceito e da homofobia. O que se pretende é abrir espaço para se falar de um assunto que é muitas vezes invisível ou camuflado em diversos ambientes, especialmente nas igrejas cristãs, e verificar como a fé pode colaborar no acolhimento dos não heterossexuais.

A certeza de que os cristãos não podem excluir irmãos e irmãs, que como todos os seres humanos, têm direito a optar por uma vida plena e de paz, em convívio e proximidade a Deus Pai; e a esperança de que a fé em Jesus possa minimizar os efeitos danosos da discriminação e da violência contra os homossexuais é o que nos leva a desenvolver esta pesquisa.

O último capítulo intitula-se “Em busca de novos ares”, na tentativa de, como Elias (1 Rs 19, 1-18), buscar perceber a vontade de Deus e tentar encontrá-la na “brisa leve” em meio a um assunto tão polêmico como a homossexualidade.

¹³ Nas Igrejas Evangélicas se usa normalmente o termo aconselhamento pastoral para o serviço de cuidado da comunidade religiosa, na igreja católica se usa o termo direção espiritual. Os termos serão utilizados no trabalho indistintamente, visto que o que se pretende é se referir ao cuidado com a comunidade de fé.

¹⁴ VIDAL, 2008, p. 87.

1 IGREJA, SOCIEDADE E HOMOFOBIA

O preconceito contra homossexuais¹⁵ deve ter tido um ponto de partida, um fato ou uma conjunção de fatos que lhe deu origem. Questionando qual a gênese do “pré-conceito” e da discriminação aos homossexuais aparecem respostas como: a homossexualidade é pecado, não é natural, é doença¹⁶. Embora essas respostas não sejam adstritas ao meio religioso é entre as pessoas ditas religiosas cristãs que as discussões se tornam mais acaloradas, inclusive com citações bíblicas.

Nas falas atribuídas a Jesus não podemos encontrar reprovação à condição homossexual. Nos quatro evangelhos não se encontra nenhuma fala sobre o assunto¹⁷, mas boa parte dos cristãos entende que na Bíblia se condena a homossexualidade, especificamente em Gn 19, 1-11 e Lv 18, 22, no Antigo Testamento e Rm 1, 26-27 no Novo Testamento. A homossexualidade assim se torna “pecado” para estas pessoas por contrariar as leis de Deus.

A homossexualidade não é tabu apenas para a igreja, boa parte da sociedade civil sem vínculos religiosos também a rechaça. Na civilização grega e na romana as relações homoeróticas eram consideradas normais, especialmente entre homens e jovens, mestres e alunos. Um mito grego prega:

Todos os homens que são um fragmento do antigo sexo comum que era chamado de homem-mulher gostam de mulher, e os adúlteros em geral provêm daquele sexo, e também todas as mulheres que são loucas por homens, e adúlteras. [...]. Mas aqueles que são um pedaço do homem perseguem o homem (...) e são estes os melhores meninos e os melhores rapazes por serem naturalmente mais bravos. [...]. Eis aqui uma grande prova: ao crescerem, são pessoas como essas e só elas são os homens encarregados dos negócios públicos. [...]. [Eles] não se preocupam com casamento ou com constituir família, mas a lei e costume os compele¹⁸.

É necessário questionar quais os ensinamentos que levaram e levam uma boa parte das pessoas a ter idéias distorcidas sobre a homossexualidade. Há evidências de que a religião cristã, ou melhor, a Igreja Cristã, deu início a boa parte destas idéias, normalmente atreladas a pecado, castigo e fúria de Deus, embora não se possa descartar as posições da medicina e da

¹⁵ Utilizamos a palavra “homossexual” e seus derivados para todos os tipos de relacionamentos não heterossexuais a que nos reportamos. Além disso, a usamos indistintamente para a homossexualidade feminina como para a masculina, pois a questão a ser abordada é a discriminação para aqueles ou aqueles que não se enquadram ao normativo da heterossexualidade.

¹⁶ MUSSKOPF, 2006, p. 158.

¹⁷ HELMINIAK, Daniel A. *O que a biblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998, p. 65.

¹⁸ RANKE – HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1996, p. 349.

psicologia que, buscando entendê-la, não concluíram que a homossexualidade fosse uma opção natural. Vidal admite que sempre que na Bíblia se fala de comportamentos homossexuais, estes aparecem com uma avaliação negativa, embora se refira a um contexto cultural da antiguidade a comportamentos num contexto desviante¹⁹.

Não podemos esquecer que várias linhas de pensamento colaboraram para a formação da moral sexual cristã, entre elas o platonismo, o estoicismo e várias formas de gnosticismo. Essas linhas de pensamentos deixaram também suas marcas no cristianismo ocidental tornando-o de certa forma insensível à idéia de que o corpo humano, principalmente na expressão sexual, podia dar uma contribuição para a verdadeira satisfação humana²⁰.

Esta influência se verifica de modo marcante no pensamento de Santo Agostinho, de São Tomas de Aquino, bem como de outros filósofos e teólogos que trataram a questão sexual nos primórdios da igreja cristã. Os ensinamentos desses padres da igreja serão apresentados no item a seguir sobre o pecado. A questão do corpo também foi objeto de estudo da medicina e da psicologia que deram sua contribuição ao entendimento da homossexualidade e serão também tratadas neste capítulo.

1.1 Pecado

Pra entender a mensagem da Sagrada Escritura a propósito do pecado, deve-se levar em conta que a revelação apresenta a salvação como dom inicial e gratuito de Deus ao ser humano, para todos os seres humanos. O pecado na Bíblia dá sentido à salvação. A salvação que Jesus oferece é salvação do pecado. Ele dá o arrependimento e o perdão dos pecados (At 5,31). Através do conhecimento da salvação, os cristãos podem se afastar da corrupção do mundo. A vinda do Cristo traz a salvação e o perdão dos pecados (Lc 1, 77)²¹.

A tragédia do pecado, de acordo com Genovesi, nunca é que Deus decide rejeitar ou negar o pecador, mas que o pecador decide rejeitar Deus. O amor de Deus não cessa; o nosso sim. A aliança de amor é rompida por nós, não por Deus. É nosso dever e privilégio reconhecer que só por meio de nosso amor a Deus e aos outros concretizamos a vontade de

¹⁹ VIDAL, 2008, p. 125.

²⁰ GENOVESI, Vicent J. *Em busca do Amor: moralidade católica e sexualidade humana*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo, SP: Loyola, 2008, p. 117.

²¹ McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983, p. 835.

Deus para nós, pois é só o amor que resume todos os mandamentos e é a resposta a todos eles²².

Para o cristão, o pecado está ligado diretamente à culpa, à responsabilidade, ao afastamento de Deus, a fazer o que ofende a Deus, mas só há pecado quando se age de maneira consciente e livre²³. Já no livro “Vocabulário de Teologia Bíblica”, se apresenta uma visão menos estreita do pecado:

[...] é sobretudo através da história bíblica que aparece a verdadeira natureza do pecado, suas malícias e suas dimensões; e nela também aprendemos que esta revelação a respeito do homem é simultaneamente uma revelação a respeito de Deus, sobre seu amor, ao qual o pecado se opõe, e sobre sua misericórdia, cujo exercício o pecado possibilita; pois a história da salvação não é senão a história das tentativas incansavelmente repetidas pelo Deus criador de arrancar o homem de seu pecado²⁴.

O pecado rejeita o amor e a fidelidade do Senhor e rompe o relacionamento pessoal com Deus. Este modelo de pecado esta pautado sobre a doutrina da liberdade do ser humano, onde ele pode por sua própria culpa frustrar o fim e o sentido de sua vida. No NT²⁵ o pecado é tratado como a recusa da oferta da amizade de Deus e a opção do ser humano de confiar mais na sua força ou na dos outros do que na do Senhor. O pecado pode ser considerado uma má atitude do ser humano²⁶.

É preciso lembrar que nos originais, hebraico e grego da Bíblia, se utiliza de várias expressões ou palavras que são traduzidas pela única palavra “pecado”. A noção de pecado que a Bíblia quer nos passar é complexa e não pode ser traduzida apenas pela palavra pecado. Usamos hoje esta única palavra para definir o que a Bíblia quer expressar com os diversos conceitos hebraicos e gregos²⁷.

Um dos conceitos hebraico do AT que é traduzido por pecado é o verbo *hata* que pode ter o sentido de falta, falha ou errar o alvo. Assim como a seta que pode errar o alvo, o ser humano também pode não atingir o sentido e o fim da lei, perdê-lo ou errá-lo. Outro conceito é *pecha* que tem sentido de transgressão ou menosprezo do direito do outro, outro ainda é *awon* com sentido de rebelião, insurreição contra Deus. No NT o termo usado é

²² GENOVESI, 2008, p. 108.

²³ DICIONÁRIO de Teologia Moral, Adaptado da edição espanhola por Marciano Vidal. São Paulo: Paulus, 1997, p. 928.

²⁴ VOCABULÁRIO de Teologia Bíblica. Tradução de Fr. Simão Voigt. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 734.

²⁵ NT e AT serão utilizados no trabalho para designar Novo Testamento e Antigo Testamento respectivamente.

²⁶ KARL RUF, Ambrosius. *Curso fundamental de teologia moral*: volume II – consciência e decisão. São Paulo: Loyola, 1994, p. 158.

²⁷ MACKENZI, 1993, p. 705.

*harmatia*²⁸, termo empregado em geral no plural, para designar o ato pecaminoso isolado; no singular significa a força cósmica do pecador, “o pecado do mundo” de Jo 1,29.

O pecado para a Igreja Católica é classificado em mortal ou venial. O pecado mortal é o que leva para a morte, ao castigo eterno, é um ato que expressa uma opção de recusa a Deus, é considerado unilateralmente no contexto da “coisa grave”. Já o pecado venial é o pecado da fraqueza, ele está nas decisões cotidianas do ser humano. Neste caso o ser humano guarda sua orientação para Deus, mas demonstra uma falta de coerência ao optar por uma ação contrária àquela julgada correta aos olhos da igreja. O pecado venial não atinge as profundezas do coração²⁹.

Genovesi, padre jesuíta e doutor em ética cristã, alerta para o fato de que nenhum de nós é justificado para chamar outro ser humano de “pecador”, pois simplesmente não conhecemos o estado interior dessa pessoa nem o nível de conhecimento e liberdade concretizado em seu comportamento. Podemos, entretanto, emitir o julgamento de que determinada ação praticada por outra pessoa é na verdade um erro moral objetivo³⁰. O Catecismo da Igreja Católica – CIC em seu item 1861 expressa: “mesmo podendo julgar que um ato é em si falta grave, devemos confiar o julgamento sobre as pessoas à justiça e a misericórdia de Deus”³¹.

O entendimento do termo pecado é imprescindível para a compreensão da inclusão, pela igreja cristã, da homossexualidade como pecado. A homossexualidade, chamada de sodomia, era considerada para o Santo Ofício da Inquisição como pecado, o pior dos pecados, o pecado que nem sequer podia ser mencionado. O pecado nefando da sodomia. Cita-se o Santo Ofício da Inquisição, da Igreja Católica Romana, mas vale lembrar que não apenas os católicos tiveram sua inquisição. Pieroni, doutor em história pela Sorbonne, afirma em seu livro “Os excluídos do Reino”, que na Holanda calvinista, por exemplo, entre 1730 e 1732, se prendeu trezentos sodomitas, dos quais setenta foram queimados³².

²⁸ KARL RUF, 1994, p. 158.

²⁹ KARL RUF, 1994, p. 159-161.

³⁰ GENOVESI, 2008, p. 107.

³¹ CATECISMO da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 1999, p. 498.

³² PIERONE, Geraldo. *Os excluídos do reino: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil colônia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006, p 137.

1.1.1 Pecado nefando

Muito poderia ser falado do pecado sexual nos primórdios da Igreja cristã, nos escritos dos padres apostólicos ou sub-apostólicos, padres apologetas (séc. II) e escritos da época patrística (séc. III-VII), e certamente isso seria de muito proveito, visto que a regulação da vida sexual foi objeto de preocupação da Igreja primitiva e perdura até os dias atuais. A virgindade, a masturbação voluntária, a submissão sexual da mulher, a condenação da fornicação e do prazer sexual são exemplos de atos regulados pela maioria das igrejas cristãs até os dias de hoje.

Esta preocupação por parte da Igreja primitiva, segundo Vidal³³, era em parte devido a uma imoralidade espantosa dos romanos antigos na época imperial. Esta imoralidade se estendia publicamente, especialmente nas grandes cidades, levando a uma crescente degeneração da vida sexual. Os novos batizados, aqueles que se convertiam ao cristianismo nascente, não ficavam imunes diante destes vícios e era necessária a exortação para que fugissem dos vícios da impureza.

Convém salientar mais uma vez que a doutrina sobre pecados da sexualidade não ocupou lugar de destaque no Novo Testamento, mas sim no gênero literário moral dos catálogos de vícios e virtudes, procedentes de uma tradição judaica tardia com influência do ambiente helenístico³⁴. São exemplos deste gênero literário, entre outros, os textos bíblicos: Rm 13,13; 2 Co 12,21; Gl 5,19; 1 Tm 1, 9-10; Ap 9,21; Ap 22, 15.

Outro fato que influenciou a visão da igreja sobre a sexualidade e o pecado foi o estoicismo, especialmente no que se refere à questão de ser a procriação a única finalidade para a sexualidade. O “crescei e multiplicai-vos” do Gênesis não insiste nesta relação entre sexualidade e procriação, foi Agostinho³⁵ o responsável pela divulgação deste preceito na Igreja Cristã do século IV³⁶. Este preceito permeia o entendimento da sexualidade, até nossos dias, no interior da Igreja Católica. Agostinho condenava a busca do prazer inclusive no matrimônio. Para ele, mesmo os cônjuges deveriam buscar apenas a procriação.

³³ VIDAL, 2008, p. 30.

³⁴ VIDAL, 2008, p 31.

³⁵ Santo Agostinho (354-430) foi presbítero e Doutor da Igreja.

³⁶ Como a maioria das igrejas cristãs teve a mesma raiz utilizo a denominação Igrejas Cristãs para o que diz respeito a origem das mesmas ou teologias anteriores às cisões. Apenas no ano de 869, século IX, houve a primeira cisão surgindo a Igreja Ortodoxa Grega e a Católica Roma, e no ano de 1521 a segunda, com a reforma protestante.

Considerando que para Agostinho a procriação era a única justificativa para o sexo, podemos entender sua repulsa ao que ele chamava “sodomia”³⁷. De acordo com Pieroni³⁸ o vício da sodomia era considerado a maior das indignidades para o Santo. Agostinho afirmava ainda que apenas o nome “sodomia” poluía os lábios de quem o pronunciava, e os ouvidos de quem o ouvia; para ele este “pecado” era incomparavelmente mais grave do que se deitar com a própria mãe; era ofensa à Deus e à sociedade³⁹.

Avançando um pouco na história aparecem os livros penitenciais, por volta dos séculos VII-XII⁴⁰, que formulavam a maior ou menor gravidade das ações pecaminosas na Idade Média. Eles regulavam o matrimônio, a reprodução humana, viam as faltas sexuais num contexto de magia e idolatria, especialmente o aborto e a contracepção, hierarquizavam a culpa moral, o sexo só era permitido com a finalidade da procriação. Não restam dúvidas que o pouco ou nenhum conhecimento à época de dados biológicos influenciaram as prescrições destes manuais penitenciais.

Entre os séculos XII e XIII, está localizado o período da teologia cristã escolástica, durante o qual surgiram dois expoentes da igreja cristã com uma visão menos pessimista da sexualidade: Santo Alberto Magno e São Tomás de Aquino. Eles deram contribuição quanto a possibilidade da relação conjugal e prazer não serem incompatíveis:

A contribuição fundamental de Santo Alberto é ter colocado em relevo, sob a influência de Aristóteles, o caráter natural e honesto do sexo, da relação conjugal e do prazer que, de uma maneira normal, acompanha o exercício de toda função natural. Com ele, entra na moral o suporte “natural”, a base antropológica, como dizemos hoje, da ética sexual, Prova que a “virtude gerativa” é uma “*virtus naturalis*” e que, por conseguinte, o ato conjugal é bom e necessário. São Tomás de Aquino participa de idêntico otimismo e da mesma visão positiva da sexualidade. Entende a relação sexual como uma realidade natural, que não precisa de uma ulterior justificação, contanto que tenha como finalidade a procriação dentro do matrimônio⁴¹.

Apesar de São Tomás de Aquino⁴² ter sido favorável ao prazer nas relações sexuais, até então não compreendidas a não ser com a finalidade de procriação, ele não abriu mão da sua finalidade procriadora. É com base na procriação que ele classifica os pecados sexuais em

³⁷ Aqui se usa a palavra sodomia para atos entre pessoas do mesmo sexo, embora o termo não seja muito adequado por se referir aos atos heterossexuais de humilhação dos estrangeiros em Gn19, 5, é normalmente utilizada indistintamente á homossexualidade, como expresso em WINK, Walter et al. *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo, SP: Fonte Editorial Ltda., 2008, p. 9.

³⁸ PIERONI, 2006, p. 134.

³⁹ PIERONI, 2006, P. 134.

⁴⁰ VIDAL, 2008, p. 45.

⁴¹ VIDAL, 2008, p. 49.

⁴² Tomás de Aquino (1225-1274) foi presbítero e Doutor da Igreja.

escala ascendente de gravidade: poluição ou masturbação voluntária, bestialidade, sodomia e viciamento do ato sexual - todos privam a finalidade natural de procriação por isso são pecados graves⁴³. Para ele outros pecados eram menos graves: a fornicação simples, o adultério, a violação e o incesto porque não excluía a procriação. A masturbação voluntária nesta escala e neste contexto é considerada mais grave do que o incesto⁴⁴.

A partir do século XIII na Igreja Católica teve início a caça às feiticeiras e nesta época a questão sexual foi bastante presente⁴⁵, vigiada e regulamentada. Foi época da Inquisição Católica, o Santo Ofício da Inquisição. Doze séculos depois de Agostinho, o “indigno pecado” da sodomia era um crime inadmissível, era tido como um pecado abominável, horrível, detestável, execrável, infame e “contra natura”. Os inquisidores portugueses⁴⁶ o tinham como “pecado nefando”. Os sodomitas eram condenados à pena de morte, eram queimados, tornados pó para que não houvesse sepultura e nem memória do condenado⁴⁷. O Santo Ofício entendia que tal pecado clamava vingança do Céu e o Céu respondia com enxofre e fogo: “...a cólera de Deus é tão grande contra esse pecado, que ele envia a peste, a fome e terremotos para punir os culpados”⁴⁸.

Com a descoberta pelos portugueses, no séc. XVI, das terras brasileiras, o Brasil passou a receber parte dos pecadores que, escapando da pena capital do Santo Ofício, eles eram degredados para terras distantes. O Brasil se tornou purgatório para os pecadores condenados pela Inquisição portuguesa.

Manhã do dia 30 de maio de 1645. A população de Lisboa encontra-se muito impaciente. Homens, crianças e, principalmente mulheres deixaram seus afazeres e lares para assistir a um grande espetáculo – popular e gratuito – nas ruas da cidade: 23 sodomitas condenados pelo Santo Ofício seriam açoitados[...] Agitado, o povo espera o desfile dos fanchonos⁴⁹, contudo, não saíram. Decepcionada a multidão dispersa-se. Todos sentiram, principalmente as mulheres, o fato de não se executar todo o castigo neles.” [...] Nessa solenidade, especialmente consagrada aos “pecadores contra natura”, cinco homens foram condenados a degredo para o Brasil.⁵⁰

⁴³ VIDAL, 2008, p. 50.

⁴⁴ VIDAL, 2008, p. 50.

⁴⁵ A inquisição regulamentou varias atitudes da vida dos fiéis, cultos, ritos, idéias e muitas mais. Neste trabalho interessa-nos em particular a perseguição aos “sodomitas”.

⁴⁶ Abordamos de forma especial a inquisição portuguesa, em razão de o Brasil ter sido colonizado por Portugal. A inquisição Ibérica teve reflexo direto no Brasil. Naquela época o Brasil era um dos “purgatórios” para a Inquisição Ibérica, era lugar de degredo para “pecadores”, conforme citado em PIERONI, 2006, p. 10.

⁴⁷ PIERONI, 2006, p. 136

⁴⁸ Lê dictionnaire dès inquisiteurs, p. 408, apud PIERONI, 2006, p. 134.

⁴⁹ Fanchono ou fanchão, vocábulo utilizado em Portugal para designar os sodomitas.

⁵⁰ PIERONI, 2006, p. 134.

A sodomia era considerada um crime imperdoável, era equiparado ao de heresia, de lesa-majestade e a da falsidade. Em 1697, em Braga, o arcebispo o afirmou como horrendo, o nefando pecado que seria punido com a morte em todo o tempo.

No século XVII, os sodomitas eram objetos de ultraje popular, eram discriminados pelos marinheiros e viajantes, sofriam agressões e humilhações, eram acusados de serem os responsáveis pela cólera divina quando de tempestades.

Quando da “visitação” do Santo Ofício à Bahia e a Pernambuco, 101 homens e 29 mulheres, acusados de praticar o nefando tiveram seus nomes registrados nos cadernos das confissões e das denúncias. Para os inquisidores a heresia da sodomia residia na profanação da ordem natural:

Na profanação da ordem natural determinada pela criação cósmica: um só homem e uma só mulher unidos por Deus mediante o sacramento do matrimônio. A relação sexual entre esposos, objetivando a procriação, é a única prática legítima. A prática sodomítica condenada pelos tribunais inquisitoriais era a expressão máxima da luxúria; a maior violência que se podia cometer contra Deus por meio da natureza que Ele criou⁵¹.

Aqui aparece outro termo atualmente encontrado no Catecismo da Igreja Católica para justificar o repúdio à homossexualidade: a natureza. A homossexualidade é considerada em alguns ambientes como contrária à natureza:

Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que "os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados". São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados⁵².

1.1.2 Pecado contra natura

O paradigma que orienta o pensamento ético do catolicismo romano chama-se de lei ou direito natural, diz o teólogo Roy H. May⁵³, citando a explicação do papa João Paulo II:

A lei moral provém de Deus e n'Ele sempre tem sua origem. Em virtude da razão natural, que deriva da sabedoria divina, a lei moral é, ao mesmo tempo, a lei própria do homem [sic][...] Neste contexto, como expressão humana da lei de Deus, situa-se

⁵¹ PIERONI, 2006, p. 146.

⁵² CIC, 1999. 2357, p. 610.

⁵³ MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2008, p. 98.

a lei natural [...] Com efeito, a força da lei reside em sua autoridade de impor certos deveres, outorgar certos direitos e sancionar certos comportamentos⁵⁴.

De acordo com a declaração do Papa, continua May, a lei natural dita que Deus, na criação do mundo, estabeleceu uma ordem correta como fonte e critério de toda relação e atuação humanas. Essa lei natural é anterior a todo o esforço humano, é eterna e universal. Existe correspondência entre o que é “natural” e o que é “ético”. A idéia da lei natural tem uma longa história na tradição filosófica e tem suas raízes no pensamento aristotélico. Ela entra no pensamento católico principalmente por meio do trabalho filosófico de Tomás de Aquino⁵⁵ como visto anteriormente.

De acordo com os ensinamentos oficiais da Igreja, a união e a procriação na vida sexual humana não devem ser separadas. A atividade sexual é um desígnio de Deus para unir dois parceiros complementares, homem e mulher, no amor.

Para os ditames das igrejas cristãs, a família composta por marido, mulher e criança(s) é a base para uma sociedade saudável, nessa visão não existe lugar para os homossexuais. O Catecismo da Igreja Católica (2.333) clama que todos reconheçam e aceitem suas identidades sexuais⁵⁶, mas também chama a tendência homossexual de “objetivamente desviada” e declara as práticas homossexuais contrárias à lei natural.

Santo Agostinho, por volta do século IV, entendia que a forma original da natureza humana antes do aparecimento do pecado, não tinha nada de irracional ou espontâneo, em especial quanto à atividade sexual. Antes da queda, os órgãos genitais dos seres humanos estavam sempre “às ordens” e “sob seu controle”. Quando desejavam procriar, as pessoas decidiam pela excitação sexual. Desejos, impulsos e movimentos sexuais nunca ocorriam em ocasiões inesperadas e inconvenientes⁵⁷.

Agostinho acrescenta que embora a experiência real das relações sexuais possa na verdade ter sido prazerosa antes da queda, os seres humanos não eram assombrados nem perseguidos pela lembrança desse prazer. Depois que os seres humanos infringiram a lei de Deus, o corpo humano rebelou-se por sua vez contra a lei da razão humana, e a sexualidade passou a ser uma ameaça. Agostinho e sua percepção do sexo influenciam até hoje as

⁵⁴ JUAN PABLO II. *Carta encíclica Veritatis Splendor*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1993, p. 63, 68s. Apud MAY, 2008, p. 98.

⁵⁵ MAY, 2008, p. 99.

⁵⁶ CIC, 1999, p. 605.

⁵⁷ GENOVESI, 2008, p. 118.

reflexões da igreja ocidental⁵⁸. Para a Igreja Católica, e outras igrejas cristãs, reconhecer a finalidade ou o propósito da faculdade sexual é considerado referência crítica para a moralidade sexual.

O conhecimento parcial da biologia aumentava a importância que os teólogos davam aos aspectos físicos relacionados à procriação e à sexualidade. Apenas no final do século XVII foi descoberto o espermatozóide e a única palavra usada para se referir aos meios de procriação era “sêmen” (semente), o que revela a crença de que o homem era o único elemento ativo na reprodução⁵⁹.

Acreditava-se, até então, que para surgir a nova vida bastava que a “semente” fosse plantada em lugar fecundo proporcionado pela mulher. Essa idéia explica a importância dada ao sêmen humano, pois o sêmen continha o novo ser em miniatura (*homunculus*). O óvulo apenas foi descoberto em 1875 e pode ser mostrado que a nova vida resultava da união dos núcleos do óvulo e do espermatozóide. Esta descoberta aliada a de que as mulheres não são férteis durante a maior parte de seu ciclo, esclareceu que nem todo ato conjugal inclui a possibilidade de procriação⁶⁰. Os filósofos e teólogos que não tinham esse conhecimento inclinavam-se naturalmente a atribuir grande valor ao sêmen humano e a ver uma ligação muito forte ou estreita entre o ato sexual individual e a procriação.

Atualmente se critica a “lei natural” da sexualidade por três razões: primeiro ela vê a sexualidade exclusivamente em termos dos processos físicos envolvidos não dando importância aos fatores afetivos e psicológicos do sexo, que são tão importantes quanto o físico; segundo, o ato sexual físico é visto isolado da pessoa que pratica o ato; e por último atribui-se uma ligação estreita demais entre todo o ato sexual e a procriação. A tendência hoje é ter uma concepção mais pessoal e relacional da sexualidade humana, que não se concentra tão exclusivamente em uma análise sexual em si.

1.2 Corpo doente

A Igreja Católica que entre o século XVI e início do século XVII, tinha o poder pastoral da sociedade e se preocupava em demasia com a questão da sexualidade (em especial com os pecados da carne e os descaminhos da vida virtuosa), foi perdendo seu lugar para a medicina. A partir do século XVIII um novo cuidado passou a existir, centrado na carne,

⁵⁸ GENOVESI, 2008, p. 119.

⁵⁹ GENOVESI, 2008, p. 121.

⁶⁰ GENOVESI, 2008, p. 122.

então transformada em corpo, o corpo doente, corpo também dotado de uma sexualidade⁶¹. O pastor e o padre foram substituídos pelo médico, a medicina assumiu o papel de controle ético e sexual⁶².

No final do século XIX e início do XX, a "diferença dos sexos" era uma idéia fundada na biologia humana. Falar de homens e mulheres estava implícito em aceitar a divisão dos seres humanos em "heterossexuais e homossexuais". Ser heterossexual dispensava explicações, já ser homossexual podia ser definido. Para Jurandir Freire Costa⁶³, em palestra transcrita por Aziel:

O "homossexual" era aquele que mostrava os desvios que o "instinto sexual" poderia tomar, quando atingido pela "degenerescência", teoria em voga na época. O "homossexual" passou a ocupar o lugar que a mulher ocupava até o século XVIII, isto é, passou a ser o "homem invertido"⁶⁴.

A palavra degenerescência vem de degeneração, ato ou efeito de degenerar. A medicina utiliza a palavra para indicar a alteração de um tecido, de uma célula ou de um aparelho que ocasiona a perda de suas características funcionais⁶⁵. A teoria da degenerescência coloca em pauta a idéia de uma predisposição, de natureza hereditária ou adquirida, que constitui uma condição de fragilidade fundamental do indivíduo. Quando este se encontra exposto a situações de desequilíbrio ou de tensão, biológicas ou sociais, ocorreria com maior probabilidade a instalação positiva de estados psicopatológicos. A teoria da degenerescência foi rapidamente assimilada pelo pensamento psiquiátrico alemão. O recurso à idéia de "degenerescência" constituiu, ao longo do século XIX, uma das tentativas mais difundidas para a teorização da influência de fatores hereditários na doença mental. Na verdade, concepções hereditárias da psicopatologia foram propostas desde o início da psiquiatria como disciplina médica específica⁶⁶.

⁶¹ BRANCO, Guilherme Castelo. A construção do onanismo como vício. *Revista Mente e Cérebro & Filosofia: Foucault*. São Paulo: Duetto Editorial. V.4. 2. ed rev, 2011. p. 62.

⁶² BRANCO, 2011, p. 64.

⁶³ Jurandir Freire Costa é médico, e psicanalista, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

⁶⁴ COSTA, Jurandir Freire. A construção cultural da diferença entre os sexos. In *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, Publicação Semestral, Ano 2, Número 3, junho de 1995, pp. 3-8. Texto transcrito por Anna Paula Aziel a partir de palestra realizada no III Programa de Estudos em Sexualidade e Gênero. Guarda o estilo e a estrutura de uma comunicação em texto de fala. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/acompanhe/eventos/parlamento_jovem/2012/docs/construcao_cultural_diferenca_sexos.pdf>. Acesso em 30 mai 2012.

⁶⁵ LAROUSSE, Dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1992, p. 312.

⁶⁶ PEREIRA, Mario Eduardo Costa. De uma hereditariedade não-fatalista: o "endógeno" e *Typus melancholicus*, segundo Tellenbach. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano II, n. 4, 159-163, p. 160. Disponível em <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/dez9/9.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2012.

1.2.1 Degeneração

A medicina definia a homossexualidade, a partir do século XIX, como uma doença fisiológica causada por distúrbios genéticos ou biológicos.⁶⁷ “[...] a medicina começava a desenhar o perfil do “antifísico”: um tipo humano relacionado a determinadas formas de animalidades, dentre as quais as relações homoeróticas”⁶⁸.

A homossexualidade se tornou tema de estudo. O homossexual passou de pecador a doente e precisava ser tratado⁶⁹. O conhecido médico Ferraz de Macedo⁷⁰ escreveu sobre o tema e associava a aversão moral e religiosa ao homoerotismo com teorias científicas como a que atribui a homossexualidade a distúrbios psicológicos. Segundo o médico, esta aberração da natureza seria resultado de uma falta de escapes normais ou criação moral imprópria. O remédio para ela seria a moralidade.

Nessa época também a não reprodução e a infertilidade eram doença. Controlava-se qualquer forma desperdício de líquido seminal e qualquer forma de práticas solitárias de alcançar prazer, como onanismo e masturbação, inclusive entre crianças e adolescentes⁷¹.

1.2.2 Inversão

Voltando ao final do século XIX, outra forma de entender o homem e, conseqüentemente, sua sexualidade começou a se delinear. Neurologistas e psiquiatras apresentavam suas concepções sobre o funcionamento mental humano e a sexualidade passou a ser compreendida não apenas em seu aspecto físico, mas também psíquico.

No início do século XX, com a ascensão da psicanálise introduziu-se também o enfoque psicológico da homossexualidade, visão esta que é menos moralista, embora considere a homossexualidade como um distúrbio no desenvolvimento da sexualidade. Surgiram as teorias de Sigmund Freud⁷². Freud não considerava a orientação homossexual doença neurótica. Em 1935 ele escreveu:

⁶⁷ O senso religioso do homem estabelece uma ligação entre doença e pecado. VOIGT, 2002, p. 245.

⁶⁸ PRIORE, Mary del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 94.

⁶⁹ PRIORE, 2011, p. 95.

⁷⁰ Francisco Ferraz de Macedo nasceu em Parabela a 11 de Outubro de 1845 e faleceu em Lisboa a 18 de Outubro de 1907, foi farmacêutico, médico e antropólogo. Imigrante no Brasil, foi figura de relevo na colônia portuguesa do Rio de Janeiro, onde exerceu a medicina.

⁷¹ PRIORE, 2011, p. 99.

⁷² Sigmund Freud é considerado o pai da psicanálise.

Sem dúvida a homossexualidade não constitui nenhuma vantagem, mas não é razão para se envergonhar, nenhum vício, nenhuma degradação; não se classifica como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por certo impedimento na evolução sexual⁷³.

A homossexualidade passou a ser uma forma de imperfeição sexual, embora afirmar que uma pessoa não alcançou o grau mais completo de desenvolvimento sexual é diferente de dizer que esta pessoa é emocionalmente enferma, ou psicologicamente perturbada⁷⁴.

Sigmund Freud foi o primeiro a estudar a relação entre a sexualidade e o desenvolvimento físico e emocional. As necessidades sexuais no ser humano e no animal expressam-se na biologia por uma pulsão sexual, uma necessidade paralela à fome. A pulsão sexual está para a necessidade sexual como a fome está para a necessidade de nutrição. A “fome” sexual para a ciência denomina-se “libido”⁷⁵.

O imaginário popular a respeito desta pulsão sexual se expressa na divisão dos seres humanos em duas metades que se unem no amor. Apenas o homem e a mulher se completam no amor. Houve, apesar disso, a tomada de conhecimento de que há casos onde homens buscam como objeto sexual outro homem e não uma mulher, bem como de mulheres que buscam outra mulher ao invés de um homem para esta parceria amorosa.

Este fato levou à conclusão de que existia neste fato o “sexo contrário”, ou melhor, as pessoas eram “invertidas” e deram o nome a esta forma diferente de comportamento sexual de “inversão”⁷⁶. As pessoas que sofriam de inversão eram estudadas e classificadas, algumas aceitavam sua condição, outras não.

Os invertidos mostram ainda um comportamento variado no juízo que fazem da peculiaridade de sua pulsão sexual. Alguns aceitam a inversão como algo natural, tal como os normais aceitam a orientação de sua libido, e defendem energicamente sua igualdade de direitos com os normais. Outros, porém, rebelam-se contra o fato de sua inversão e a sentem como uma compulsão patológica.⁷⁷

Até meados do século XX, a homossexualidade era considerada resultado de traumas emocionais nos primeiros anos de vida, ou produto de uma família “doente”. Era colocada como transtorno emocional ou mental que afetava a estrutura inteira da personalidade e deixava a pessoa incapaz de integrar-se na cultura. A homossexualidade, em razão, disso foi

⁷³ Sigmund FREUD, Letter to an American Mother, apud Hendrick RUISTEENBEEK (Org). The Problem of Homosexuality in Modern Society, New York, Dutton, 1963, 1-2, apud GENOVESI, 2008, p. 255.

⁷⁴ GENOVESI, 2008, p. 255.

⁷⁵ FREUD, Sigmund. *Um caso de Histeria: Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 128.

⁷⁶ FREUD, 2006, p. 129.

⁷⁷ FREUD, 2006, p. 130.

incluída pela Associação de Psiquiatria como transtorno mental. Em 1973, a mesma Associação desclassificou-a como transtorno mental no seu manual de doenças mentais. Embora não houvesse consenso, a maioria da associação apoiou a decisão⁷⁸.

Atualmente, a resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) n. 001/99, de 22 de março de 1999 proíbe aos psicólogos de exercerem “qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas” e a adoção de “ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados”⁷⁹.

1.3 Preconceito

Em alguns países ocidentais, nas últimas décadas, surgiram normas para coibir a discriminação e resguardar legalmente alguns direitos aos homossexuais. Em outros tais práticas são punidas severamente. O juiz malawiano Nyakwawa Usiwa, ao condenar dois jovens homossexuais em 2010, declarou:

‘A pena a que vos condeno destina-se a meter medo de forma a proteger o público de pessoas como vocês para que não sejamos tentados a reproduzir este exemplo horrível’. Foi com estas palavras muito duras que o juiz malawiano Nyakwawa Usiwa anunciou a condenação a 14 anos de prisão de um casal homossexual. Presos desde Dezembro por "indecência" e ‘actos não naturais’, Steven Monjeza, de 26 anos, e Tiwonge Chimbalanga, de 20, foram também condenados a trabalhos forçados. ‘O Malawi não está preparado para ver os seus filhos casarem com os seus filhos’, acrescentou Usiwa, após a leitura da sentença⁸⁰.

Quando manchetes de jornais e revistas mostram as conquistas dos homossexuais, como: os direitos civis que começam a ser adquiridos por meio de legislações específicas; a inclusão de casais gays e lésbicas nas tramas das telenovelas em horário nobre; o aumento da visibilidade de homossexuais que “saem do armário” e fazem parte da nossa rede de amigos, somos levados a crer que o tempo da homofobia está superado. Esse pode ser um pensamento apressado⁸¹ e não condiz com a realidade.

O historiador Guilherme Passamani vê a “novela das oito” como uma importante ferramenta midiática de formação de opinião no Brasil, entende que na história recente das

⁷⁸ FARRIS, James Reaves. Homossexualidade como conflito social: duas perspectivas cristãs. In: SCHEUNEMANN, Arno V.; ROOSE, Anete (org). *Homossexualidade, conjugalidade e violência: alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos, 2005, P.58/59.

⁷⁹ OLIVEIRA, José L. Moreira de. *Acompanhamento das vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 11.

⁸⁰ ND Globo, 21 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1574918&seccao=%C1frica> Acesso em 30 abr. 2012.

⁸¹ PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *O arco-iris (dês)coberto*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p. 134.

telenovelas o tema da homossexualidade tem sido inserido neste programa de TV de forma progressiva e isso tem sua importância. Ele lembra a clássica novela “A Próxima Vítima”, de 1995, novela de Silvio de Abreu, que trouxe a discussão de forma muito clara ao apresentar o casal gay Sandrinho e Jéferson (André Gonçalves e Luis Mendes). A receptividade do público foi muito ruim. Os atores eram agredidos na rua. Em Torre de Babel (1998), as personagens de Silvia Pfeifer e Christiane Torloni precisaram morrer queimadas em razão da não aceitação pelo público. Com o tempo, as personagens não mais morrem, não fazem sexo é verdade, nem ao menos se beijam, mas a discussão já adentra os lares das famílias brasileiras⁸². Nos últimos anos vem crescendo a abordagem da condição homossexual nas telenovelas brasileiras no horário nobre.

Essa exposição do tema o faz entrar nos lares brasileiros de todas as classes sociais e suscita curiosidade, discussão e reflexão tanto na sociedade, como na família.

O Brasil, um país oficialmente católico até bem pouco tempo, tem a maioria de sua população confessadamente cristã, católica ou evangélica, que consciente ou inconscientemente, tem a moral cristã como modelo de comportamento. Herança da colonização portuguesa, o catolicismo entrou no país em 1500, foi religião oficial do país desde a sua primeira Constituição, em 1824. A liberdade religiosa foi instituída por decreto em 1890 e passou a constar na Constituição Brasileira⁸³ desde 1891⁸⁴.

Na Igreja Católica, por exemplo, alguns julgamentos morais negativos sobre as práticas homossexuais são firmados ainda hoje. Neles faz-se uma distinção importante entre condição homossexual e prática homossexual. Não pregam que ser gay ou lésbica é pecaminoso, mas ditam que a prática homossexual é “objetivamente desviante” e deve ser excluída da vida da pessoa.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadores da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã⁸⁵.

⁸² PASSAMANI, p. 70.

⁸³ Constituição da República Federativa do Brasil, Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, incisos de VI a VIII. 1988. <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/julio05.pdf>> . Acesso em 5 mai. 2012 às 23h.

⁸⁴ BUSIN, Valéria Melki. Religião Sexualidade e gênero. *REVER- Revista de estudo da religião*. Ano 11, n. 1, jan/jun, 2001. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032/4378>>, p. 106. Acesso em 1 mai. 2012.

⁸⁵ CIC 2359, 1999, p. 611.

Oliveira, teólogo da Igreja Católica, observa que: “temos que partir do princípio que nem todas as pessoas têm o carisma do celibato. Por isso pode acontecer que um homossexual não consiga permanecer sem a convivência com alguém”⁸⁶.

A mensagem pregada pela maioria das igrejas cristãs sobre o pecado da homossexualidade não é bem aceita por aqueles que estão neste padrão de sexualidade. Alguns deles amam a Igreja, querem que sua igreja os ame e os aceite como são⁸⁷. Esse tipo de posicionamento das igrejas faz com que o homossexual não se sinta parte dela. A igreja não teria lugar para eles.

A visão negativa da Igreja sobre os relacionamentos não heterossexuais também causa profunda dor para os pais de gays e lésbicas, católicos e cristãos. Este sentimento se externa de duas formas: ou eles permanecem na igreja e tentam mudar a visão dessa a respeito desses relacionamentos ou eles abandonam a comunidade.

Uma pesquisa realizada pelo departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo – USP na “Parada Gay” de São Paulo, no ano de 2005, nos traz a porcentagem comparativa entre a religião em que o homossexual foi criado (a) e qual a religião que ele ou ela à época freqüentava, (Anexo III). Para os criados na religião católica (73,6% dos entrevistados) apenas 28,5 permanecem na igreja. Dos evangélicos, presentes na mesma pesquisa (12%), apenas 5,8% permaneceram na sua igreja. A pesquisa apresenta um acréscimo significativo entre os sem religião, pois aqueles que não foram educados em nenhuma religião (5,4%) chegaram a 40,8% dos entrevistados, indicando que muitos dos criados em alguma religião a abandonaram⁸⁸.

Para a Igreja Católica o ser homossexual em si não representa nenhum pecado e nenhuma culpa, assim como ser heterossexual não é garantia de perfeição e de santidade, explica Oliveira⁸⁹. Na visão dele, o que a Bíblia não aprova é um determinado tipo de prática

⁸⁶ OLIVEIRA, 2007, p. 73.

⁸⁷ NILSON, Jon. A igreja e os desafios da diversidade sexual. *IHU ON LINE*. Disponível em: <www.unisinos.br/IHU>, 9 de out. de 2006, p. 13. Acesso em 11 jul.2011.

⁸⁸ Pesquisa realizada pelo Núcleo de estudos de Gênero Pagu/Unicamp. Departamento de Antropologia/USP. Coordenada por Sérgio Carrara (UERJ/CNPq), Sílvia Ramos (CESeC/UCAM), Júlio Assis Simões (USP/UNICAMP) e Regina Facchini (APOGLBT-SP/UNICAMP). São Paulo, 2005, in CARRARA, Sérgio. *Política, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT*. São Paulo 2005/coordenação Sérgio Carrara, Regina Facchini, Júlio Simões, Sílvia Ramos – Rio de Janeiro: CEPESC, 2006, p. 24. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/julio05.pdf>> Acesso em 2 mai. 2012.

⁸⁹ José Lisboa Oliveira é doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma.

homossexual, aquela que inverte e perverte a dinâmica da sexualidade humana desejada pelo Criador⁹⁰.

Uma leitura do CIC de maneira mais favorável seria possível se não entendêssemos a *priori* que tais documentos discriminam a homossexualidade, essa é uma proposta de Oliveira. Ele acrescenta que a Igreja Católica não condena as pessoas homossexuais⁹¹, pois isso não se trata de uma escolha proveniente de uma decisão livre, consciente e responsável. Os textos são contra os atos homossexuais desordenados que se fecham àquela vocação primeira do homem e da mulher, rompendo a comunhão verdadeira e a abertura ao dom da vida.

Analisando o entendimento de Oliveira podemos deduzir, juntamente com Patrícia Jung⁹², teóloga leiga católica, que a Igreja Católica Romana é ambígua em seus ensinamentos.

Por um lado a Igreja condena os maus-tratos verbais e os ataques violentos contra pessoas homossexuais, como podemos verificar no documento da Congregação do Vaticano para a Doutrina da Fé – CDF de 1986, “Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre cuidado pastoral das pessoas homossexuais” – PCHP, onde lemos que: é deplorável pessoas homossexuais serem vítimas de expressões malévolas e de ações violentas. Enfatiza que este tratamento merece condenação dos pastores da Igreja sempre que ocorrer. Por outro lado, a mesma Igreja defende um ideal sexual heterocêntrico e concorda com algumas formas de discriminação com base na orientação sexual. Para Jung, estas mensagens da Igreja Católica não vêm de um ensinamento “confuso” ou “incoerente”, mas de distinção cuidadosamente expressas para dar força a um ensinamento bastante coerente, estabelecendo a possibilidade de que algumas políticas heterossexistas venham a ser consideradas não apenas justas como também necessárias⁹³.

Logo, a CDF concluiu que todas as instituições vinculadas a Igreja devem retirar seu apoio a organizações “que busquem solapar o ensinamento da Igreja, que tenham uma postura ambígua com relação a ele ou que o desprezem por completo”.

⁹⁰ OLIVEIRA, 2007, p. 13.

⁹¹ OLIVEIRA, 2007, p. 13.

⁹² JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs) *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, SP: Loyola, 2005, p. 11-13.

⁹³ JUNG, 2005, p.13.

Ainda que de modo geral considerada dotada de menor autoridade, a SCC do Vaticano declara que a discriminação fundada na orientação sexual é “não apenas justa como moralmente exigida” em vários campos⁹⁴.

Algumas políticas onde a Igreja Católica defende a discriminação são: a entrega de crianças para adoção e para receber cuidados por pessoas que não são seus pais, o emprego de professores e treinadores esportivos, o recrutamento militar e mesmo a habitação. O Vaticano presume que pessoas homossexuais representam uma real ameaça ao bem comum⁹⁵.

1.3.1 Conseqüências sociais do preconceito

A hostilidade contra as práticas homossexuais é bem antiga e como já vimos não só por parte da igreja cristã. A sociedade, influenciada ou não pela moral sexual cristã, internalizou e leva adiante o preconceito contra homossexuais. A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 5º, reza que não deve haver distinção de raça, sexo, idade e origem, a promoção do bem-estar é para todos e todas, mas na realidade ser ou não ser homossexual ainda é bem mais aflitivo do que ser negro, deficiente físico ou mulher.

Sem dúvidas o preconceito contra homossexuais no mundo ocidental foi construído no passar dos tempos; ele é uma construção histórica e com isso pode apresentar várias formas. As novas concepções tanto da ciência quanto da psicologia não substituem as concepções já cristalizadas, e até em alguns casos reforçam as concepções tradicionais mais moralistas. O homossexual é o “diferente”.

Apesar dos psicólogos não verem mais a homossexualidade como doença psicológica, e entenderem que não é necessária sua reversão por meio de tratamento, algumas igrejas cristãs, com a participação ativa de psicólogos, criam serviços de recuperação de homossexuais, prometendo que o acometido de tal “distúrbio” retornará à verdadeira natureza humana. No Brasil temos o grupo “Exodus”, uma organização cristã interdenominacional que é um braço do internacional da Exodus Global Alliance⁹⁶. O grupo reconhece a pecaminosidade dos atos homossexuais em quaisquer de suas formas, de acordo com as Escrituras, e crê na redenção e libertação oferecidas por Jesus Cristo a todos os que O buscam. O trabalho do grupo Exodus consiste em preparar a igreja para trabalhar com a

⁹⁴ JUNG 2005. p. 13.

⁹⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA FA FÉ. Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais, 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html>, acesso em 22 fev.2012.

⁹⁶ <http://gospel.portaldeblogs.com/tag/grupo-exodus-brasil>. Acesso em 25 mai. 2012.

questão da homossexualidade. Oferecem treinamento e orientação, com base bíblica, para a formação de ministérios que orientam pessoas que querem deixar esse tipo de prática. A organização promove seminários e um congresso anual no Brasil.

Leis não conseguem mudar idéias e preconceitos construídos e nutridos por séculos. É fácil conferir isso buscando nos noticiários e jornais de grande circulação atos de violência contra os homossexuais, tanto no Brasil quanto no mundo. A palavra hoje mais utilizada para este tipo de preconceito é homofobia.

1.3.2 Homofobia

A palavra *fobia* denota um sentimento de medo, de aversão e repulsa; é uma manifestação emotiva. Ela é a mesma palavra que aparece em “claustrofobia”, medo de lugares fechados. Em homofobia ela dá o tom de medo de homossexuais. Este termo não abarca todo o fenômeno⁹⁷. Muitas vezes a atitude homofóbica encontra sua origem em conflitos pessoais, que são estudados pela psicologia.

A fobia identifica um objeto ou pessoa causadora do medo, no caso o homossexual. Os medos existentes nas pessoas levam a processos de produção do “inimigo”. Pode ser que se tema o adversário em razão da possibilidade de que inflija um dano físico ou por medo das diferenças. Tais diferenças podem ser de caráter, raça ou credo, ou talvez procedam de preconceitos em razão dos estereótipos que se recebe mediante os meios de comunicação e outras fontes. Em geral, foi-se preparado para agir com suspeição diante dos que são diferentes, escreve Guimarães⁹⁸.

Presente e consentida na escola, a homofobia se expressa pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse "contagiosa", cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é muitas vezes uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as. O/A homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar "outras" identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O

⁹⁷ BORRILLO, 2009, p. 20.

⁹⁸ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um mundo novo é possível: Dez boas maneiras para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 34.

que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não-legitimadas são alvos de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo⁹⁹.

A palavra “homofobia” é utilizada para expressar atitude de hostilidade para com o homossexual. Ela é uma manifestação onde se qualifica o outro como contrário, inferior ou anormal. Relega o homossexual à marginalidade, classifica-o como bizarro, estranho, desordenado, o diferente, aquele ou aquela pessoa com quem não se quer ser identificado.

A homofobia torna-se uma guardiã das fronteiras sexuais (hetero/homo) e de gênero (masculino/feminino). É por essa razão que os homossexuais não são mais as únicas vítimas da violência homofóbica, que se dirige também a todos os que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais que têm personalidade forte, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade¹⁰⁰.

Enquanto a heterossexualidade é definida pelo dicionário como a sexualidade (considerada normal) do heterossexual, na maioria dos dicionários de sinônimos a palavra “heterossexualidade” nem sequer aparece; por outro lado, androgamia, androfilia, homofilia, inversão, pederastia, pedofilia, socratismo, uranismo, androfobia, lesbianismo, safismo e tribadismo são propostos como equivalentes ao termo “homossexualidade”. Essa desproporção lingüística revela uma operação ideológica que consiste em definir excessivamente aquilo que aparece como problemático e deixar implícito o que se pretende evidente e natural¹⁰¹.

Os verbetes dos dicionários tomados como exemplos indicam o quanto a injúria homofóbica está presente nas relações sociais e naturalizada nos atos de linguagem¹⁰². Somente no final dos anos 1990 se registrou pela primeira vez nos dicionários o termo “homofobia”.

⁹⁹ LOURO, Guaraci Lopes. *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2000, p. 30. Disponível em: <<http://www.autenticaeditora.com.br/download/capitulo/20090504102217.pdf>>. Acesso 16 mar. 2012.

¹⁰⁰ BORRILLO, 2009, p. 18.

¹⁰¹ BORRILLO, Daniel. *Homofobia: historia e critica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira – Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 15. Disponível em: <http://www.autenticaeditora.com.br/autentica/homofobia_-_historia_e_critica_de_um_preconceito/574>. Acesso em 12 mai. 2012.

¹⁰² LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.) *Homofobia e Educação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 58.

Na homofobia encontramos duas dimensões: uma pessoal de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição aos homossexuais, e uma dimensão cultural de natureza cognitiva, na qual não é o indivíduo homossexual que é rejeitado, mas a própria homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Atentando para este fato podemos entender porque algumas comunidades ou alguns setores da sociedade podem ao mesmo tempo tolerar ou até mesmo simpatizar com os homossexuais enquanto entendem inaceitável políticas que tentam promover sua igualdade com os heterossexuais ou que os beneficie ¹⁰³.

Tatiana Lionço e Débora Diniz¹⁰⁴ afirmam que a homofobia define-se como uma manifestação perversa e arbitrária da opressão e discriminação de práticas sexuais não heterossexuais ou de expressões de gênero distintas dos padrões hegemônicos do masculino e do feminino. Há várias expressões sociais da homofobia, desde os atos violentos de agressão física e restrição de direitos sociais até a imposição da exclusão às pessoas cujas práticas sexuais não são heterossexuais ¹⁰⁵.

Para existir a homofobia não é necessariamente a expressão de hostilidade irracional ou o ódio, um indivíduo pode se considerar amigo de homossexuais e justificar intelectualmente a superioridade da heterossexualidade.

[...] a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizes do masculino em direção ao feminino e vice versa, de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “gênero certo”. No momento em que se pronuncia “veado!”, em geral, o que se faz é mais que especular sobre a verdadeira orientação sexual da pessoa: é denunciar um não-respeito aos atributos masculinos “naturais”. Ou, quando se trata alguém de “homossexual”, denuncia-se sua condição de traidor e desertor do gênero ao qual ele ou ela pertence “naturalmente” ¹⁰⁶.

Um filme exibido na TV norte-americana, no canal Lifetime, que pode ser considerado um canal para donas-de-casa, dá uma idéia de onde pode chegar a ação do preconceito e a homofobia contra os homossexuais, podendo levar à morte. Este filme, “Uma oração para Bobby” ¹⁰⁷, retrata a história verídica de um rapaz homossexual que se suicida em razão do preconceito em sua própria casa.

¹⁰³ BORRILLO, 2009, p 19.

¹⁰⁴ Tatiana Lionço é pesquisadora do Instituto de Bioética, Direitos humanos e Gênero e Débora Diniz professora da UNB. No artigo “Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual” comentam sobre a omissão da questão de gênero e da discriminação do homossexual no ambiente escolar e nos livros didáticos. Para elas a homofobia é subestimada em seus efeitos nas crianças e adolescentes.

¹⁰⁵ LIONÇO, 2009, p. 52.

¹⁰⁶ BORRILLO, 2009, p. 22.

¹⁰⁷ Filme Prayers for Bobby. Direção de Russel Mulcahy, Estados Unidos, 2009.

"Eu não posso deixar que ninguém saiba que eu não sou hétero. Isso seria tão humilhante. Meus amigos iriam me odiar, com certeza. Eles poderiam até me bater. Na minha família, já ouvi várias vezes eles falando que odeiam os gays, que Deus odeia os gays também. Isso realmente me apavora quando escuto minha família falando desse jeito, porque eles estão realmente falando de mim... Às vezes eu gostaria de desaparecer da face da Terra."

Estas palavras estão escritas no diário de Bobby Griffith, quando tinha 16 anos. A sua mãe, Mary Griffith, interpretada por Sigourney Weaver, quando soube da direção sexual do filho se dispôs a procurar ajuda para "curar" o filho com base na religião e terapias. O filme espelha ainda hoje a realidade de muitas e muitos jovens sabedores de sua homossexualidade. Bobby pulou de um viaduto abreviando seu sofrimento. Mary após a morte do filho questiona a si mesma e ao fundamentalismo religioso, redime-se da sua posição homofóbica tornando-se uma defensora dos direitos GLBT.

Fernando Silva T. Filho¹⁰⁸ e Carina Alexandra R. Marretto¹⁰⁹ em sua pesquisa na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Assis, intitulada "Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências"¹¹⁰ relataram que nos Estados Unidos os jovens homossexuais de ambos os sexos representam um terço de todos os suicídios juvenis, enquanto os homossexuais constituem no máximo 5 a 6% da população. Um em cada três homossexuais tentou suicídio ao menos uma vez.

No Brasil, a pesquisa apresentada por Malu Fontes¹¹¹ retrata a realidade do número de homossexuais assassinados:

A imagem atribuída pelo senso comum aos homossexuais conduz a formas de discriminação radicais. A homofobia adquire contornos de violência em níveis tais que levam o país a deter o título de campeão mundial de assassinatos de pessoas consideradas de sexualidades não-hegemônicas. Atribuem-se ao Brasil cerca de 150 assassinatos anuais por discriminação sexual, o que equivale a uma média de um homicídio dessa natureza a cada três dias¹¹².

A análise desse filme "Uma oração para Bobby" mostra que as famílias precisam compreender melhor a homossexualidade para prevenir tragédias como a retratada no filme. Famílias de todos os credos e classes sociais ainda encurralam seus filhos homossexuais para quadros de depressão, revolta e desesperança. Vários estudos alertam que a taxa de suicídios é

¹⁰⁸ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁰⁹ Doutora em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora assistente doutora da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis. Atua na área de Estatística Aplicada.

¹¹⁰ Pesquisa na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Assis. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/115/93>>. Acesso 1 mai. 2012.

¹¹¹ Malu Fontes é doutora em comunicação e professora da Universidade Federal da Bahia.

¹¹² FONTES, Malu. Ilustração do silêncio e da negação. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.) *Homofobia e Educação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 107.

explosiva entre jovens homossexuais, principalmente entre efeminados, usuários de álcool e drogas, que não resistem a tanta pressão e angústia.

Por fim, a homofobia pode ser um problema também para homens heterossexuais, pois os impede de ter amizades estreita com outros homens. Apesar dos homens se sentirem melhor com amizades masculinas, demonstra maior embaraço, especialmente frente a comentários do grupo onde estão inseridos do que mulheres em amizade com outras mulheres.

A homofobia constitui uma ameaça aos valores democráticos, promove a desigualdade entre indivíduos em função de seus desejos, encoraja a rigidez dos gêneros e favorece a hostilidade ao outro. As ações homofóbicas devem ser reprimidas, mas a ação repressiva será inócua se não acompanhada de tomada de consciência da gravidade do fenômeno e de ações educativas no sentido da promoção da igualdade entre os cidadãos¹¹³.

¹¹³ BORRILLO, 2009, p. 46.

2 SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE

A preocupação com a sexualidade marca presença em toda a história da humanidade. Ela está na literatura, nas lendas e nos mitos, nas artes e na religião. A sexualidade é uma energia que movimenta o mundo, mas é pouco compreendida. Antonio Moser indica que uma adequada abordagem da sexualidade deve contemplar, ao mesmo tempo, as pessoas na sua individualidade e as pessoas e sociedades nos seus múltiplos relacionamentos¹¹⁴.

O corpo humano é mais do que um corpo animal; não podemos nos contentar com uma interpretação biológica do ser humano. A sexualidade humana se expressa também pelo que se pode denominar de “corpo Espiritual”, pois no ser humano é o espírito que configura a corporeidade, estão presentes: aí a afetividade, o sentimento, a capacidade de amar e de odiar. É o amor que faz descobrir o sentido da sexualidade humana¹¹⁵. A sexualidade não se vincula só à transmissão da vida, mas a acompanha como um componente inseparável.

A sexualidade é uma das forças fundamentais na vida humana. Ela está presente em toda a existência individual e social do ser humano. Por isso, a sexualidade e a igreja, a fé, a teologia, a ética e a ação pastoral se interpenetram. As questões a respeito da relação entre sexualidade e a fé, ou o corpo e o espírito, vem sendo discutidas nas tradições do judaísmo e cristianismo durante quase 3 mil anos. São problemas complexos porque tocam em algumas das questões mais profundas da vida¹¹⁶. Pessoas homossexuais vítimas da domesticação do seu desejo, de sua corporeidade plena, forçadas a uma heterossexualidade artificial ou a uma vivência limitada da homossexualidade sofrem uma anulação da plenitude de seu ser¹¹⁷.

2.1 Sexualidade

A sexualidade sempre se estrutura em um corpo. A partir do nosso corpo nos descobrimos como seres sexuados. A partir da nossa concepção de corpo vamos ter um primeiro entendimento de nossa sexualidade.

¹¹⁴ MOSER, 2001, p. 7.

¹¹⁵ MOSER, 2009, p. 9.

¹¹⁶ FARRIS, 2005, p. 43.

¹¹⁷ ROESE, Anete. Espelho meu: há alguém neste mundo mais justo do que eu? Crítica e autocrítica para um diálogo com o “inimigo” – a homossexualidade. In: SCHEUNEMANN, Arno V.; ROOSE, Anete (org). *Homossexualidade, conjugalidade e violência: alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 103.

O historiador Peter Stearns¹¹⁸ observa que as atitudes referentes à sexualidade são diferentes de acordo com os contextos sociais distintos. A cultura sexual, os valores e as crenças aplicadas à sexualidade, obviamente mudam com o tempo¹¹⁹. Todas as sociedades possuem valores e os aplicam à sexualidade; o tema é importante demais para não gerar normas¹²⁰.

A sexualidade é uma das energias estruturantes do ser humano, ela perpassa toda a realidade humana. A profundidade e a abrangência da sexualidade humana são entendidas pela Igreja Católica, segundo Moser, da seguinte forma:

[...] a sexualidade caracteriza o homem e a mulher não somente no plano físico, como também, no psicológico e espiritual, marcando toda sua expressão [...]. Assim também se deve dizer que a sexualidade: está presente em todos os campos do agir humano, mas o ser humano não pode ser reduzido à sua sexualidade, por mais abrangente e profunda que esta seja considerada¹²¹.

2.1.1 Dimensões da Sexualidade

Moser classifica dois tipos de dimensões que influenciam na sexualidade. Para ele, na sexualidade há um conjunto de dimensões que podem ser consideradas mais estáveis e outras mais maleáveis. As primeiras, para serem mudadas, dependem de manipulação genética ou de outros expedientes mais ou menos sofisticados. Dentro desta dimensão estão o sexo genético, o sexo hormonal e a dimensão cerebral. As maleáveis são sempre e continuamente trabalhadas pelas várias mediações: família, religião, sociedade, escola, leis, sistema político, meios de comunicação, ideologias etc. É nesta segunda dimensão que atua a educação sexual e a ética. Neste grupo temos as dimensões sociocultural, psicológica, afetiva, político-ideológica, e religiosa e espiritual¹²².

A sexualidade expressada por um ser humano é resultado de vários fatos e fatores que o afetam durante sua vida. A começar por sua composição celular, cada célula do corpo de uma pessoa é sexuada. Age em seu corpo uma infinidade de hormônios que devem estar equilibrados; uma disfunção hormonal pode interferir na sua forma de expressar sua sexualidade. O fator biológico e o hormonal não podem ser desconsiderados em avaliações éticas.

¹¹⁸ Peter Stearns é PhD em historia em Harvard e professor da Universidade George Mason.

¹¹⁹ STEARNS, Peter N. *Historia da Sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 7.

¹²⁰ STEARNS, 2010, p. 9.

¹²¹ MOSER, 2001, p. 35-36.

¹²² MOSER, 2001. p. 37-44.

Além destes, também a dimensão cultural, com todas as suas ambiguidades, deve ser considerada. Uma das mais expressivas culturas latino-americanas, a chamada “literatura fantástica”, reúne um conjunto de autores de diversas latitudes em tempos diversos com originalidade narrativa, mas com algumas características comuns: trata-se de uma escrita sobre a realidade que não pretende ser um espelho da realidade mesmo¹²³. Um exemplo dessa literatura é o “Mito de Maca”: é apenas um mito, que como as parábolas, podem transmitir uma mensagem e traduzir o que Moser expõe sobre as dimensões maleáveis influenciarem a sexualidade:

Ela é nascida menina, criada numa família de homens bandoleiros, ladrões de gado, ela aprende a montar e a atirar como os irmãos. Como menino ela tem mais condições de sobreviver no mundo marginal da família. Uma vez numa prisão, outros homens vão descobrir a fêmea no corpo do jovem ladrão e abusam dela. Assim, a violência no corpo de Maca/Maco não é muito diferente da violência toda na terra ocupada, sua interdição. Maca vai aprender a usar desta ambigüidade na defesa de sua família, de seu grupo marginal e dela mesma¹²⁴.

As formas de expressão sexual antes do casamento, os papéis de homens e mulheres, a homofilia e outros são influenciados pelas culturas, tempos históricos e por vezes pelas religiões e podem variar entre as sociedades.

A identidade sexual, percebida pela psicologia e avaliada pelos aspectos biológicos, de gênero, de orientação sexual e de valores, e que está estreitamente ligada aos aspectos afetivos, emocionais, de sentimentos, e de paixões, têm reflexo muito importante na expressão sexual e não deve ser esquecida. Ela realça o ser humano como organismo e como pessoa.

Conclui-se com Tomita¹²⁵ que a sexualidade vai além de um conjunto de estímulos biológicos, pois a eles se agregam uma elaboração social que atua também dentro do campo de poder, normalizada sob influência do contexto sócio-político em que está inserida. Embora se tenha definido ao longo dos séculos que ela deve ser vivida de forma heterossexual, a discussão levantada nas últimas décadas sugere que essa forma uniforme não corresponde à realidade¹²⁶.

¹²³ PEREIRA, Nancy. A guerra silenciosa – de como @s Latino-american@s podem ser o que quiser. Concilium - Revista Internacional de Teologia n. 324, *Homossexualidades*, 2008/1 p. 52.

¹²⁴ PEREIRA, , 2008/1 p. 52. Integra do Mito de Maca no Anexo I.

¹²⁵ TOMITA, Luiza Etsuko. Alguns pontos para reflexão no debate ético-teológico sobre a homossexualidade. *Revista Mandrágora*, ano 5, n. 5. São Paulo: UMEESP, 1999, p. 15.

¹²⁶ MUSSKOPF, 2006, p. 153.

2.1.2 *Religião, espiritualidade e sexualidade*

Não se encontra na Bíblia nenhum tratado sobre sexualidade, embora a “Palavra de Deus” possibilite a descoberta de um “evangelho da sexualidade”¹²⁷. Isso Ela o faz lançando luz sobre a verdade da sexualidade: o amor pelo qual e para o a qual somos chamados.

Sexualidade e religião são palavras que têm significação muito forte. Elas são as duas energias mais determinantes do ser humano. Ambas têm o estranho poder de acordar uma onda de sentimentos contraditórios e de questões desconcertantes, fascinam, atemorizam¹²⁸. Muitas das primeiras sociedades humanas equiparavam a experiência sexual e religiosa, relata o historiador Peter Stearns¹²⁹.

A sexualidade era integrada ao universo religioso por ser transmissora da vida, mas a associação da mesma com o prazer passou a impedir esta integração no cristianismo¹³⁰. Se por um lado a religião afirma a bondade da sexualidade e do matrimônio; por outro, interpõe um “mas” muito significativo, e que tem como ponto de referência o prazer sexual¹³¹. Podemos dizer que ainda há certo conflito entre o cristianismo e a sexualidade. Stearns também expõe seu ponto de vista sobre a relação entre a religião e a sexualidade:

[...] a religião foi a maior das novas influências na história mundial. Em contraste com muitas religiões primitivas, as novas crenças em expansão invariavelmente buscavam minimizar ou regular a sexualidade, ao invés de vê-la em termos de uma relação positiva com a espiritualidade. A nova exaltação do celibato, particularmente no cristianismo e no budismo, foi o sinal mais notável dessa reorientação, mas diversas outras medidas regulatórias foram implementadas com direção similar, acentuando a noção de que o sexo era, ou poderia ser, um perigo para os valores humanos decorosos. A religião também acrescentou às penalidades associadas às violações sexuais um renovado vigor. Em vez de simplesmente ser ruim para a saúde ou as convenções sociais, a má conduta sexual agora podia ser crime contra Deus, [...]¹³².

Luiza E. Tomita nos lembra de que em relação ao controle do corpo e da sexualidade pelo cristianismo, esta não é uma característica que vem do judaísmo ou dos ensinamentos de Jesus. Essa visão era característica da filosofia clássica grega, platônica, e entrou no cristianismo desde seus primeiros séculos por influência da cultura helênica do mundo greco-romano onde a religião cristã floresceu¹³³.

¹²⁷ MOSER, 2001, p. 113.

¹²⁸ MOSER, 2001, p. 129.

¹²⁹ STEARNS, 2010, p. 75.

¹³⁰ VIDAL, 2008, P. 41.

¹³¹ MOSER, 2001, p. 131.

¹³² STEARNS, 2010, p. 76.

¹³³ TOMITA, 1999, p. 14.

Stearns utiliza a palavra “espiritualidade” também empregada por Harold Ellens¹³⁴ quando cita que a sexualidade e espiritualidade estão intimamente relacionadas na Bíblia e na nossa experiência pessoal. A sexualidade e a espiritualidade denotam uma “fome de significado” e uma busca pelo inefável e pelas dimensões transcendentais do ser humano. A expressão sexual e a espiritual são dirigidas por uma força interior da personalidade que nos faz buscar conexão com o outro¹³⁵.

Quando a força vital interior busca outro ser humano em quem se deleitar, ela desperta o ser físico e canaliza as energias psicoespirituais por meio dos corpos, em direção à comunhão e união com aquela pessoa, a isso se dá o nome de sexualidade, explica Ellens. Quando a mesma força vital interior parte na direção da realidade infinita e transcendente, no anseio por Deus e pela eternidade, a isso se dá o nome de espiritualidade. Isto desperta o espírito e leva a energia psicoespiritual, por meio da mente e coração, em direção à comunhão e união com o Deus a quem se busca. Quer experimentemos esta expressão de nossa força vital interior como sexualidade ou como espiritualidade, grande parte da experiência é a mesma coisa¹³⁶.

A sexualidade humana então não deve ser pensada e limitada à expressão genital. A genitalidade é apenas um dos aspectos de nossa identidade como seres sexuais. A sexualidade envolve questões de identidade e espiritualidade e afeta a forma como o ser humano se entende e se relaciona com o outro e com Deus¹³⁷.

Fomos treinados a pensar e entender moralmente a sexualidade, mas precisamos pensar e entender teologicamente a sexualidade. O enfoque moral facilita a tarefa de lidar com a sexualidade seguindo normas, os fariseus já faziam isto e Jesus os questionou severamente. É preciso perceber a espiritualidade presente na sexualidade ou que se expressa através dela, assim podemos dignificar e ressignificar a sexualidade. Sexualidade não é incompatível com espiritualidade. O Deus da Bíblia nos criou como uma unidade, um todo e viu que tudo era bom. Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom (Gn 1, 31)¹³⁸.

¹³⁴ Harold Ellens é pastor, teólogo e psicólogo clínico, autor do livro *Sexo na Bíblia*, 2006, Fonte Editorial.

¹³⁵ ELLENS, Harold. *Sexo na Bíblia*, 2006, p. 5/6, apud MARTINS, José Cássio. *Sexualidade e Espiritualidade*. Em: http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=182&Itemid=114 Acesso em 5mai.2012.

¹³⁶ ELLENS, 2006, p. 5/6.

¹³⁷ FARRIS, 2005, p. 43.

¹³⁸ VIDAL, 2008, p. 18.

2.2 Homossexualidade: do surgimento do termo à definição

Didier Eribon afirma que foi o jurista Karl Heinrich Ulrich o primeiro militante pelos direitos das minorias sexuais. Seus escritos remontam a 1862 e foi ele quem forjou a palavra “uraniano” para designar aqueles que começariam a ser chamados, anos depois, de homossexuais, pelos psiquiatras¹³⁹. Ulrich publicou uma série de artigos apoiando a existência de “almas” que tem atração por outras “almas” do mesmo sexo¹⁴⁰.

Nos ambientes religiosos a homossexualidade, segundo Farris, pode ser vista em duas perspectivas: uma tradicional-conservadora e outra progressista-liberal. Na conservadora há um consenso geral de que os atos homossexuais são um mal intrínseco e, por isso, nunca uma opção moral aceitável; a autoridade moral para esta avaliação é a Bíblia. Já na segunda perspectiva há um consenso de que a homossexualidade é uma condição ou orientação humana e não é necessariamente incompatível com o funcionamento social normal; esta autoridade é examinada pela alta crítica da Bíblia e a consciência de que a verdade é profundamente influenciada pelo contexto histórico e cultural¹⁴¹.

Vidal lembra que a Bíblia fala da homossexualidade no contexto cultural da antiguidade e não utiliza as precisões que temos atualmente sobre este complexo fenômeno humano. Nos textos bíblicos quando o tema aparece faz referência sempre a comportamentos homossexuais em contextos desviantes e com avaliação negativa. São poucas as referências diretas sobre homossexualidade¹⁴².

Helminiak entende que os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, que são objeto das preocupações bíblicas, estão longe daquilo que consideramos homossexualidade atualmente; mas mesmo assim, para algumas pessoas, a Bíblia supostamente condena a homossexualidade, e com base na Bíblia essas pessoas justificam o ódio e a crueldade contra gays e lésbicas¹⁴³. Susan Ross¹⁴⁴ também enfatiza que aqueles que têm utilizado passagens bíblicas contra a homossexualidade pegam passagens fora de contexto e não compreendem que as concepções antigas de sexualidade diferem significativamente das nossas¹⁴⁵.

¹³⁹ ERIBON, 2008, p. 191.

¹⁴⁰ FARRIS, 2005, p. 55.

¹⁴¹ FARRIS, 2005, p. 83.

¹⁴² VIDAL, 2008, p. 125.

¹⁴³ HELMINIAK, 1998, p. 14.

¹⁴⁴ Susan Ross é professora de teologia da Loyola University de Chicago.

¹⁴⁵ ROSS, Susan. A antropologia teológica de João Paulo II e a diversidade sexual. IHU ON LINE. Disponível em: <www.unisinos.br/IHU>. Acesso em 9 out. 2006, p. 21.

Chegar a compreender o que seja homossexualidade não é muito fácil, principalmente em razão das enormes divergências existentes nas definições daqueles que a estudam¹⁴⁶. Quando os estudiosos se referem à homossexualidade estão se referindo às pessoas que, em sua vida adulta, sentem atração preferencial por alguém do mesmo sexo, mantendo ocasionalmente relações genitais¹⁴⁷. A esta definição de Moser, Oliveira esclarece que a referência a pessoas adultas evita tratar de um comportamento passageiro da etapa infantil e da adolescência; preferencial lembra que existe homossexual que não necessariamente buscam a todo custo pessoas do mesmo sexo; e ocasionalmente relações sexuais mostram que pode existir homossexuais capazes de viver bem sem ter relações genitais¹⁴⁸.

Para Borrilo, a homossexualidade, como uma escolha de vida sexual ou como uma característica estrutural do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, deve ser considerada da mesma forma que a heterossexualidade. Ela é mais uma manifestação do pluralismo sexual, uma variante constante e regular da sexualidade humana. Na condição de atos consentidos entre adultos, os comportamentos homoeróticos devem ser protegidos como qualquer outra manifestação da vida privada¹⁴⁹.

Como um atributo da personalidade, a homossexualidade deve permanecer fora do interesse interventor das instituições. Tal como a cor da pele, a opção religiosa ou a origem étnica, ela deve ser considerada um dado não pertinente na construção política do cidadão e na qualificação do sujeito de direitos. Contudo, Borrilo entende que, embora o exercício de uma prerrogativa ou a fruição de um direito não seja mais subordinado ao pertencimento a um ou outro sexo, religião, política ou classe social, a homossexualidade permanece como obstáculo ao pleno gozo de direitos¹⁵⁰.

O mais adequado seria colocar o foco na pessoa e não na sua condição sexual. Para Moser se há algo certo é que “não existe homossexualismo, mas pessoas homossexuais, com sua história própria, vivida de maneira mais ou menos dramática, mais ou menos profunda, sempre marcada pelas interrogações e sofrimentos”¹⁵¹.

¹⁴⁶ OLIVEIRA, 2007, p. 17.

¹⁴⁷ MOSER, 2001, p. 217.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, 2007, p. 20.

¹⁴⁹ BORRILLO, 2009, p. 16.

¹⁵⁰ BORRILLO, 2009, p.15.

¹⁵¹ MOSER, 2001, p. 214.

2.2.1 Ser homossexual

Alguns autores, incluindo Antonio Moser, afirmam que não se pode falar em pessoa homossexual onde não se constate algum tipo de tendência afetiva em relação à outra pessoa do mesmo sexo¹⁵². Temos a tendência de generalizar as coisas, então é necessário dizer que nem todas as pessoas que assumem o “jeito do sexo oposto” são estruturalmente homossexuais, como também muitos (as) que aparentam ser heterossexuais na verdade são estruturalmente homossexuais¹⁵³.

Entre as causas cogitadas para a ocorrência da homossexualidade estão: a genética, a hormonal e a psicossocial. É esta última a mais acreditada, ela vê a homossexualidade, principalmente, como produto de condicionamentos educativos ou de perturbações no desenvolvimento psicossocial¹⁵⁴ da pessoa.

As diversas interpretações denotam a complexidade do fenômeno homossexual e a necessidade de ter uma visão multidisciplinar para tentar entender o tema. Hoje há quem cogite que a crise da figura paterna, a “sociedade sem pais”, a absolutização do modelo masculino, e a tendência à anulação das diferenças sexuais, possam afetar os elementos que incidem profundamente nos processos de identificação subjetiva¹⁵⁵. Alguns autores, especialmente aqueles que acreditam na “cura” para a homossexualidade, entendem que sua gênese é devido às falhas na educação. Aardweg¹⁵⁶ coloca a homossexualidade como uma doença e expõe:

Meninos dos países do norte podem irritar-se ao verem meninos espanhóis ou italianos penteando o cabelo com todo cuidado à beira da piscina [...]. De modo semelhante os filhos de lavradores são geralmente mais rudes e brigões, mais “masculinos” do que os filhos de intelectuais, de músicos [...]. Estes últimos ensinam e mostram por seu exemplo maneiras mais “refinadas”, leia-se “femininas”. [...]. Quem acreditaria que um menino criado por sua mãe e sua tia, sem nenhum pai presente, e que além disso, é tratado por sua mãe solitária como uma “amiguinha”, torne-se um tipo masculino, um tipo firme? Analisando as relações de infância, evidencia-se que muitos efeminados homossexuais vivem em grande dependência de sua mãe, *na falta do pai física ou psicologicamente* (por exemplo, um homem fraco dominado por sua mulher ou por alguém que não desempenhou muito o papel de pai com relação ao menino)¹⁵⁷.

¹⁵² MOSER, 2001, p. 229.

¹⁵³ GENOVESI, 2008, p. 245.

¹⁵⁴ MOSER, p. 223.

¹⁵⁵ AARDWEG, Gerard J.M. Van Den. *A batalha pela normalidade sexual: e homossexualismo*. 4. ed. Aparecida/SP: Santuário, 2000, p. 32.

¹⁵⁶ Gerard J.M. Van Den Aardweg,. – PH.D em psicologia na Universidade de Amsterdã, especializou-se no tratamento de problemas de homossexualidade e casamento.

¹⁵⁷ AARDWEG, 2000, p. 32.

Com a discussão sobre a homossexualidade, o reconhecimento da própria orientação homossexual não é alcançado com facilidade e de modo inconseqüente e nem sem um sentimento de perplexidade a respeito de como foi que aconteceu de se estar nesta situação. Ser diferente da maioria das pessoas quase sempre vem acompanhado de perdas¹⁵⁸.

Um homossexual pode estar dividido entre duas realidades contrárias que fabricam seu próprio ser. Pode ser produzido como um indivíduo “inferiorizado”, e sua subjetividade pode ser moldada pelo ódio de si mesmo, portanto, pela recusa de se identificar com aqueles que sofrem a mesma inferiorização que ele. Pode ser levado ao isolamento, ao individualismo, seja na vergonha, no desprezo para consigo mesmo, ou no orgulho, externado no desprezo elitista para com os outros homossexuais¹⁵⁹.

Em razão da homofobia e das pressões culturais que levam à heterossexualidade, é justo dizer, em palavras de Richard Hettlinger, que “provavelmente só os que têm firme orientação homossexual aceitam a perturbação, a vergonha e a humilhação relacionada ao desvio comportamental da norma social”¹⁶⁰.

A problemática do jovem homossexual começa no ambiente escolar, onde a diversidade sexual nos instrumentos pedagógicos é normalmente ignorada. Não se aborda a diversidade como conteúdo didático pedagógico. É comum se ignorar a homofobia presente na escola, e são subestimados os seus efeitos danosos às crianças e adolescentes. Muitos adolescentes que começam a reconhecer seu desejo por pessoas do mesmo sexo se sentem constrangidos pela desvalorização corriqueira da homossexualidade e omitem sua condição. O adolescente não encontra na escola ou no (a) professor (a) uma referência para compartilhar suas dúvidas sobre sexualidade. Esse segredo em relação à própria vivência da sexualidade tem consequências para a saúde: não se pode saber ou ter informações sobre aquilo que não pode ser dito¹⁶¹.

Aprende-se cedo que o espaço público é heterossexual e aos homossexuais são destinados aos espaços de sua vida privada. Especialmente nos espaços da sociabilidade masculina está a exclusão da homossexualidade. A masculinidade, como já vista anteriormente, se constrói e se afirma publicamente contra a homossexualidade, e isso fomenta o preconceito e a homofobia. Em alguns grupos, como na escola ou no trabalho, a

¹⁵⁸ GENOVESI, 2008, p. 246.

¹⁵⁹ ERIBON, 2008, p. 159.

¹⁶⁰ HETTLINGER, Richard. *Sex Isn't That Simple: The New Sexuality on Campus*, New York, Seabury, 1974, p. 42. Apud GENOVESI, 2008, p. 245.

¹⁶¹ LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. *Qual a diversidade sexual dos livros didáticos*. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.) *Homofobia e Educação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 11.

maioria dos homossexuais age de forma que o grupo não suspeite de sua condição. Normalmente os homens quando estão em grupos, desde a adolescência, falam entre si de suas conquistas femininas, reais ou inventadas o que obriga, às vezes, aos homossexuais a inventar falsas relações heterossexuais para esconder ou calar a realidade de seus desejos. O homossexual se sente diferente e excluído. Com frequência ele mesmo se exclui destas situações e do grupo onde esta se sentindo fragilizado¹⁶².

A solidão e o recuo sobre si mesmo é uma maneira de se “virar” com a identidade estigmatizada, de geri-la no dia a dia¹⁶³. Outra forma é se associar a uma comunidade de iguais. Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora¹⁶⁴.

A vida do homossexual é carregada de ansiedade, há sempre a suspeita de que esteja vivendo uma mentira ou um equívoco¹⁶⁵. Para Bauman¹⁶⁶, a homossexualidade não é uma condição, muito menos uma condição permanente e imutável, mas um processo, cheio de tentativas e erros, viagens exploratórias arriscadas e descobertas ocasionais, intercaladas por numerosos tropeços, arrependimentos por oportunidades perdidas e alegrias por prazeres ilusórios¹⁶⁷.

Um bom exemplo para ilustrar o pensamento de Bauman, quanto ao caráter mutável da homossexualidade, é o filme anglo-americano “As Horas” (The Hours)¹⁶⁸, baseado no livro de mesmo nome de Michael Cunningham. O filme mostra três períodos diferentes onde vivem três mulheres ligadas ao livro “Mrs. Dalloway”. Em 1923 vive Virginia Woolf, autora do livro, que enfrenta uma crise de depressão e idéias de suicídio, afastada da vida agitada de Londres por seu marido. Em 1951 vive Laura Brown, uma dona de casa grávida que mora em Los Angeles, que não consegue parar de ler o livro, desesperada dentro de um casamento em que os sentimentos são artificiais. Em 2002, época da exibição da película, vive Clarissa Vaughn, uma bem sucedida editora de livros que vive em Nova York em um relacionamento lésbico de longa data e se identifica paradoxalmente com Mrs. Dalloway. Clarissa anteriormente teve relacionamentos heterossexuais e uma filha já adulta. Clarissa durante o

¹⁶² DIDIER, 2008, p. 127.

¹⁶³ DIDIER, 2008, p. 128.

¹⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 19.

¹⁶⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 73.

¹⁶⁶ Zygmunt Bauman é sociólogo, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

¹⁶⁷ BAUMAN, 2004, p. 75.

¹⁶⁸ As Horas. Filme, drama, longa-metragem, dirigido por Stephen Daldry, 2002.

filme se ocupa com uma festa para Richard, seu melhor amigo e ex-amante. Richard encontra-se debilitado pela AIDS e vive fechado em um apartamento frio e sujo.

O desespero e o vazio das três mulheres vai crescendo durante o filme, sem nenhuma esperança de mudança, sem nenhuma ansiedade, só a ansiedade provocada pelo nada. Solidão, infelicidade, doença. Nos três casos é insinuada a crise de identidade e falta de realização sexual. As três personagens femininas principais beijam outra mulher na boca, duas dão a entender que escondem sua homossexualidade não assumida, talvez pela impossibilidade na época em que viveram, assumiram uma vida matrimonial sem envolvimento. Apenas Clarissa mostra a sua condição e a assume diante da filha e do ex-companheiro.

2.2.2 Sociedade e homossexualidade

A homossexualidade até bem pouco tempo podia ser entendida por “clandestinidade”. Essa era a palavra que melhor traduzia a condição das pessoas homossexuais até meados dos anos 70. “Anomalia” era o termo mais usado clinicamente; “perversão” era um dos termos mais empregados para caracterizá-la do ponto de vista moral. Mudanças ocorreram tanto na compreensão popular e científica, como na presença cada vez mais marcante de pessoas homossexuais em toda a sociedade, nas igrejas e nas religiões¹⁶⁹, mas ainda muitos homossexuais, devido principalmente à discriminação e ao ridículo aos quais sabem que seriam submetidos, procuram negar ou ocultar sua orientação sexual. Na entrevista com Pedro¹⁷⁰, no livro Talar Rosa, pode-se verificar a posição de um homossexual diante das adversidades de sua condição:

Eu confesso que não sei explicar a origem da minha preferência sexual. Quando partilhei a minha sexualidade com os meus familiares me fizeram essa pergunta e eu respondi que para mim também era difícil entender. Não é uma opção ou talvez algo genético. Mas não fico me preocupando se sou homossexual porque eu quero, ou porque me fizeram assim, ou porque é culpa do meu pai, ou da minha mãe, ou por ter sofrido algum tipo de violência. Até perguntei para pessoas da família se eu tinha sofrido algum tipo de violência, mas isso não aconteceu. Percebi que eu estava procurando um culpado e não era por aí o caminho¹⁷¹.

¹⁶⁹ MOSER, 2001, p. 214.

¹⁷⁰ As entrevistas/depoimentos de Pedro, Maurício e Carlos fazem parte do livro Talar Rosa de André Musskopf. O autor explica que a pesquisa documental foi realizada em ambiente acadêmico/eclesial, o processo narrativo envolveu muita tensão, pois contar a própria história de vida significa desnudar-se, expor-se. Os nomes, as datas e os lugares, em alguns casos, foram alterados para impedir a identificação das personagens.

¹⁷¹ MUSSKOPF, André. *Talar Rosa: homossexuais e o ministério da Igreja*. São Leopoldo: OIKOS, 2005, p.93.

Ninguém deixa de ser homem ou mulher por ser homossexual. Não é a heterossexualidade que torna os seres humanos mulheres e homens, a orientação sexual independe do nosso sexo biológico¹⁷².

No dizer de Allison¹⁷³, da mesma forma que ocorre com todas as pessoas, se começa a desejar de forma distorcida. A capacidade de desejar é recebida tanto sem obstáculos como também com rivalidades. Por exemplo: se dermos várias bolas vermelhas para duas crianças brincarem, dentro de pouco tempo, apenas uma dessas bolas será desejada, embora as outras sejam idênticas. Elas terão menos prestígio, menos valor, do que *aquela* bola que ficou sendo cobiçada pelo grupo de crianças. Em outras palavras, se aprende a desejar segundo o desejo do outro, e isso leva a uma rivalidade¹⁷⁴.

Trazendo este exemplo para a questão homossexual, o autor acrescenta que todos e todas aprendem a desejar o outro sexual a partir da imitação daquilo que é parecido. Ou seja, a partir da imitação das pessoas do mesmo sexo, aprende-se a desejar as pessoas do outro sexo. Segundo a maneira tradicional de pensar, algumas pessoas considerariam o desejo homossexual como uma distorção disso, onde pessoas do mesmo sexo não apenas aprendem a desejar segundo o desejo do próprio sexo, o qual é totalmente normal, mas também, de alguma forma, aquele desejo é fixado no rival. Ou seja, ao invés de desejar o objeto apontado como rival, se começa a desejar o próprio rival. Essa é uma explicação que as pessoas têm usado para afirmar que o desejo homossexual é intrinsecamente desordenado e criam clichês para identificá-lo¹⁷⁵.

Os clichês são mais fáceis de aceitar, mas eles são pouco inocentes do ponto de vista ideológico e ético e carregam condenações e deturpam a realidade. Podemos citar alguns “clichês”, de acordo com os escritos de Moser, que de tão comuns passam despercebidos na sociedade e transvestem em realidade a irrealidade: a) homossexual sente atração sexual compulsiva em relação a crianças e adolescentes; b) homossexual masculino é, nas aparências e de fato, um afeminado, portador de traços inconfundíveis; c) toda mulher homossexual é, nas aparências e de fato masculinizada; d) homossexuais tendem, invariavelmente, a assumir certas profissões; e) homossexuais além de depravados, são instáveis e incapazes de assumir compromissos permanentes; f) homossexuais assim o são por desvios de personalidade,

¹⁷² MOSER, 2001, P. 217.

¹⁷³ James Allison é teólogo católico.

¹⁷⁴ ALISSON, James. O amor homossexual: um olhar teológico-pastoral. Revista IHU São Leopoldo, 07 DE ABRIL DE 2008 | EDIÇÃO 253, p. 9.

¹⁷⁵ ALISSON, 2008, p. 9.

bastando uma terapia adequada para resolver “o problema”. g) “Corretivos” eficazes são atitudes enérgicas, sobretudo em se tratando de adolescentes, com experiências heterossexuais, e com eventual casamento, na medida em que as pessoas entram para a idade adulta¹⁷⁶.

Não raras vezes, as vítimas de alguns destes “clichês” se “conformam” à imagem que lhes é atribuída e assumem de fato a imagem de “bicha louca”, adaptando a voz, os maneirismos, as vestes, fazendo o jogo daqueles que os discriminam, mas esta é a forma que eles (as) encontram de sobreviver¹⁷⁷.

Visando a melhoria de vida do homossexual brasileiro e a diminuição das reações de violência contra eles (as), em maio de 2004, lançou-se o programa de governo “Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT¹⁷⁸ e de proteção à cidadania homossexual”. O programa consistia em 53 ações destinadas, entre outras providências a: apoiar instituições que atuam na promoção da cidadania homossexual, capacitar profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos, incentivar a denúncia de violação dos direitos humanos do segmento e disseminar informações sobre direitos e de promoção da auto-estima homossexual¹⁷⁹.

O grupo de pessoas homossexuais não é mais minoria. O conhecimento dos fatores que incidem na orientação sexual dessas pessoas é importante na medida em que nos ajudam a compreendê-las melhor, conviver com elas e a respeitá-las.

Os principais manuais que estabelecem os critérios psiquiátricos de classificação das doenças mentais excluíram, desde 1973, a homossexualidade da relação de transtornos patológicos e ela não mais deve ser “tratada”. Ela é apenas uma opção equivalente à heterossexual. A questão ainda é polêmica, um dos psiquiatras partidário da modificação dos critérios diagnósticos em 1973, o Dr. Robert Spitzer¹⁸⁰, causou desconforto nos meios médicos e psicológicos ao divulgar sua mudança de ponto de vista, sendo agora a favor do tratamento da condição homossexual. Sua decisão teve como base suas pesquisas que

¹⁷⁶ MOSER, 2008, p. 218.

¹⁷⁷ MOSER, 2001, p. 220.

¹⁷⁸ Sigla utilizada para denominar gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

¹⁷⁹ GROSSI, Miriam; BECKER, Simone et al. (org.). *Movimentos Sociais, educação e sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 31.

¹⁸⁰ Robert Spitzer, M.D. um dos psiquiatras da APA que originalmente trabalharam para remover o homossexualismo do DSM em 1973, descobriu que indivíduos com atrações ao mesmo sexo podem mudar. Seu estudo de 16 meses em 247 indivíduos, que responderam bem sucedidamente a terapia de reorientação foi publicado no Arquivos de Comportamento Sexual, Vol. 32, No. 5, Outubro de 2003, páginas 403-417. Na semana passada havia no jornal local um pedido de desculpas de Spitzer aos homossexuais, por esse estudo...

indicavam um número substancial de homossexuais mudando de orientação sexual após psicoterapia¹⁸¹.

Independente do conhecimento pleno sobre a homossexualidade, visto que não se tem uma resposta definitiva, podemos procurar entender o que o ser humano busca em relacionamentos afetivos, sejam eles homossexuais ou heterossexuais. O desígnio divino é de que encontremos nossa verdadeira humanidade nos relacionamentos interpessoais, mesmo porque para os seres humanos a necessidade mais forte não é do sexo em si, mas de relacionamentos, intimidade, aceitação e afirmação.

2.3 Angústia na homossexualidade

Não encontramos identidades prontas, elas são inventadas¹⁸², escolhidas e adaptadas. As identidades se prestam à formação de grupos que se identificam por um “nós”, formam tribos que podem estar agrupadas por religião, cidade, sexo e se consideram diferentes dos demais¹⁸³. Estas tribos podem facilitar a vida dos seus membros, mas podem também criar segregação e violência para com os que não estão no mesmo grupo.

A cultura mais geral pressupõe que as pessoas tenham uma única identidade e por isso classifica-as pela religião, pela nação ou raça e também por sua preferência sexual. Estas classificações exercem poder sobre as pessoas, dão maior ou menor valor a elas¹⁸⁴. Mas as identidades admitem pluralidade, inclusive quanto à preferência sexual¹⁸⁵. As pessoas tentam classificar os grupos pela preferência sexual em heterossexual ou homossexual, mas existem várias nuances entre uma e outra classificação. O dizer de André Muszkopf retrata isso:

Entre cinzas, pretos e brancos, a beleza do multicolor às vezes acaba ofuscada. O uniforme é mais fácil de comprar e de usar. Ele esconde as diferenças. Reprime a complicada busca pela descoberta de cada uma das cores. As matizes que unem e confundem as cores. As belezas e os dissabores de cada uma delas¹⁸⁶.

¹⁸¹ LOTUFO Jr, Zenon. *Homossexualidade no meio cristão*. Site do CPPC. Disponível em: <http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=334&Itemid=114>. Acesso em 30 mar. 2012.

¹⁸² BAUMAN, 2005. p. 22.

¹⁸³ BAUMAN, 2005, p. 30.

¹⁸⁴ QUINN, Regina Ammicht. “Nós” e os “outros”: À guisa de introdução. In QUINN, Regina Ammicht et al. *Revista Concilium – Homossexualidades*, 324/2008/1: Editoras Vozes, 2008, p. 8.

¹⁸⁵ BAUMAN, 2005, p. 35.

¹⁸⁶ MUSKOPF, André S. Além do arco íris. In MUSKOPF, André S.; DEIFELT, Wanda; STROHER, Marga J. (Orgs.) *A flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004, p. 140.

O olhar que as pessoas lançam às pessoas que externam comportamento homoerótico é, muitas vezes, um imaginar de desejo e de desvalorização. A sexualidade homossexual é identificada com o prazer sem limites e sem conseqüências, e é vista com desprezo. As pessoas heterossexuais são identificadas por suas qualidades, habilidades e profissões, mas as homossexuais são identificadas normalmente por sua sexualidade. Só isso já pode ser considerada uma violência¹⁸⁷.

A homossexualidade é um fato que em si próprio gera conflitos, especialmente em razão de alguns particulares: a ausência ou negação da fecundidade¹⁸⁸, a identificação do homossexual com o excesso de sexo¹⁸⁹ e a perturbação de uma ordem entendida como natural. Apesar de existirem sociedades que favoreçam e apreciem as relações homoeróticas, a maioria das sociedades ocidentais rejeita a homossexualidade¹⁹⁰.

As pessoas que têm uma visão clara dos papéis sexuais (feminino/masculino) se mostram mais hostis aos não heterossexuais. Os homens manifestam mais facilmente sua antipatia pelos homossexuais que as mulheres. Os mais conservadores têm maior chance de considerá-los como indivíduos que renegam seu gênero e colocam em perigo a norma heterossexual, a masculinidade e seus privilégios. Ao rejeitar os homossexuais, muitos homens heterossexuais repelem na verdade um estereótipo que, para eles, está intimamente ligado à homossexualidade masculina: a feminilidade¹⁹¹.

Em razão dos preconceitos, da discriminação e da violência alguns homossexuais não aceitam a própria condição e isso é um problema para esses indivíduos. Muitos deles e delas se encontram em situação de isolamento e angústia, uma ansiedade profunda, difícil de ser superada. A educação sexual e afetiva do homossexual se faz na clandestinidade, são poucas as referências literárias, cinematográficas e culturais, que os possa orientar. No dizer de Moser:

O fenômeno homossexual é a expressão mais acabada de uma humanidade inacabada; ele é a expressão mais significativa da ambivalência não só da sexualidade, como também da própria vida humana; ambivalência tão bem expressa na Carta de São Paulo aos Romanos (7, 19s): “não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”; o fenômeno homossexual é também a expressão mais profunda do “vazio” e da “carência” que todo ser humano experimenta diante da sede de um

¹⁸⁷ QUINN, 2008, p. 8.

¹⁸⁸ MOSER, 2001, p. 253.

¹⁸⁹ QUINN, 2008, p. 9.

¹⁹⁰ QUINN, 2001, p. 14.

¹⁹¹ BORRILLO, 2009, p. 40.

amor infinito que nesta vida só lhe é dado satisfazer em parte¹⁹².

2.3.1 *Angústia no “sair do armário”*

Em alguns lugares do mundo, a *persona* atribuída pelo senso comum aos homossexuais conduz a formas de discriminação radicais. A homofobia adquire contornos de violência em níveis tais que levam, no caso o Brasil, a deter o título de campeão mundial de assassinatos de pessoas consideradas de sexualidades não-hegemônicas. Atribuem-se ao nosso país cerca de 150 assassinatos anuais por discriminação sexual, o que equivale a uma média de um homicídio dessa natureza a cada três dias¹⁹³.

A confissão pública da homossexualidade, o que chamamos hoje de “sair do armário”, constitui para muitos um momento libertador. O “sair do armário” pode, então, tornar-se uma atitude particularmente saudável, colocando fim à socialização heterossexista e permitindo, em consequência, restaurar a auto-estima daquele ou daquela que toma esta atitude, bem como a de seus pares, mas esse processo não é tranqüilo.

A reação da sociedade quando o homossexual se declara como tal não costuma ser de compreensão. No filme *Filadélfia*¹⁹⁴, por exemplo, é apresentada esta problemática. O enredo se refere a preconceito, homossexualidade e homofobia. Trata-se da história de um promissor advogado, Andrew Breckett, homossexual, muito bem sucedido, que trabalha para um tradicional escritório de advocacia da Filadélfia e que é despedido quando descobre ser ele portador do vírus HIV; seus chefes se revelam altamente preconceituosos a respeito de sua orientação sexual. Sentindo-se discriminado, Andrew começa a procurar um advogado. Após consultar oito deles, sem que obtivesse sucesso em sua busca, chega ao escritório do advogado negro Dr. Miller. Após expor seu caso percebe que o Dr. Miller também é preconceituoso e acaba por discriminá-lo. Posteriormente, depois de enfrentar seus próprios medos e preconceitos, Dr. Miller vem a arrepender-se e aceita representar os interesses de Andrew na justiça. O juiz dá o veredicto final e o escritório foi condenado a pagar uma alta indenização a Andrew, que já está no hospital e acaba por falecer. O filme nos leva a refletir muito sobre a questão de um homem bem sucedido ser posto à parte da sociedade por ser homossexual e portador do vírus HIV. Andrew era considerado um excelente advogado até se revelar homossexual, quando foi despedido.

¹⁹² MOSER, 2001, p. 258.

¹⁹³ FONTES, Malu. Ilustrações do silêncio e da negação. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.) *Homofobia e Educação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 107.

¹⁹⁴ *Filadélfia*, filme estadunidense de 1993, dirigido por Jonathan Demme e com roteiro de Ron Nyswaner.

O testemunho de muitos homossexuais é o de que a trajetória do conhecimento de sua própria condição sexual até a aceitação da mesma é um verdadeiro calvário. Este calvário tem início com as primeiras suspeitas e chega ao seu ponto mais alto no momento em que se coloca a mais importante decisão: continuar se escondendo ou revelar-se. A cada etapa apresenta-se uma pedra de tropeço específica. Qualquer que seja a decisão é impossível fugir de um profundo sentimento de angústia, fonte de profundo e contínuo sofrimento¹⁹⁵.

O filme Milk¹⁹⁶ – A Voz da Igualdade, também revela de forma bem realista a questão da perseguição aos homossexuais, as dificuldades e angústias daqueles que revelam à sociedade sua homossexualidade, a luta em grupo e a reconquista da auto-estima. O filme se passa nos Estados Unidos dos anos 70 e conta a história real de Harvey Milk, um novaiorquino que para mudar de vida se instala em São Francisco com seu namorado Scott e abre uma loja de revelação fotográfica. Sensível à violência praticada contra os homossexuais Milk resolve buscar direitos iguais e oportunidades para todos, sem discriminação sexual. Com a colaboração de amigos, tanto homossexuais como heterossexuais, ele entra em uma longa batalha política e Harvey Milk consegue ser eleito para o Quadro de Supervisor da cidade de São Francisco em 1977, tornando-se o primeiro “gay” assumido a alcançar um cargo público de importância nos Estados Unidos. O filme acaba com o assassinato de Milk por seu adversário político, o qual tinha vários indícios de ser homofóbico e homossexual.

Mesmo homossexuais não estão a salvo de sentimentos de homofobia. O ódio da sociedade para com eles pode se transformar em ódio contra si próprio. Onde é superior aquele que tem seus ideais sexuais e afetivos calcados na heterossexualidade, é normal serem desenvolvidos sentimentos interiores confusos. Homossexuais crescem e se desenvolvem em ambientes abertamente hostis à sua condição homossexual¹⁹⁷.

A internalização dessa violência, manifestada sob a forma de insultos, injúrias, enunciados depreciativos, condenações morais ou compaixão, conduz muitos homossexuais a lutar contra seus desejos, desenvolvendo, não raro, graves problemas psicológicos. Abaixo se transcreve trecho de uma entrevista, presente no livro Talar Rosa, com um rapaz chamado Mauricio¹⁹⁸ onde ele demonstra seus sentimentos ao se descobrir homossexual:

Eu acho que uma das coisas que foi mais difícil para mim, pessoalmente, não foi a aceitação da sociedade, mas a minha aceitação pessoal. O que tem a ver, lógico, com

¹⁹⁵ MOSER, 2001, p. 252.

¹⁹⁶ “MILK” é um filme de 2008, rodado nos EUA. Dirigido por Gus Van Sant.

¹⁹⁷ BORRILLO, 2009, p. 41.

¹⁹⁸ Ver nota 170.

a construção social que eu tive. Mas eu não podia exigir que a sociedade me aceitasse, me compreendesse, se eu mesmo me negava a me aceitar e ver a minha sexualidade como uma coisa bonita e que eu pudesse viver¹⁹⁹.

Culpa, ansiedade, vergonha e depressão são as principais manifestações em muitos homossexuais gerados pelo preconceito da sociedade frente aos não heterossexuais. Ainda hoje se pensa que o homossexual é incapaz de ter uma vida afetiva plena, sem família e crianças, e se imagina que eles terminarão seus dias em uma solidão insuportável, aliviada frequentemente pelo suicídio. Esta imagem ainda assombra o espírito de muitos deles. Não surpreende que jovens homossexuais sejam acometidos por depressão, tenham passagens por clínicas psiquiátricas ou já tenham tentado o suicídio. O jovem Carlos²⁰⁰ dá seu testemunho:

No exato momento em que ela falou isso eu tive consciência de que aquilo que eu tinha vivido com meu primo, que eu não tinha consciência antes, era homossexual. Eram atos homossexuais. Primeiro eu fiquei deprimidíssimo, a ponto de chorar sem parar por dias e dias. Eu passei o meu aniversário chorando. Sempre escondido para que ninguém desconfiasse. Mas com uma vontade enorme de morrer. De enfiar a mão na tomada para ver se acabava com aquele sofrimento. Uma coisa terrível, da qual eu não conseguia me livrar²⁰¹.

No depoimento do jovem Carlos aparecem mais dois locais onde moram críticas a respeito da homossexualidade: na família e na igreja. Apresentamos outro depoimento desta vez de uma mãe que pede ajuda para a psicanalista Betty Milan²⁰², em um blog na internet:

Gosto muito da sua coluna em VEJA.com. Meu filho de 19 anos disse que preferia ter nascido com Síndrome de Down do que ser homossexual. Chegou a dizer que o nascimento dele foi um castigo de Deus para mim e para o pai. Nós somos casados há 24 anos e temos muito preconceito em relação à homossexualidade. Nunca pensei que a vida fosse me dar tamanho desgosto! Peço a sua ajuda para levar o meu filho a acreditar que ele pode mudar. Basta querer e ele passa a se interessar por meninas. O meu marido não está ciente do que acontece. Não contei porque ele não aceitaria a aberração. O meu filho aceitou fazer terapia²⁰³.

2.3.2 *Angústia do homossexual criado em família cristã*

A angústia do homossexual pode ser agravada, pelos sentimentos de que a homossexualidade é pecado, quando o homossexual está inserido em uma família cristã. Na maioria das vezes a igreja não aceita a homossexualidade. Esse fato favorece a falta de apoio

¹⁹⁹ MUSSKOPF, André S. *Talar Rosa: homossexuais e o ministério na Igreja*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2005, p. 67.

²⁰⁰ Ver nota 170.

²⁰¹ MUSSKOPF, 2005. p. 35.

²⁰² Betty Milan é médica, doutora em psiquiatria pela USP e psicanalista.

²⁰³ MILAN, Betty. Arquivo da categoria análise: Castigo. 2 jun. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/consultorio-sentimental/analise/castigo>> Acesso em 24 fev. 2012. Integra anexo IV.

de algumas famílias para com seus filhos homossexuais, por vergonha ou porque a comunidade os culpe por uma educação inadequada. Algumas famílias cristãs têm receio de que seus filhos sejam, depois da morte, enviados para o inferno em razão de sua condição. Nesse caso podemos dizer que a angústia é acompanhada do sentimento de culpa tanto pela vergonha causada aos pais quanto pela incapacidade de seguir a lei religiosa sob a qual foi criado. Parte do texto da entrevista com Fabrício pode ilustrar este sentimento de culpa gerador de angústia:

E ai eu virava para o lado e ficava chorando “Jesus por favor tira isso de mim”. Então eu entrei num processo de punição a mim mesmo. Fazia jejum, reuniões de oração, vigília, tudo para que isso saísse de mim. Essa situação se tornou quase doentia. Eu achava que Deus nunca iria me aceitar com aquele pecado. Eu tive recaídas na minha depressão e a minha crise não era com meus pais, mas com Deus mesmo. Porque eu lia a Bíblia, e a partir de uma leitura fundamentalista havia passagens bíblicas que condenavam a homossexualidade. Foi bem trágico e triste de lidar com isso. Eu acordava de madrugada e passei noites chorando. Eu me perguntava por que Deus não tirava aquilo de mim²⁰⁴.

O homossexual se sente em constante julgamento e condenação, ele identifica apenas os aspectos negativos de suas escolhas e experiências vividas, trazendo em si uma auto-concepção negativa. A angústia da culpa é sempre auto-destrutiva, escravizante e tolhe a esperança e a dignidade. Arrange tem uma explicação para o sentimento de culpa:

A psicanálise identifica esse sentimento como estando fortemente inscrito no psiquismo humano. A culpa se desenvolve no interior do eu, no superego – herdeiro do pai – como um julgamento que não é dele, mas que vem dele e vem como exigência absoluta. Sua natureza enigmática implica a incapacidade do sujeito em explicar as razões desse sentimento que se acentua nos momentos de escolha e decisão. No entanto, pelo viés teológico, ela também pode ser projetada a uma autoridade concreta, a uma divindade²⁰⁵.

O teólogo e padre James Alison em entrevista que concedeu a IHU On-line em 2008, expondo sua concepção sobre homossexualidade relacionada com a igreja, dá uma visão mais otimista sobre as novas gerações, inclusive na igreja, quanto à questão da aceitabilidade da homossexualidade:

Há outras que crescem em ambientes ideológicos muito fechados, nos quais a maior tragédia que poderia acontecer para os pais é ter um filho gay. Então, ouvimos aquelas frases famosas, como “prefiro ter um filho drogado do que gay”. Vai depender totalmente em qual desses mundos a pessoa cresce. Não há nem uma

²⁰⁴ MUSSKOPF, 2005, p. 50.

²⁰⁵ ARMANGE, Marcos Augusto. *O Perdão de Deus: Uma análise sobre a angústia de culpa e a idealização do eu em Lucas 15, 11-32 a partir da compreensão de paternidade na perspectiva teológica e psicanalítica*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo. EST 2007, p. 51.

tragédia universal, nem uma bênção universal. O que eu tenho notado é que nos países de tradição católica, no universo mais jovem, a mudança com relação à aceitação e a auto-aceitação da homossexualidade é muito grande. É enorme a aceitação pacífica desta realidade entre as pessoas de 40 anos para baixo²⁰⁶.

²⁰⁶ ALISON, 2008, p. 11.

3 EM BUSCA DE NOVOS ARES

O Bispo Thomas J. Gumbleton²⁰⁷ relata ter lido uma entrevista com Andrew Sullivan, um católico gay, publicada na revista América de maio de 1993, que o fez perceber como seus esforços em aconselhar homossexuais, considerando seus atos como pecado e os convencendo de abandoná-los, eram impróprios e mesmo prejudiciais. Da entrevista merecem nota:

Cresci sem coisa alguma. Ninguém me ensinou nada a não ser a não mencionar o assunto. E, como resultado da total falta de ensinamentos, católicos gays e pessoas gays em geral estão em crise. Não admira que a vida de muitas pessoas – muitas vidas gays – seja infeliz, perturbada ou insatisfatória porque não há *nenhuma* orientação. Eis uma população no âmbito da Igreja, e fora dela, em desesperada busca de saúde e de valores espirituais. E a Igreja se recusa a vir em nosso auxílio, a Igreja se recusa a escutar esse clamor²⁰⁸.

Gumbleton afirma que fazia parte da Igreja que “se recusa a escutar esse clamor”. Na sua própria família fazia-se simplesmente o que a Igreja dizia: seguiam-se as regras. Questões de intimidade humana e comportamento afetivo saudável jamais eram levantados. No seminário a meta era evitar o pecado e a danação eterna. Isso resultava no subdesenvolvimento da maioria dos sacerdotes e na impossibilidade da maioria deles de exercer uma prática ministerial eficaz em questões de sexualidade²⁰⁹.

Na sociedade se estimula a conversa sobre sexo ao passo que na Igreja não se busca esse tipo de diálogo. Alguns cristãos dizem que não há o que se dialogar: sexo antes do casamento é pecado, masturbação é pecado, homossexualidade é pecado, e “ponto final”. Cristãos fundamentalistas encerram o diálogo por aí e com uma interpretação particular das Escrituras, diz Eliel Vieira²¹⁰ em comentário à J. Harold Ellens.

A tendência, hoje, é ir em direção a uma concepção mais pessoal e relacional da sexualidade humana, que não se concentra tão exclusivamente em uma análise sexual em si,

²⁰⁷ Thomas J. Gumbleton é bispo católico nos Estados Unidos.

²⁰⁸ Thomas H. Stahel, “‘I’am Here’: Na Interview with Andrew Sullivan”, América, n.168: 16, 8 de maio de 1993, p.11. apud GUMBLETON, Thomas J. in JUNG, 2005, p. 39. Integra Anexo V.

²⁰⁹ GUMBLETON, 2005, p. 38.

²¹⁰ Eliel Vieira comenta o livro Sexo na Bíblia de J. Harold Ellens, em <<http://elielvieira.net/2011/09/02/sexo-na-biblia-j-harold-ellens/>>. O Livro de Ellens foi traduzido por Vieira e lançado no Brasil em 2011 pela Fonte Editorial, em São Paulo, no 2º Teologando Internacional.

salienta Genovesi²¹¹. Em outras palavras, em lugar de “fiscalismo”, avaliação moral de atos sexuais isolados, vê-se o sexo no contexto da pessoa que pratica o ato.

3.1 Compreender e interpretar: considerações preliminares

Interpretar implica em extrair o sentido de um texto. Quando lemos, naturalmente interpretamos o que lemos de acordo com o nosso contexto, com a nossa cultura e com nossa visão de vida. Kessler²¹² indica que um mesmo texto pode dizer coisas diferentes a pessoas diferentes, especialmente, se estas pessoas estiverem em épocas e culturas diferentes.

À tarefa de compreensão de textos dá-se o nome de hermenêutica. Palmer²¹³ explica a diferença entre a compreensão de objetos, seres e coisas e a compreensão de obras literárias. Para a compreensão das primeiras ele indica as ciências naturais, para as últimas a hermenêutica. O autor indica que os métodos científicos podem e devem ser utilizados na análise de obras literárias, mas quando isso acontece estamos tratando estas obras como objetos silenciosos e naturais. Gibellini acrescenta que as ciências da natureza explicam um fenômeno, já as ciências do espírito compreendem um fato espiritual, quando decifram seu sentido inserindo-o numa conexão significativa²¹⁴.

3.1.1 Porque interpretar cientificamente a Bíblia

Estudos atualizados das Escrituras têm procurado analisar as questões da homossexualidade na Bíblia em conjunto e confronto com dados históricos, achados arqueológicos e questões políticas e sociais inseridas no contexto da época em que a Bíblia foi escrita. Hoje, a pergunta não tem sido qual o texto bíblico fala ou reprova a homossexualidade, mas sim como interpretar esse texto. As passagens que literalmente discriminam a homossexualidade são facilmente listadas por um leitor mais assíduo, mas nem sempre interpretadas de uma forma a identificar o que esses textos realmente queriam ou querem dizer. Patrícia Beattie Jung afirma que os cristãos sabem há muito tempo que o testemunho escriturístico se acha além de um significado singular²¹⁵.

²¹¹ GENOVESI, 2008, p. 122.

²¹² KESSLER, Rainer. Tendências hermenêuticas na leitura da Bíblia na Alemanha. In REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs) *Hermenêuticas Bíblicas*, São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006, p. 55.

²¹³ PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 19.

²¹⁴ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, São Paulo: Loyola, 1998, p. 59.

²¹⁵ JUNG, 2005, p. 110.

Os textos bíblicos, em suas interpretações, releituras e atualizações podem trazer vida àqueles que o lêem ou escutam, mas uma interpretação inadequada também pode trazer morte àquele que a lê ou aqueles a quem a mensagem for levada. “A morte e a vida estão no poder da língua, aqueles que a escolhem comerão do seu fruto” (Pv 18, 21).

A Pontifícia Comissão Bíblica do Vaticano²¹⁶ tece comentários dignos de nota quanto à interpretação bíblica. Os estudos bíblicos tiveram grande progresso na Igreja Católica e o valor científico destas interpretações tem sido reconhecido entre os estudiosos e entre os fiéis. A interpretação da Bíblia não é uma preocupação nova e nem fácil. A Bíblia, da mesma forma que traz textos de fácil entendimento traz outros obscuros.

Apesar do conhecimento dos métodos de interpretação bíblica, não se pode esquecer que vários cristãos preferem uma leitura mais fundamentalista do texto. O teólogo Julio Zabatiero comenta que estes cristãos partem do princípio de que a Bíblia, sendo Palavra de Deus inspirada e isenta de erro, deve ser lida e interpretada literalmente em todos os seus detalhes²¹⁷. Essa postura exige uma forte adesão a atitudes doutrinárias rígidas e impõe uma leitura da Bíblia que recusa todo questionamento e toda pesquisa crítica. O fundamentalismo foge da estreita relação do divino e do humano no relacionamento com Deus.

A expressão da fé do povo de Deus, reconhecida na Santa Escritura, teve que se renovar continuamente para enfrentar situações novas, mas renovação não significa manipulação dos textos. Não se trata de projetar sobre os escritos bíblicos opiniões ou ideologias novas, mas de procurar sinceramente a luz que eles contêm para o tempo presente²¹⁸.

A atualização para ter validade deve se basear em princípios teóricos que estejam de acordo com as orientações fundamentais do texto da Bíblia, como expressa a Comissão Bíblica do Vaticano²¹⁹, além do que devem ir ao encontro da justiça e da caridade. Mesmo com riscos de desvios na interpretação e atualização dos textos, esta é uma tarefa necessária para que a mensagem da Bíblia chegue aos ouvidos e aos corações das gerações de nossos dias.

²¹⁶ A INTERPRETAÇÃO da Bíblia na Igreja. Pontifícia Comissão Bíblica. Roma, 15 de abril de 1993.

²¹⁷ ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. *Hermenêuticas da Bíblia no mundo evangélico*, in REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor. Orgs. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCB, 2006, p. 62.

²¹⁸ A INTERPRETAÇÃO da Bíblia na Igreja. Pontifícia Comissão Bíblica. Roma, 15 de abril de 1993. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_index_po.htm>. Acesso em 15 jan. 2012.

²¹⁹ A INTERPRETAÇÃO da Bíblia na Igreja. 1993.

3.1.2 Novas hermenêuticas bíblicas sobre homossexualidade

“Não penseis que vim revogar a Lei e os profetas, não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5, 17-18). Jesus não alterou a Lei, mas Ele a “releu”, a “atualizou”. Jesus deu novo sentido, a tornou aplicável ao seu tempo. Mt 5, 20: “eu vos asseguro que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”. Jesus cobrou dos fariseus justiça e amor. Jesus zelava pelas necessidades do ser humano, diminuindo suas dores, perdoadando seus pecados.

O pastor, teólogo e psicólogo J. Harold Ellens, em seu livro *Sexo na Bíblia* apresenta considerações e perspectivas a respeito das questões sexuais à luz da Bíblia. No caso específico da homossexualidade, precisamos analisar criticamente o que o hagiógrafo²²⁰ realmente quis transmitir quando escreveu o texto que lemos hoje, mais de 2000 anos depois. É importante verificar o contexto em que o autor escreveu, para quem escreveu, e por fim, o que do que foi escrito é normativo para nós hoje e em que medida²²¹.

Helminiak explica que a Bíblia é clara em alguns versículos: as relações homossexuais são condenadas²²². Em razão disso algumas pessoas dizem que elas são “pecado” e o afirmam com citações impressionantes da Bíblia. Textos como Lv 18, 22; 20,13; Rm 1, 26-27; 1 Co 6, 10 e 1 Tim 1, 9-11 não deixam margem à dúvida para estas pessoas. Mas, para ele, a tendência parece ser distorcer o ensinamento bíblico, no sentido de exagerar a gravidade da condenação da homossexualidade. Aliás, parece que boa parte do que se relaciona com a sexualidade é inerentemente ruim.

Vieira cita que em Lv 18, 22, se condena a homossexualidade e em Lv 15, 19 se trata a mulher durante a menstruação como “impura”²²³, como qualquer um que a tocar. Se hoje não vemos a menstruação da mesma forma, como impureza, não se deve afirmar com tanta propriedade que a homossexualidade é pecado. Não se pode ser simplista na análise de certos preceitos inseridos na Bíblia, nem tudo que na Bíblia é uma ordem, é literalmente um mandamento bíblico que deve ser seguido *ipsis litteris*, no mundo atual²²⁴.

Em Lv 18, 22 se estabelece: “Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável” e Lv 20,13 acrescenta o castigo: “serão

²²⁰ Hagiógrafo é aquele que escreve inspirado. Escritor do sagrado.

²²¹ ELLENS, 2006, p. 5 e 6.

²²² HELMINIAK, 1998, p. 19.

²²³ WINK, 2008, p. 13.

²²⁴ ELLENS, 2006 *apud* VIEIRA, 2011, p. 5 e 6.

mortos; o seu sangue cairá sobre eles”. Wink²²⁵ escreve que o ato de deitar-se um homem com outro homem era considerado abominável por diversas razões, entre elas, a perda de sêmen sem propósito de procriação, semelhante a um aborto. Além disso, quando qualquer homem agisse sexualmente como fosse mulher, comprometia a dignidade masculina. Tratava-se de degradação não apenas de si mesmo, mas de todos os homens.

O texto do Levítico traça normas morais para os Judeus. O Levítico é um texto legal, todo o livro trata da lei, a partir de uma visão que coloca a Moisés como interlocutor. São leis que regulamentam o culto²²⁶. Tomita²²⁷ esclarece que as práticas cananêias criticadas pelo Antigo Testamento diziam respeito às relações sexuais nos cultos, em que funcionários do templo encenavam ritualmente a atividade sexual dos deuses, entre elas relações homossexuais, chamadas pelos judeus de abominações.

Tomita²²⁸ lembra que é apenas nos livros neotestamentários tardios (pós-paulinos) que aparece a ligação explícita entre Sodoma e Gomorra e a sexualidade, Jd 6,7; 2 Pd 2; 4,6-10. O texto em Gn 19 e seu paralelo em Jz 19, que serviu para releituras sobre abominações sexuais, originalmente mostra que o mandamento violado é o dever da hospitalidade, de extrema importância na antiguidade.

Wink entende que podemos excluir Sodoma das referências contra a homossexualidade nos dois testamentos porque o pecado dos sodomitas era o rapto homossexual perpetrado por heterossexuais, com a finalidade de humilhar os estrangeiros, tratando-os como mulheres, desmasculinizando-os. Quando os habitantes de Sodoma declararam desejar "conhecer" os visitantes, maliciosamente se interpretou o verbo "conhecer" como sinônimo de "ato sexual". Os exegetas afirmam que das 943 vezes que o verbo aparece no Antigo Testamento, “*yada*” em hebraico, em apenas 10 ela tem significado de cópula heterossexual e em nenhuma vez o sentido homossexual. O mesmo se dá em Jz 19, 21, não configurando as atuais e consentidas expressões de amor entre adultos do mesmo sexo²²⁹.

²²⁵ WINK, p. 10

²²⁶ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Menstruação, parto e impureza no Levítico. *Estudos Bíblicos 66: Sexualidade e Homossexualidade na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 30.

²²⁷ TOMITA, Luiza Etsuko. Alguns pontos para reflexão ético-teológico sobre homossexualidade. In: *Revista Mandrágora*, São Paulo: UMESP, ano 5, n. 5. 1999, p. 16.

²²⁸ TOMITA, 1999, p. 16.

²²⁹ WINK, 2008, p. 9.

Wink²³⁰ continua sua análise excluindo os versículos do Deuteronômio 23, 17-18, porque o fato ali se refere a um “garanhão” heterossexual, envolvido com os ritos cananeus de fertilidade, infiltrados no culto judaico. O autor²³¹ mostra que vários outros textos são ambíguos: “Não é claro se 1 Co 6, 9 e 1 Tm 1, 10 referem-se a parceiros “ativos” e “passivos” em relações homossexuais ou a prostitutas do sexo masculino, homossexuais ou heterossexuais”, levantando a questão da crítica ser para a promiscuidade e não à relação homossexual.

Para Luiz Mott²³², o pecado de Sodoma é a injustiça e a anti-hospitalidade, nunca a violação homossexual. Prova disto, é que todos os textos que aludem à Sodoma no Antigo Testamento atribuem sua destruição a outros pecados e não ao "homossexualismo". Continuando, ele acrescenta que no Novo Testamento, não há qualquer ligação da destruição de Sodoma com a sexualidade e, muito menos, com a homossexualidade, Mt 10,14; Lc 10,12 e 17,29. Como Tomita, Mott enfatiza que só nos livros neotestamentários tardios de Judas e Pedro, é que aparece alguma conexão entre Sodoma e a sexualidade, Jd 6,7; Pd 2, 4 e 6,10²³³.

Luiz Mott e Tomita explicam que, segundo os mais respeitados exegetas contemporâneos, as práticas religiosas com rituais homoeróticos faziam parte da tradição de inúmeras religiões de localidades circunvizinhas a Israel, e a condenação do Levítico visava afastar a ameaça desses rituais idolátricos e não a homossexualidade em si²³⁴. Para Mott, além da Bíblia não condenar a homossexualidade, apresenta alguns casos de relacionamento homossexual, como é o caso, em sua opinião, do relacionamento entre Davi e Jonatas. Ele baseia sua tese quanto ao relacionamento Davi e Jonatas na seguinte frase do rei: “Tua amizade me era mais maravilhosa do que o amor das mulheres. Tu me eras deliciosamente querido!” (II Samuel, 1, 26)²³⁵.

O psicólogo e pastor Karl Kepler, em seu artigo “Parábolas Bíblicas” lembra outro fato presente nos evangelhos: Jesus curou o "escravo do centurião". Na verdade, podia não se

²³⁰ WINK, 2008, p. 9.

²³¹ WINK, 2008, p. 10.

²³² Luiz Mott é doutor em antropologia pela Unicamp, professor titular aposentado de antropologia da Universidade Federal da Bahia, fundador do Grupo Gay da Bahia e autor de diversos livros sobre homossexualidade. O texto utilizado foi originalmente publicado na obra "Homossexualidade: Mitos e Verdade", ps 101-108.

²³³ MOTT, Luiz. Homossexualidade: Mitos e verdades. Salvador: GGB, 2003, p. 101-108. Disponível em: <<http://luiz-mott.blogspot.com.br>>. Acesso em 7 abr. 2012.

²³⁴ TOMITA, 1999, p. 16

²³⁵ MOTT, 2003, p. 101 a 108.

tratar de um escravo qualquer, mas de "escravo amante", (Mt 8, 5-8). O vocábulo utilizado no original e traduzido por "servo" podia ter conotação de uma afinidade afetivo-sexual²³⁶.

No Novo Testamento as relações homossexuais são relacionadas pelo apóstolo Paulo entre os pecados graves, que podem excluir seus praticantes de herdar o reino de Deus (1 Co 6, 9-10). Uma interpretação literal, desconectada do contexto mais amplo da mensagem redentora de Jesus, pode levar a um distanciamento do que Deus quer nos transmitir especificamente. Tomar essa passagem como uma condenação radical e absoluta a todo indivíduo com inclinações ou práticas homossexuais pode estar longe do que Deus expressa no Novo Testamento.

Helminiak²³⁷ levanta a hipótese da variedade de traduções dos termos gregos "*malakoi*" e "*arsenokoitai*" para "homossexualidade", que não podem ser desprezadas. Ele chega a expor o caso da tradução da "Nova Bíblia Americana da Igreja Católica" que estranhamente, para um texto do século I a traduz por "homossexuais praticantes", exatamente aquilo que o catolicismo romano começou a pregar apenas depois de 1970. A questão para Helminiak é polêmica, ele lista autores e entendimentos variados para estas palavras gregas, como libertino, masturbadores, garoto de programa efeminado, prostitutas, aquele que se deita com homem, o que dorme com homens etc. Ele conclui que os textos do Novo Testamento 1 Co 6, 9 e 1 Tm 1,10 repetem a proibição que consta no Levítico 18,22, sendo portanto também uma tradução do hebraico para o grego²³⁸.

Parece que a condenação contida neste e noutros textos similares dirige-se aos comportamentos homossexuais como o apóstolo Paulo conhecia em seu tempo e em determinadas sociedades, mas não abrange todas as pessoas que hoje são classificadas como homossexuais.

Outro texto é o de Rm 1, 26-27 que, como Lv 18 e 20, denuncia o comportamento homossexual. Genovesi observa que Paulo não parece condenar as ações homossexuais e sim heterossexuais agindo contra a natureza, "abandonando", "deixando de lado" ou "trocando" sua orientação sexual regular por outra que não lhes pertencia²³⁹.

Quanto às cartas paulinas, Helminiak acrescenta que as mais modernas e abalizadas pesquisas exegéticas concluem que o apóstolo Paulo não desejava condenar os praticantes do

²³⁶ KEPLER, Karl. Parábolas bíblicas: três tentativas. In: *Revista Psicoteologia*. II Fórum Interno sobre Homossexualidade. Ano XXI, n. 42, 2008, p. 37.

²³⁷ HELMINIAK, 1998, p. 96 e 97.

²³⁸ HELMINIAK, 1998, p. 102.

²³⁹ GENOVESI, 2008, p. 269, p. 11.

homoerotismo em suas cartas. A palavra que Paulo usou, as expressões gregas "malakoi", "arsenokoitai" e "pornoí", se traduz por "perversores", "pervertidos" e "imorais". Foram estes pecadores que Paulo incluiu na lista dos afastados do Reino dos Céus, e não os homossexuais, palavra desconhecida na Antigüidade. Paulo condenou os excessos e abusos sexuais dos povos vizinhos²⁴⁰.

3.2 Novas Teologias a respeito da aceitação da condição homossexual

Um debate teológico sobre homossexualidade começa normalmente com uma fundamentação bíblica, mas mesmo os autores que a defendem podem cair na armadilha de interpretações equivocadas, misturando textos de épocas diferentes e trabalhando com releituras bíblicas. Neste caso pode-se concluir que o homoerotismo²⁴¹ é pecado e suscetível de castigo²⁴².

As releituras bíblicas moralistas tiveram grande influência na construção da teologia moral cristã repressora da sexualidade e repressora também de qualquer prática sexual não dirigida à procriação: masturbação, homossexualidade, aborto e outras, afirma Tomita²⁴³. As releituras bíblicas também justificaram, no dizer de Helminiak, em algumas épocas, a segregação racial, a opressão das mulheres, a escravidão e a homofobia²⁴⁴.

Em todo estudo sério de Teologia da Sexualidade deve-se perguntar pelo sentido de haver milhões de pessoas que “não escolheram a condição homossexual”, e têm que viver e se integrar nesta condição. Qual seria o sentido último de Deus, que deixa a marca da perfeição em tudo que faz, haver “enviado” a esta terra filhos e filhas com “almas” diferentes? Todas as pessoas são pensadas e queridas por Deus, antes mesmo de serem concebidas, como não admitir que Ele tenha plano e missão para cada uma delas. Ninguém está no mundo por acaso, ninguém está sobrando para Deus²⁴⁵.

Brakemeier²⁴⁶ diz que a teologia luterana entende que a Bíblia ultrapassa em muito um simples livro de leis e deve ser lida a partir do todo, deve-se distinguir entre a letra e o espírito, e é necessário saber diferenciar os tempos. Questiona se as passagens relativas à

²⁴⁰ HELMINIAK, 1998, p. 95 a 107.

²⁴¹ Práticas homossexuais entre pessoas do mesmo sexo sem implicar que essas pessoas só sintam atração ou tenham práticas sexuais do mesmo sexo.

²⁴² TOMITA, 1999, p. 15.

²⁴³ TOMITA, 1999, p. 16 e 17.

²⁴⁴ HELMINIAK, 1998, p. 11.

²⁴⁵ MOSER, 2001, p. 258.

²⁴⁶ Brakemeier é doutor em Novo Testamento pela Universidade de Göttingen, Alemanha, pastor emérito da Igreja Luterana.

homossexualidade não devem ser interpretadas a partir do cerne do Evangelho. Isso possibilitaria conceituações diferentes daquelas em vigor desde há dois mil anos²⁴⁷.

O “Juízo Final” (Mt 25), será cheio de surpresas: muitos que são condenados serão glorificados; outros que são glorificados, serão condenados. Moser²⁴⁸ ao dizer isso conclui pela importância decisiva de guiarmo-nos pela pedagogia de Jesus.

Quanto à Igreja Católica, Edênio Valle²⁴⁹ admite que desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), tem-se abandonado o rigorismo homofóbico embora a doutrina ainda permaneça rígida. No tocante à pastoral e ao acolhimento tem-se adotado uma atitude de maior compreensão da complexidade da homossexualidade. A nova posição está levando a uma reavaliação da postura ético-teológica adotada em relação à homossexualidade e aos homossexuais. Na verdade se percebem aberturas e novos fechamentos dentro da Igreja. Ora valorizam a dignidade humana e os direitos do cidadão e do cristão, independente de sexo, e noutra se recrimina a homossexualidade, descrevendo-a como um fenômeno desordenado e prejudicial à sociedade. A Igreja também esporadicamente se indispõe com alguns teólogos que se mostram mais flexíveis ao tema²⁵⁰.

Transferetti²⁵¹ e Zacharias²⁵² expressam que o pensamento sobre a questão homossexual nos documentos da Igreja Católica é mais sofisticado e complexo do que possa parecer. Os teólogos citados analisaram alguns dos documentos que abordam o tema²⁵³ e concluíram que, apesar do rigor doutrinal dos documentos do Magistério, é possível construir uma ação pastoral centrada no acolhimento amoroso e no combate ao preconceito²⁵⁴.

Os mesmos teólogos salientam que se, para ser considerada conforme os princípios da moralidade, uma relação amorosa deve ser “sexualmente muda”; dificilmente amor e sexo serão integrados como devem ser na vida das pessoas. Este fato do desejo que não pode dizer o nome, esta separação entre amor e sexo pode ser mais imoral do que parece²⁵⁵. Acrescentam

²⁴⁷ BRAKEMEIER, Gottfried. Igrejas e homossexualidade: Ensaio de um balanço. CETESMA – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – Diocese Sul-Occidental – Distribuição Interna. Disponível em: <http://www.swbrazil.anglican.org/Princ_textosmens.htm>. Acesso em 16 fev. 2012, p. 6.

²⁴⁸ MOSER, 2001, p. 259.

²⁴⁹ João Edênio Reis Valle é padre da Congregação do Verbo Divino, psicólogo.

²⁵⁰ VALLE, Edênio. A Igreja Católica ante a Homossexualidade: Ênfases e deslocamentos de Posições. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, 2006, p. 153-185. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf>. Acesso em 16.03.2012, p. 155.

²⁵¹ Padre José A. Transferetti é doutor em filosofia e teologia moral, professor da PUC Campinas.

²⁵² Padre Ronaldo Zacharias é doutor em teologia moral.

²⁵³ Entre elas a “Declaração sobre alguns pontos da ética sexual” e a “Carta aos bispos da igreja Católica”.

²⁵⁴ TRANSFERETTI, José A.; ZACHARIAS, Ronaldo. Homossexualidade e ética cristã. *Revista Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 51, n. 275, novembro-dezembro, 2010, p. 23.

²⁵⁵ TRANSFERETTI; ZACHARIAS, 2010, p. 23.

ainda dois pontos importantes, quais sejam: a necessidade de evitar encorajar a separação da sexualidade e relação, entre ser e agir, pois só aprende a amar e a discernir as exigências do amor quem for capaz de renunciar a si mesmo; e observar que quando o próprio desejo é negado é muito fácil cair no anonimato, promessas clandestinas são fáceis de ser quebradas, só o amor exige fidelidade²⁵⁶.

A igreja cristã tem reagido lentamente e às vezes tem resistido a uma discussão do tema, se apegando às suas opiniões já cristalizadas. Ela ainda entende que aceitar ou incorporar as idéias da modernidade a fará enfraquecer, desestabilizar. O medo do diferente e do novo faz com que a maioria das igrejas se abra e logo se feche ao assunto da aceitação da homossexualidade, mas nos últimos anos se vê alguma evolução e o aparecimento cada vez maior de teólogos e teólogas que se dispõem a falar sobre o tema e acolher o homossexual, mesmo correndo o risco de serem mal interpretados pela própria igreja.

Os “diferentes” na época de Jesus eram os pobres, as mulheres e os que tinham doenças que não eram explicadas, para estes restava a rigidez da lei de impureza. Jesus questionou estas leis, os fariseus o recriminaram, mas Ele não se calou. O acolhimento dos homossexuais incentivado pelas igrejas já é um passo positivo em direção à aceitação, pois se orienta a acolhê-los. Acolher é mais que receber. Já existem pastorais de acolhimento a homossexuais em diversas igrejas e espera-se que cada vez mais cristãos homossexuais voltem a participar de suas igrejas e comunidades. Com isso espera-se que as igrejas possam perceber que eles e elas não oferecem perigo real, não ameaçam qualquer sociedade, família ou relacionamento apenas por serem homossexuais. O verdadeiro cristão deve aprender a ver o mundo, viver no mundo, mas sempre ouvindo a Deus.

3.3 Esperanças da fé para os homossexuais

Na vida cristã a prioridade pertence à fé, mas o primado à esperança²⁵⁷. A esperança é esperança da fé e não ao contrário: estruturalmente, primeiro vem a fé e depois a esperança, mas a fé pode e deve expandir-se em esperança. A fé implica a esperança; sem esperança, com efeito, a fé enfraquece. Já a fé em Cristo, sem esperança, produziria um conhecimento de Cristo efêmero e infrutífero. Mas a esperança, por sua vez, implica na fé: sem fé, a esperança, efetivamente se tornaria utopia, perdendo assim sua dimensão teológica²⁵⁸.

²⁵⁶ TRANSFERETTI; ZACHARIAS, 2010, p. 24.

²⁵⁷ MOLTMANN, Jürgen. Teologia della speranza. 1964, p. 14, apud GIBELINI, 1998, p. 282.

²⁵⁸ GIBELINI, 1998, p. 282.

A reconciliação com Deus é de vital importância para o ser humano porque a religião acompanha a busca de um sentido para a existência, do universo e de si mesmo diz Macedo²⁵⁹. O ser humano busca relação com o sagrado já dizia Mircea Eliade (1907-1986)²⁶⁰. Pode-se dizer que todas as religiões trazem a idéia do sagrado. Analisando esta afirmação podemos concluir que o homossexual que entende sua condição como de pecador, não consegue a sua conciliação com o sagrado, não consegue se sentir perdoado e perde parte do sentido de sua existência. É enfraquecido na sua fé e esperança, pode perdê-las. Se a reconciliação do homossexual com Deus depender de um arrependimento que ele ou ela não pode conceder, ele não pode se arrepender do que simplesmente é, sua condição homossexual, fecha-se a porta da esperança para ele ou para ela.

Analisando a questão da importância do perdão da vida do ser humano, Armange apresenta a tese de que tanto a culpa por não conseguir seguir a Lei, no caso específico a lei de Deus, quanto o orgulho de fazer o certo, seguir a Lei, são fatores de destruição para o ser humano, conforme a perspectiva teológica e psicanalítica. Nesse sentido ele entende que o perdão na vida do ser humano é um importante paradigma terapêutico, diante de todos os males advindos deste conflito²⁶¹. O perdão é solução à medida que a pessoa se sente reconciliada com Deus e assim é capaz de superar suas crises de consciência e buscar a reconciliação com seu semelhante.

Guimarães lembra que o psicanalista austríaco Carl Gustav Jung (1875-1971), analisando as profundezas da psicologia humana, detectou entre os traços de uma personalidade sadia a convivência com a própria sombra, isto é, os aspectos não tão luminosos, as tendências moralmente repreensíveis e as ambigüidades que caracterizam cada e todo ser humano. Reconciliar-se consigo mesmo, aceitar os próprios limites, lidar com as contradições, perdoar os próprios erros, são os comportamentos que caracterizam uma personalidade equilibrada. Aquele que julga negativamente alguns aspectos do seu caráter ou desaprova a si mesmo, ou se reprime excessivamente, para Guimarães, manifesta uma rigidez na personalidade que será, frequentemente, motivo de infelicidade para esta pessoa e para quem com ela convive²⁶².

²⁵⁹ MACEDO, 2007, p. 207.

²⁶⁰ Mircea Eliade foi filósofo romeno, uma das maiores autoridades nos estudos das religiões.

²⁶¹ ARMANGE, 2007, p. 9.

²⁶² GUIMARÃES, 2004, p. 40.

Buscar um sentido para sua vida é um dos grandes desafios pelos quais passam todos os seres humanos²⁶³. Este desafio torna-se maior quanto mais esses seres se sentirem “diferentes” dos demais. O primeiro pressuposto para encontrar um sentido em relação à própria vida consiste, certamente, no conhecer-se a si mesmo e aceitar-se, para, conseqüentemente, poder amar ao próximo como a si mesmo (Mt 22, 39).

A orientação homossexual não se constitui numa história que se referem a algumas minorias e com a qual a absoluta maioria das pessoas nada tem a ver. Ninguém pode dizer que nada tem a ver com isso. Muito pelo contrário: esta configuração afetivo-sexual faz parte do ser humano. Por isso, de uma forma ou de outra, nos sentimos envolvidos, pois temos que nos posicionar, não diante de uma problemática abstrata, mas diante de pessoas que vivem numa condição muito concreta²⁶⁴.

3.3.1 *Nos passos de Jesus*

Seguir Cristo é viver a solidariedade como princípio de vida, tal como afirmada na parábola do bom samaritano, no fazer-se próximo de quem sofre (Lc 10, 25-37). Na parábola do juízo final, Jesus deixa bem claro a centralidade desta prática solidária: toda vez que fizeste isto – dar de comer, de beber, de vestir, visitar doentes, ou prisioneiros – foi a mim que fizeste (Mt 25,40). O discípulo deve ter em mente o ensinamento de Jesus segredado aos apóstolos na última ceia: “Isto vos mando: amai-vos uns aos outros” (Jo 15,17). A comunhão com Deus passa necessariamente, e não opcionalmente, pela comunhão com os irmãos e irmãs, como já alertava o apóstolo João: “pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1 Jo 4,20)²⁶⁵.

Jesus despreza as discriminações de puro e impuro, que, em nome de Deus, a prática religiosa de seu tempo impunha aos doentes, aos pobres, aos considerados pecadores, às mulheres e às crianças e a todo tipo de marginalizados, como os pagãos. Assim, ele rompe todas as barreiras que se erguiam entre as pessoas e concretiza o projeto de Deus de seus filhos, tal como a galinha reúne seus pintinhos sob suas asas (Mt 23,37)²⁶⁶.

Cada pessoa ocupa um lugar único na grande obra da criação. Deus que se faz humano em Jesus une a humanidade a Deus. O próprio itinerário de Jesus define-se numa linha de defesa da dignidade humana frente a grupos e sistemas, tais como a lei do puro e do

²⁶³ MOSER, 2001, p. 252.

²⁶⁴ MOSER, 2001, p. 257.

²⁶⁵ GUIMARÃES, 2004, p. 77.

²⁶⁶ GUIMARÃES, 2004, p. 59.

impuro, que afastava da religião, do templo, doentes, pecadores, leprosos, pagãos, os quais Jesus faz questão de incluir em sua relação. A revelação judaico-cristã proclama que cada ser humano é filho de Deus e templo do Espírito Santo. Toda violação de sua dignidade é um atentado contra a própria ordem e plano estabelecido por Deus²⁶⁷.

Chamamos a atenção para o estranho silêncio de Jesus diante da questão homossexual. Seu grande horizonte é o do Reino, ao qual todos são convocados; seu critério básico é o amor: a quem muito ama, muito se perdoa; seus “clientes preferidos” são justamente os marginalizados de todo tipo, sobretudo os que eram classificados como “pecadores”. Não se pode imaginar Jesus selecionando previamente o joio do trigo, os bons e os maus, segundo cada estereótipo do seu tempo, ou de qualquer tempo. Ele é uma pessoa diferente, com um projeto diferente, com uma pedagogia diferente. Pouco importava para Jesus quem eram seus ouvintes; se eram publicanos, prostitutas, heterossexuais ou homossexuais: bastava que tivessem os ouvidos bem abertos para ouvir sua palavra e o coração aberto para iniciar o caminho da adesão ao Reino. A todos estes Ele está disposto a acolher²⁶⁸. O que importa para Jesus é que estejam dispostos a abrir os olhos para divisar os vastos horizontes de vida que Ele oferece para todos e todas²⁶⁹.

Para seguir Jesus temos que, na leitura da Bíblia, articular a nossa própria fé em nosso próprio tempo, certamente em diálogo sério e intenso com os antepassados da fé, mas de olho na realidade de hoje, com os nossos contemporâneos e na criação inteira²⁷⁰.

3.3.2 *O aconselhamento trazendo cura*

No aconselhamento o pastoral, o ser humano é promovido de maneira especial por meio de uma forma distinta de caminhar com pessoas, casais e membros de famílias ou pequenos grupos, no momento em que enfrentam desafios e dificuldades na vida. O objetivo maior é que vivam sabiamente à luz de Deus. “O aconselhamento pastoral é uma forma de cuidado pastoral, que busca promover o emergir humano à luz de Cristo e do reino de Deus²⁷¹”. Nas igrejas que vieram do protestantismo costuma ser utilizado o termo

²⁶⁷ GUIMARÃES, 2004, p. 86.

²⁶⁸ MOSER, 2001, p. 251.

²⁶⁹ MOSER, 2001, p. 238.

²⁷⁰ GERSTENBERGER, Erhard S. Bíblia e homossexualidade: Devem eles e elas morrer? Homossexualidade no antigo testamento e no ocidente médio antigo. *Revista Madrágora*, Ano 5, n. 5. São Paulo: UMESP, 1999, p. 75.

²⁷¹ SCHIPANI, Daniel. *O caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, 97.

“aconselhamento pastoral”, na Igreja Católica encontraremos com mais facilidade o termo “direção espiritual²⁷²”, sem muita diferença de atuação entre eles.

Brakemeier comenta, na revista *Psicoteologia*, uma frase que o impressionou: “O consolo vem do céu, de seres humanos pode-se esperar tão somente assessoria”:

[...] nem teologia nem psicologia são capazes de produzir consolo real em momentos de dor e desespero. O consolo ao alcance de seres humanos sempre será fraco. Em última instância, consolar é privilégio divino. Somente Deus tem recursos para vencer a barreira da morte e oferecer um início radicalmente novo. Isso não desvaloriza a assessoria psicológica nem a teológica. [...] não podemos produzir fé em outras pessoas, assim também podemos consolar apenas em parte. Fundamental é remeter às fontes de fé, às vertentes do consolo, à origem da esperança e recomendar o seu uso. Faz parte da assessoria que nos é devida²⁷³.

Seguir a pedagogia de Jesus requer um espírito de acolhida e de compreensão. No dizer de Moser, o ponto de partida deverá ser o de aceitar o ser humano como ele é, não como ponto de chegada, mas exatamente como ponto de partida²⁷⁴. Ele ainda completa:

Aceitar a pessoa homossexual como ela é significa ir ao encontro dela, disposto a mais ouvir do que falar, a mais aprender do que ensinar. Neste contexto convém ter claro que só ouve direito quem se liberta dos próprios preconceitos; e só se liberta dos preconceitos quem é capaz de restituir a palavra ao silenciado. [...] Entretanto, acolher as pessoas homossexuais como são não significa justificar um comportamento homossexual. [...]; mas justamente questionar, procurando animar as pessoas na sua caminhada: o ponto de chegada será sempre outro²⁷⁵.

No texto de Emaús (Lc 24, 13-35), por exemplo, encontramos o Jesus que cuida. Ele se torna o próximo dos discípulos e entra na realidade deles, respeitando suas condições, depois Ele os convida a contar sua história, a declarar sua dor e confessar seus sonhos e suas esperanças desfeitas. Aos poucos, Ele consegue fazer com que os discípulos confrontem o contexto social e as circunstâncias de suas vidas com o testemunho da Escritura e o horizonte de libertação à luz de Deus. Então Ele confronta a sabedoria convencional sobre o Messias com a sabedoria e o poder de Deus em Cristo e o paradoxo da cruz. Assim Jesus desempenha o papel de mediador entre a experiência humana e a vontade divina²⁷⁶.

A caminhada do aconselhamento parte do princípio da presença graciosa do Espírito de Deus, cuja participação é reconhecida e cuja orientação os aconselhadores pastorais

²⁷² Será utilizada a denominação “aconselhamento pastoral” nesse trabalho ao invés de “direção espiritual” exclusivamente em razão de que este é um trabalho final do mestrado profissional em “Aconselhamento Pastoral”.

²⁷³ BRAKEMEIER, Gottfried. Possíveis contribuições da teologia à psicologia e psiquiatria. *Revista Psicoteologia*. XV Congresso Nacional do CPPC, ano XX, n. 41, 2007, p. 11.

²⁷⁴ MOSER, 2001, p. 251.

²⁷⁵ MOSER, 2001, p. 251-252.

²⁷⁶ SCHIPANI, 2004, p. 99.

procuram e respeitam. Aconselhar em nome de Cristo significa aconselhar com o poder e parceria do Espírito Santo. É interessante observar que, segundo o Evangelho de João (Jo14-16), Jesus ensinou que o Espírito Santo era o *parakletos* – consolador, defensor, auxiliador e conselheiro – aquele que, como Jesus, é uma presença consoladora junto aos discípulos enquanto caminham pela vida²⁷⁷. O enfoque principal do aconselhamento pastoral deve ser ajudar as pessoas a levarem vidas sadias e de fé em meio a suas jornadas humanas normais²⁷⁸.

As pessoas homossexuais têm de lutar também para aprender a amar. Elas têm de aprender a integrar sua sexualidade numa genuína intimidade com outra pessoa. Como fazê-lo quando não se tem um chamado ao celibato é algo que a teologia moral jamais abordou, mas temos conhecimento do que Deus quer para todos nós. Deus deseja que cada um de nós se torne uma pessoa humana plena e que se desenvolva como pessoa humana e, por conseguinte, uma pessoa que está em paz consigo, que desenvolve talentos e capacidades com que foi agraciada. Isso vai acontecer por meio de nossos relacionamentos amorosos. E, para a maioria das pessoas, vai acontecer por meio de um relacionamento especial com outra pessoa, de maneira bastante amorosa e gratificante²⁷⁹.

A fim de aprofundar a compreensão do amor homossexual, é conveniente que se ouça a experiência de pessoas homossexuais em sua luta para se tornar plenamente a pessoa que cada uma é chamada a ser. Da mesma forma que os teólogos morais começaram a usar as experiências de pessoas casadas para desenvolver orientações sobre a vivência do amor conjugal, assim também devem eles começar a obter dados da experiência daqueles que são chamados a integrar sua homossexualidade em sua vida de uma maneira que seja de fato doadora de vida²⁸⁰.

Não há dúvidas de que o sexo adquire uma grande importância na vida de alguns homossexuais. É certo que essas pessoas são homossexuais, mas importa fazê-las entender que não são apenas homossexuais: são pessoas dotadas de múltiplas potencialidades. Ajudá-las a distinguir sexo²⁸¹ de sexualidade numa sociedade sexista, será com certeza um grande desafio. Mas sem isso nenhum tipo de pastoral irá muito longe. É através da revelação das diversas dimensões da sexualidade que os homossexuais serão capazes de descobrir os muitos

²⁷⁷ SCHIPANI, 2004, p. 102.

²⁷⁸ SCHIPANI, 2004, p. 104.

²⁷⁹ GAMBLETON, 2005, p. 47.

²⁸⁰ GAMBLETON, 2005, p. 48.

²⁸¹ Sexo é entendido como característica física, biológica dos seres humanos, macho e fêmea.

valores que trazem abafados pela condição que têm, ou são levados a assumir²⁸². Faz parte da relativização do sexo pela valorização da sexualidade, o cultivo de amizades, sejam na esfera homo, sejam na esfera heterossexual. Exemplo de um trabalho frutífero utilizando esta forma de ser de Jesus é a “cura” sentida por Lianderson Miranda com a ajuda do grupo do CPPC²⁸³:

Por muito tempo tentei explicar minha sexualidade, tentei controlar meus impulsos sexuais e tudo que aconteceu foi um rebate destrutivo, que me envelheceu e consumiu minha energia. Quando resolvi deixar que Deus cuidasse de mim e conduzisse minha vida, a Paz inundou meu ser e hoje tenho Vida e Vida em abundância. Encontrei um amor, um relacionamento estável. Reatei amizades e contatos com familiares que havia deixado ou me distanciado no passado, passei a freqüentar uma igreja local e investi na minha carreira e na aplicação dos meus dons, que o inimigo quase os calou. Assim, hoje me considero um ser curado, com a ajuda de profissionais como vocês, pastores, amigos e pedras fui curado. Hoje tenho a consciência de que não tenho resposta para tudo. Não sei se homossexualidade é pecado ou não. Não sei se a homossexualidade é genética ou nutrida pela sociedade. O que tenho certeza é do Amor Incondicional de Deus por minha vida, da justificação e salvação oferecidas a mim no sacrifício do meu Senhor Jesus Cristo na Cruz. Adoraria poder contar com o apoio e voltar para o convívio da igreja local sem máscaras. Espero que vocês tenham condições de se aprofundarem em seus estudos e não se distanciem dos seus pacientes e da dor que estes sentem, podendo assim os ajudar nesse processo de cura que nos conduz ao aperfeiçoamento²⁸⁴.

Há uma cura para toda a sociedade, e ela que precisa ser invocada. Há uma conversão de modos de ver, de ouvir, de sentir que precisa se concretizar em nossa casa, em nossa vida, em nossas igrejas. A sociedade heterossexista endureceu seu coração e perdeu sua capacidade de discernimento, ela mesma precisa recuperar sua imagem e dignidade perdida. Baseado no profeta Isaías, o apóstolo Paulo falou aos Romanos²⁸⁵:

“[...] em vão escutareis, pois não compreendereis; em vão olhareis, pois não vereis. O coração deste povo embotou-se: com os ouvidos ouviram mal e seus olhos taparam; para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, nem se convertam, e eu não os cure! Ficai, pois, cientes: aos gentios é enviada esta salvação de Deus. E eles a ouvirão”(At 28, 26-28).

Toda a nação, todo o povo, toda a sociedade heterossexista precisa de cura: onde não há paz, não há cura. A paz, a salvação, a saúde, a cura são a abertura para a hospitalidade em nossa casa, nosso ser, nossa família, nossa igreja, a abertura para um novo modo de pensar, de se relacionar, de conviver, de ver, de ouvir, de conceber o mundo e toda a criação de Deus²⁸⁶.

²⁸² MOSER, 2002, p. 255.

²⁸³ CPPC – Corpo de psicólogos e psiquiatras cristãos.

²⁸⁴ MIRANDA, Lianderson. Carta de um homossexual curado ao corpo de Psicólogos e Psiquiatras cristãos. *Revista Psicoteologia*. II Forun Interno sobre Homossexualidade. Ano XXI, n. 42, 2008, p.32. Integra no anexo II.

²⁸⁵ SCHEUNEMANN; ROESE, 2005, p. 117.

²⁸⁶ SCHIPANI, 2004, p. 117.

O termo “hospitalidade” como sinônimo de acolhimento agradável perdeu muito de sua força, mas é um termo bíblicamente evocativo²⁸⁷.

A mais importante maneira de saber o que é moralmente certo ou errado em nossas ações é discernir o que nos torna mais ou menos pessoas humanas plenamente desenvolvidas. Esse discernimento tem grande relevância quando somos atraídos a relacionamentos sexuais, mas também em todo e qualquer relacionamento humano em que se tenta desenvolver intimidade. O que é moralmente correto sempre vai fazer de nós pessoas melhores. Um antigo axioma da Igreja o disse da seguinte forma: “A glória de Deus é a plenitude de vida do ser humano”²⁸⁸. Logo, os mandamentos ou leis morais que aprendemos não são apenas aros pelos quais Deus deseja fazer que pulemos. Eles de maneira alguma têm esse caráter. Deus está tentando nos mostrar o caminho. E, para um cristão, o caminho é Jesus, que constitui para nós a revelação de Deus presente no mundo. Ele nos mostrou o caminho que leva a plenitude da vida, o único caminho, o caminho do Amor²⁸⁹.

No dizer de Antonio Moser, o que é realmente importante é aproximarmo-nos o mais evangelicamente possível dos que não apresentam nem um rosto nem um corpo diferente, mas com certeza uma “alma” diferente²⁹⁰.

²⁸⁷ GASQUES, Jerônimo. *Diaconia do acolhimento*: Desafio à liturgia e à pastoral na cidade. 6.ed.. São Paulo: Paulus, 2006, p. 19.

²⁸⁸ LYON, Irineu. *Against the Heresias*, 4.20. SC &. Paris: Cert, 1965. 100/2: 648-649. *Gloria Dei vivens homo*. In GAMBLETON, 2005, p. 47.

²⁸⁹ GAMBLETON, P. 47.

²⁹⁰ MOSER, 2001, p. 213.

CONCLUSÃO

A pesquisa demonstrou que a homossexualidade é um assunto de difícil compreensão e de pouca abordagem em conversas no meio social, familiar, escolar e principalmente religioso. Hoje este fato vem mudando aos poucos em razão da maior exposição do tema, em reivindicações de direitos legais e pela exposição nos meios de comunicação.

As pessoas homossexuais ainda são tratadas com preconceito, discriminação e incompreensão. Da análise histórica resulta o conhecimento da influência negativa da moral sexual cristã sobre a condição homossexual. As igrejas cristãs intitulavam de sodomia, à época das inquisições, o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Este termo nasceu de uma equivocada interpretação de uma passagem bíblica do Gênesis. Era considerado um pecado grave, cujo nome nem podia ser pronunciado.

Hoje este tipo de condição não é mais considerada pecado em si, pelo menos para a Igreja Católica, mas a prática homossexual é considerada ainda contra a natureza e, para a mesma igreja, não deve ser incentivada para que não prejudique a vida em sociedade. A maioria das igrejas cristãs condena os relacionamentos homoeróticos e apóiam somente os relacionamentos afetivos e sexuais do modelo heterossexual. Esta posição das instituições religiosas causa angústia, sofrimento e dor nos seres humanos que não estão na ordem heterossexual de comportamento sexual, especialmente nos que foram educados em famílias cristãs.

A medicina, na busca por respostas para o comportamento homossexual, também influenciou negativamente a imagem da homossexualidade na sociedade, visto que a considerou “doença” a ser tratada. Mesmo a divulgação posterior contrária a esta tese não trouxe mudanças rápidas para o seio da sociedade. Ainda se tem a homossexualidade em muitos ambientes como uma opção anormal.

A psicologia também se ocupou em estudar a homossexualidade, e a principio, considerou-a uma inversão ou uma imaturidade no desenvolvimento sexual do ser humano; mais tarde proibiu o tratamento terapêutico para reversão da homossexualidade, pois não mais a entendia como uma patologia.

A pesquisa mostra que há evidências de que a religião cristã colaborou, juntamente com a medicina e psicologia, para a formação do estereótipo negativo que ainda recai sobre o homossexual. Buscando as mais recentes normas eclesiais sobre o assunto foi encontrada uma

quantidade considerável de documentos da Igreja Católica contrários aos relacionamentos homoafetivos. Estes paradigmas não diferem muito de outras denominações religiosas cristãs.

O mistério da homossexualidade intriga muitas pessoas, sua gênese ainda não foi definida. Estar diante do “diferente” gera medo e preconceito. Às vezes este preconceito é mal administrado e é externado sob a forma de violência, de homofobia. A homofobia, em forma de violência verbal ou física, tem sido notícia nos telejornais, cada vez com mais frequência. A atitude de violência contra aqueles e aquelas que não são heterossexuais deve levar as igrejas cristãs a uma postura de defesa da vida humana, de acolhimentos desses irmãos e irmãs.

As igrejas cristãs podem e devem incluir em suas pastorais e comunidades a discussão sobre o acolhimento dos homossexuais. Estes irmãos e irmãs são muitas vezes colocados à parte de nossas assembléias. Um importante instrumento do acolhimento é o aconselhamento pastoral ou a direção espiritual, que pode trabalhar em primeiro lugar no fortalecimento da auto-estima destes irmãos, com base nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Outra forma, de se lidar com o problema do preconceito, é a abordagem do assunto com as famílias dos homossexuais, bem como com os membros da comunidade que não conseguem administrar seus sentimentos negativos a respeito deles e delas. Ficou evidenciado na pesquisa que o que causa a angústia, a dor e a vontade de morrer, para alguns homossexuais, não é a homossexualidade em si, senão a percepção do preconceito e das reações da sociedade e da religião contra a condição homossexual.

Para trabalhar com estes nossos irmãos e irmãs é necessário começar revendo o nosso próprio preconceito. É importante buscar as causas do mesmo para que se possa entender a homossexualidade e desmistificá-la. Outra atitude importante para o cristão é se perguntar sobre a atitude que Jesus teria diante dos problemas que enfrentam hoje os homossexuais.

Jesus era judeu e acolheu a todos e todas, mesmo estando inserido em um sistema de leis rigorosas e discriminatórias, que afastavam do templo os pobres, os doentes e os impuros. Jesus não se voltou contra a lei, mas Ele as releu, as atualizou, priorizou a justiça e o amor. Jesus olhou o seu tempo com o ouvido e o coração voltado para Deus.

O homossexual está cada vez mais presente na vida em sociedade, e ganha cada vez mais visibilidade, mas ele ainda precisa ser visto, visto como pessoa e filho de Deus. É

preciso que não o julgemos, Jesus disse: “tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão” (Mt 7,5), quando nos ensinava a não julgar.

Reconhecer o homossexual como irmão em Cristo, independente de entendermos a gênese de sua condição sexual é uma exigência do ser cristão, do seguimento de Jesus Cristo. Só assim podemos acolhê-los, escutá-los, sentir os problemas pelos quais eles e elas passam, sem julgamentos e sem cobranças. Apenas desta forma será possível levar a eles e a elas o amor de Deus, e o Evangelho da salvação de Jesus Cristo, visando o fortalecimento da fé e da esperança neles. O amor de Deus é incondicional, gratuito, a fé é graça e é para todos e todas.

A esperança que vem da fé em um Deus amoroso, a certeza da salvação e do convívio com o Deus vivo, tanto na vida terrena quanto na vida eterna, são indispensáveis para a cura da angústia e a recuperação da paz do homossexual. Devemos isso a estes irmãos que desde épocas remotas não são compreendidos e são discriminados e alvo de tantas injúrias.

Uma música intitulada “Digno”²⁹¹ e cantada pelo grupo OPA – Oração Pela Arte sintetiza o sentimento que pode ajudar o cristão no acolhimento e aconselhamento a pessoas em crise, especialmente os retratados neste trabalho, os homossexuais:

DIGNO

Digno, digno, digno,
 Quem não haverá de ser
 Quem poderá dizer
 Quem não tem,
 Quem não tem pecado, não
 Bem e mal moram no mesmo coração
 Digno,
 Cada homem é digno,
 Apesar do indigno
 Apesar de tudo que faz
 E a mão
 E a mão de Deus que é perdão
 Se o mundo me diz que não.
 Ele diz que eu sou
 Digno, digno, digno.

²⁹¹ GUANAES, Nizan; MONTEIRO, Maria Célia. Digno. Grupo OPA. Em <<http://www.youtube.com/watch?v=fG5jH94FCWg>>. Acesso em 30 mar. 2012.

REFERÊNCIAS

AARDWEG, Gerard J. M. *A batalha pela normalidade sexual e homossexualismo*. Aparecida, SP: Santuário, 2000. Tradução Orlando Reis.

ALISSON, James. O amor homossexual: um olhar teológico-pastoral. *Revista IHU*. São Leopoldo, 07 de abril de 008. | Edição 253.

ARMANGE, Marcos Augusto. *O Perdão de Deus: Uma análise sobre a angústia de culpa e a idealização do eu em Lucas 15, 11-32 a partir da compreensão de paternidade na perspectiva teológica e psicanalítica*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo. EST, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004.

_____. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005.

BENTO XVI. Carta Encíclica “*Deus Caritas Est*”. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

BÍBLIA de Jerusalém. Edição em língua portuguesa. 8. impressão rev. São Paulo, SP: Paulus, 2000.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: historia e critica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://www.autenticaeditora.com.br/autentica/homofobia_-_historia_e_critica_de_um_preconceito/574>. Acesso em 12 mar.2012.

_____. *Homofobia e Educação*. Disponível em <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxjb25jdXJzb25pZ3N8Z3g6M2ZiOTUxYWWM3OGU0YzYyOA>>. Acesso em 10 mar. 2012.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Igrejas e homossexualidade: Ensaio de um balanço*. In: CETESMA – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – Diocese Sul-Occidental – Distribuição Interna. Disponível em: <http://www.swbrazil.anglican.org/Princ_textosmens.htm> Acesso em 16 Fev. 2012.

_____. Possíveis contribuições da teologia à psicologia e psiquiatria. *Revista Psicoteologia*. XV Congresso Nacional do CPPC, ano XX, n. 41, 2007.

CARRARA, Sérgio. *Política, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT*. São Paulo 2005/coordenação Sérgio Carrara, Regina Facchini, Júlio Simões, Silvia Ramos – Rio de Janeiro: CEPESC, 2006. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/julio05.pdf>> Acesso em 2 mai. 2012.

CARTA aos Bispos da Igreja Católica: Sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais. Congregação para a doutrina da fé. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_1986_1001_homosexual-persons_po.html>. Acesso em 16 mar. 2012.

CATECISMO da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 1999.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*; tradução de Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CONCILIUM, Revista Internacional de Teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, nº 324. Homossexualidades, 2008/1.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. *Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais*. Vaticano, 1992. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html> Acesso em 22 fev. 2012.

CONSELHO Pontifício Para a Família. *Sexualidade Humana: Verdade e Significado. Orientações educativas em família*. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CORREIA JUNIOR, João Luiz. *O poder de Deus em Jesus: Um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. A construção cultural da diferença entre os sexos. In *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, Publicação Semestral, Ano 2, Número 3, junho de 1995, pp. 3-8. Disponível em:

<http://www.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/acompanhe/eventos/parlamento_jovem/2012/docs/construcao_cultural_diferenca_sexos.pdf>. Acesso em 30 mai.2012.

DICIONÁRIO Bíblico. John L. Mackenzie. São Paulo: Paulus, 1993.

DICIONÁRIO de Teologia Moral/dirigido por Francisco Compagnoni, Giannino Piana, Salvatore Privitera; tradução Lourenço Costa, Isabel F.L. Ferreira, Honório Dalbosco. – São Paulo: Paulus, 1997. – (Serie dicionários).

DIGNO. Música. Nizan Guanaes, Maria Célia Monteiro. *Grupo OPA*. Em <<http://www.youtube.com/watch?v=fG5jH94FCWg>>. Acesso em 30 mar. 2012.

DOLTO, Françoise, SÉVÉRIN, Gerard. *A fé à luz da psicanálise*. Tradução Marisa Rossetto. Campinas, SP: Verus, 2010.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a Questão Gay*. Tradução de Procópio Abreu. Rio Comprido, RJ: Companhia de Freud, 2008.

ESTUDOS Bíblicos. Petrópolis, RJ: Vozes, nº 66. Sexualidade e homossexualidade na Bíblia, 2000.

ESTUDOS Bíblicos. Petrópolis, RJ: Vozes, nº 86. Bíblia e masculinidade, 2005/2.

FILADÉLFIA. Filme. Estados Unidos, 1993, dirigido por Jonathan Demme. Roteiro de Ron Nyswaner.

FREUD, Sigmund. Um caso de Histeria, *Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GASQUES, Jerônimo. *Diaconia do acolhimento: Desafio à liturgia e à pastoral na cidade*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

GENOVESI, sj, Vicent J. *Em busca do Amor: moralidade católica e sexualidade humana*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

GERSTENBERGER, Erhard S. Bíblia e homossexualidade: Devem eles e elas morrer? Homossexualidade no antigo testamento e no ocidente médio antigo. *Revista Madrágora* Ano 5, n. 5. São Paulo: UMESP, 1999.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, São Paulo: Loyola, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar e outros (org). *Movimento Sociais, Educação e Sexualidades*. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

GRÜN, Anselm. *Caminhos para a liberdade: Vida espiritual como exercício para a liberdade interior*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2005. Tradução de Ilson Kayser.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um mundo novo é possível: Dez boas maneiras para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. Tradução Eduardo Teixeira Nunes. São Paulo, SP: Summus, 1998.

INTERPRETAÇÃO da Bíblia na Igreja. Pontifícia Comissão Bíblica. Roma, 15 de abril de 1993. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_index_po.htm>. Acesso 15 jan.2012.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica “*Veritatis Splendor*”: sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leôncio. *Um estudo sobre formas de preconceito contra homossexuais: perspectivas das representações sociais*. Psicologia: Reflexões e Crítica. Universidade da Paraíba, 2002. pp. 165-178. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>>. Acesso em 30 mar. 2012.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.) *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres; EdUnB, 2009. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxjb25jdXJzb25pZ3N8Z3g6M2ZiOTUxYWWM3OGU0YzYyOA>>. Acesso em 10 mar. 2012.

LOURO, Guaraci Lopes. *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2000, p. 30. Disponível em: <<http://www.autenticaeditora.com.br/download/capitulo/20090504102217.pdf>>. Acesso 16 mar. 2012.

MANUAL de Normas para Trabalhos Científicos. Baseado nas normas da ABNT. 2. ed. rev e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

MARTINS, José Cássio. Sexualidade e Espiritualidade. Disponível em <http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=182&Itemid=114>. Acesso em 24 out. 2011.

MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética Cristã*; tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

MAZZAROLO, Isidoro et al. Sexualidade e Homossexualismo na Bíblia – *Estudos Bíblicos*. Petrópolis:Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

MILAN, Betty. Arquivo da categoria análise: Castigo. 2 jun. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/consultorio-sentimental/analise/castigo>> Acesso em 24 fev. 2012

MILK. Filme. Estados Unidos, 2008. Dirigido por Gus Van Sant.

MOSER, Antônio. *O enigma da Esfinge: A sexualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOTT, Luiz. *O que todo cristão deve saber sobre homossexualidade*. In Homossexualidade: Mitos e verdades. Salvador: GGB, 2003, p 101-108. Disponível em: <<http://luiz-mott.blogspot.com.br/2006/08/o-que-todo-cristo-deve-saber-sobre.html>> Acesso em 7 abr. 2012.

MUSSKOPF, André S. *Talar Rosa: homossexuais e o ministério na Igreja*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2005.

MUSSKOPF, André S.; SINNER, Rudolf Eduard von. *Via(da)gens teológicas: Itinerários para uma teologia queer no Brasil*. 2008. 524 f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17202107/Viadagens-teologicas>>. Acesso em 26 fev.2010.

MUSSKOPF, André S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. Cadernos IHU em formação. Ano 2, n. 8, 2006. Disponível em <www.ihu.unisinos.br/.../58381-a-meia-luz-a-emergencia-de-uma-teologia-gay-seus-dilemas-e-possibilidades>. Acesso em 26 fev. 2010.

NAVARRO, Tânia. Os componentes ligados à sexualidade são históricos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 355, 2010.

ND Globo, 21 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1574918&seccao=%C1frica> .Acesso em 30 abr 2012.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Menstruação, parto e impureza no Levítico. *Estudos Bíblicos 66: Sexualidade e Homossexualidade na Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. Epistemologia, Violência, Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, São Leopoldo: Sinodal, EST, 2008.

NILSON, Jon. A igreja e os desafios da diversidade sexual. *IHU ON LINE*. Disponível em: <www.unisinos.br/IHU>, 9 de out. de 2006. Acesso em 11 jul.2011.

NOÉ, Sidnei Vilmar. (Org) *Espiritualidade e Saúde: Da cura d'almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2007 (Coleção comunidade e missão).

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *O Arco-Iris (Dês)Coberto*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. De uma hereditariedade não-fatalista: o “endógeno” e *Typus melancholicus*, segundo Tellenbach. *Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, ano II, n. 4, 159-163, p. 160. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/dez9/9.pdf>>. Acesso em 9 dez. 2011.

PIERONI, Geraldo. *Os excluídos do Reino de Deus: a inquisição portuguesa e o degredo para o Brasil Colônia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2. ed., 2006.

PRAYER for Bobby. Filme. Direção de Russel Mulcahy, Estados Unidos, 2009.

PRIORE, Mary del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Tradução de Paulo Frões. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1996.

REIMER, Harold; SILVA, Valmor da.(Org.). *Hermenêutica Bíblica: Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006.

REVER- *Revista de estudo da religião*. Ano 11, n. 1, jan/jun, 2001. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032/4378>> ,. Acesso em 1 mai. 2012.

REVISTA *Psicoteologia*. II Fórum Interno sobre Homossexualidade: Companheiros a caminho de Ninive, uma cidade muito importante diante de Deus. I semestre 2008 Ano XXI, n. 42.

REVISTA *Mandrágora*. Religião e Homossexualidade, São Paulo. Ano 5, n. 5, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, 1999.

REVISTA *Mente – CÉREBRO & FILOSOFIA*. Foucault: Desejo e sexualidade. Vol. 4. 2. ed. rev. São Paulo: Duetto, 2011.

REVISTA *Vida Pastoral*. Homossexualidade e ética cristã. São Paulo: Paulus, Ano 51, n. 275, novembro-dezembro 2010.

ROSS, Susan. A antropologia teológica de João Paulo II e a diversidade sexual. IHU ONLINE. Disponível em: <www.unisinos.br/IHU>. Acesso em 9 out. 2006.

RUF, Ambrosius Karl. *Curso Fundamental de Teologia Moral: Consciência e Decisão – Volume II*. São Paulo: Loyola. Tradução Silvino Arnhold, S.J.

SANTOS, Hugo N. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA, 2008.

SCHEUNEMANN, Arno V., ROESE, Anete. (Orgs) *Homossexualidade, Conjugalidade e Violência: alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos, 2005.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

SOCIEDADE Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH. Vol. 8, n. 2, jun. a dez. 1997. Disponível em <http://www.sbrash.org.br/portal/index.php?searchword=1997&option=com_search&Itemid=>. Acesso em 25 out. 2009.

STEARNS, Peter N. *Historia da Sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.

STROHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *A Flor da Pele: ensaios sobre gênero corporeidade*. 2. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2006.

THEOBALD, Christoph. *Transmitir um Evangelho de liberdade*. Tradução de João Carlos Nogueira. São Paulo, SP: Loyola, 2009.

VALLE, Edênio. A Igreja Católica ante a Homossexualidade: Ênfases e deslocamentos de Posições. . São Paulo: Paulus. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, 2006, p. 153-185. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_valle.pdf>. Acesso em 16 mar.2012.

VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã: História e Atualização*. São Paulo, SP: Santuário, 2008.

VOCABULÁRIO de Teologia Bíblica. Tradução de Fr, Simão Voigt. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

WINK, Walter et al. *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo, SP: Fonte Editorial Ltda., 2008.

ANEXO A: Mito de Maca²⁹²

A história de Maca/Maco atravessa três novelas: *Garabombo el Inuisible*, *El Cantar de Agapito Robles* y *La Tumba dei Relámpago*. Ela é nascida menina, criada numa família de homens bandoleiros, ladrões de gado, ela aprende a montar e a atirar como os irmãos. Como menino ela tem mais condições de sobreviver no mundo marginal da família. Uma vez numa prisão, outros homens vão descobrir a fêmea no corpo do jovem ladrão e abusam dela. Assim, a violência no corpo de Maca/Maco não é muito diferente da violência toda na terra ocupada, sua interdição. Maca vai aprender a usar desta ambigüidade na defesa de sua família, de seu grupo marginal e dela mesma.

Nas suas aparições de mulher e homem ela/ele desperta as paixões mais violentas e belas de toda a Guerra Silenciosa. As mulheres se apaixonam por Maco. Os homens se apaixonam por Maca. Quando descobrem a ambigüidade da beleza que seduz já não sabem mais dizer se homem ou mulher. Tanto faz! desejam Maca/ Maco ... como for o caso de aparecer. Mulheres desejosas pela mulher que se esconde no homem. Homens desejosos pelo homem que Maca também é. Desaprendidos do desejo que haviam aprendido, os homens e mulheres da Guerra Silenciosa aprendem no corpo que o desejo tem muitas caras, muitas formas. Apavorados pela ambigüidade sedutora de Maca/Maco, homens e mulheres acabam se rendendo ao desejo em aberto.

A ambigüidade sexual de Maca também vai funcionar para confundir os poderosos. As estruturas consolidadas de macho e fêmea são utilizadas para a reprodução da opressão e da submissão, Maca aproveita seu lugar de ambigüidade para confundir os poderosos e criticar os usos domesticados da sexualidade feminina a serviço dos varões no poder.

Don Migdonio, no *Cantar de Agapito Robles*, um grande fazendeiro da região, propõe casamento a Maca - depois de uma noite plena de sexo - dizendo:

Me llamo Migdonio de la Torre y Covarrubias del Campo del Moral. Los de la Torre acompañaron al Libertador Bolívar durante la campaña de la Independencia. Nuestra familia ha dado un presidente de la república, tres generales, cuatro obispos y dos vocales de la Corte Suprema. ¿Acepta ser mi esposa?

Maca responde:

²⁹² PEREIRA, Nancy. A guerra silenciosa – de como @s Latino-american@s podem ser o que quiser. *Concilium - Revista Internacional de Teologia*. Homossexualidades, n. 324, Petrópolis: Vozes, 2008/1 p. 63.

- Antes te aceptaría unos tamalitos, si no es ofensa tener hambredespues de haber dado de comer.

- ¿Tamalitos? - pergunta o homem.

- Sí. Y verdes, salvo que tus ilustres antepasados tengan algo en contra de ese color.

Don Migdonio vai desgraçar-se, abandonar família e propriedade e não vai ter o que deseja: Maca! O Padre Chasan, no confessionário, não vai se cansar de ouvir o povo dizendo de seus desejos confundidos. Aos poucos as histórias de Maca vão se fazer acompanhar por histórias de milagres, curas e salvações. Maca assume o lugar fantástico das deusas e santas. Sua ambigüidade a transforma em mito. Os santos e santas então são assim: lugar aonde o povo coloca o desejo!

Na *Tumba dei Relampago*, Doroteo Silvestre vai representar toda a dor e fúria de desaprender o desejo imposto, até libertar-se pelo desejo acontecido. Doroteo vê Maca de longe numa situação de roubo a banco em que ela, vestida de mulher, atravessa a praça atirando e fugindo. Os olhares se encontram por um segundo ou menos. Doroteo se apaixona. Quando pergunta por aquela mulher recebe a resposta mais inesperada: é um homem!

Não pode ser! Doroteo quer negar a possibilidade dele - varão! - ter desejado outro varão em plena luz do dia ... ter se deixado confundir pelas roupas e os brincos: um homem vestido de mulher! Mas o corpo de Doroteo não esquece a aparição. Num primeiro momento ele tenta fugir, escapar da aparição e seu desejo. Vencido, Doroteo em meio a uma experiência erótico-religiosa de contemplação da Virgem Maria, decide se entregar para o amor acontecido e vai atrás de Maca/Maco. O que for!

A decisão deixa Doroteo iluminado! Ele não pode esconder, todos vêm pela rua seu corpo acendido ... ele tenta disfarçar, dizer que é uma doença. Mas ele sabe! Está iluminado por este amor que não era pra ser. Um homem amar um homem assim!!

Doroteo se aproxima de Maco. Por onde ele/ela passa deixa histórias incríveis de amores impossíveis, imperdoáveis, inaceitáveis. Mas Doroteo vai até o fim, até se embrenhar com Maco num desfiladeiro, enfrentando a milícia. Os dois estão encurralados. Doroteo atira mantendo o olhar em Maco/Maca: meu amor! A situação se complica. Uma troca rápida de palavras e Doroteo diz de seu amor de muito tempo. Maco sorri. Doroteo se desconcentra e um tiro o atinge. Um jorro de sangue pela sua boca se transforma em uma buganvile florida, galhosa e exuberante que ajuda Maco a fugir da Milícia.

ANEXO B: Carta de um homossexual curado²⁹³

São Paulo, Janeiro de 2008.

Amados em Cristo,

Primeiramente gostaria de agradecer seus esforços em entender a questão Homossexual. Obrigado pelo olhar que é lançado, uma atitude de coragem e amor. Sei o quanto é difícil lidar com essa relação, se por um lado se sentem solidários com a dor de seu paciente, por outro se' sentem em conflito com os valores adquiridos na tradição e no estudo das Escrituras.

Teorias se contrastam nesse tema gerando ainda outras indagações. De um lado, movimentos GLBT se estabelecem e ganham território na mídia, nas leis e nas ruas. Igrejas Inclusivas começam a aparecer. Amigos próximos e amados, inesperadamente saem do armário e firmam sua sexualidade homossexual. Do outro lado, sermões inflamados são difundidos nos púlpitos do país. Grupos fundamentalistas agridem homossexuais nas ruas, na mídia e nos campos da política. Projetos de cura de homossexuais são divulgados e tentam provar sua eficácia.

Pacientes de ambos os lados aparecem nos consultórios. Uns procurando entender, aceitar e viver sua sexualidade. Outros num processo de luta contra a sexualidade desejada, desesperados para deixarem a homossexualidade e viverem o celibato ou a heterossexualidade.

Sei o que passam, pois eu próprio já passei por isso. Já vivi o conflito. Se por um lado queria viver o sagrado e viver para Deus, por outro me via frente aos meus desejos sexuais, que aparentemente eram contrários às sagradas Escrituras. A angústia é tamanha que pensamentos como suicídio, intervenções cirúrgicas ou medicamentosas surgem. Bem como desejo de abandonar a igreja e o convívio social. Já ouvi falar de pessoas que se castraram para não praticarem sua sexualidade, pensaram em tomar hormônios masculinos, tentaram terapias de choque, reclusão, sublimação e tudo mais. Jejum, corrente de oração, abstinência forçada em claustros, sexo com parceiros do sexo oposto, com ou sem o desejo. Vi lares formados baseados em uma mentira, ou na intenção da cura. Sublimações que levaram as pessoas até mesmo aos campos missionários. Do outro lado, vi homossexuais que se

²⁹³ MIRANDA, Lianderson. *Carta de um homossexual curado ao corpo de Psicólogos e Psiquiatras cristãos*. In: Revista Psicoteologia. II Forun Interno sobre Homossexualidade. Ano XXI, n. 42, 2008, p. 32.

entregaram à solidão e à troca constante de parceiros: uma prática sexual compulsiva e destrutiva. Sublimações que fizeram pessoas tornarem-se em verdadeiros "nerds", especialistas em algo de maneira tão profunda que não conseguiram ver a si mesmos. Algumas parecem resolvidas e suas soluções parecem ser eficazes, outras explodem e geram muitas outras dores. Situações que a todo momento chegam aos seus consultórios. De qualquer forma, a dor é muito grande e o processo destrutivo é visível.

Importante é nesse momento lembrar que não temos a visão do todo, que vemos em parte o que veremos um dia por completo e face a face. Natural é ao ser humano, achar que somente o seu pequeno universo visto é o todo, ignorando que muitas outras realidades há. Nossa visão centrada em nós mesmos por vezes nos impede de ver as muitas outras visões. Bom é saber que temos um Deus multiforme que cuida de todas as diversas formas do ser, inclusive de vocês.

Preocupem-se em cuidar e em serem instrumentos de Deus no lidar com seus pacientes. Assim, atenderão ao chamado bíblico e cumprirão o juramento profissional que fizeram um dia. Respeitarão as necessidades de seus pacientes e amarão ao próximo como a si mesmo. Quando receberem um paciente com essa questão, questionem o que está por trás desse pedido de ajuda. Tentem perceber os efeitos colaterais gerados por essa dor. Indivíduos com tamanha certeza de viver a homossexualidade quanto a sua renúncia devem ser questionados, fatores e valores que permeiam essa pessoa devem ser observados. Já vi muita gente lutando contra a homossexualidade devido a pressão da família ou da igreja, como já vi pessoas se declararem homossexuais por modismos. Assim, poderão verdadeiramente ajudar aqueles que desejam deixar a homossexualidade e direcionar os que a desejam assumir. Para mim, não é possível abandonar a prática homoerótica, está além das minhas forças e Deus preferiu não mudar isso em mim.

No meu processo de cura, foi muito importante observar o cuidado de Deus para com minha vida. Me conscientizei e senti que Deus sabe quem eu sou, Deus conhece sua multiforme criação. Desde a minha concepção, Ele conhece cada parte do meu ser, o que alegria meu coração e o que o aflige, até mesmo as partes que eu não conheço. Esteve e estará presente em cada momento e situação de minha vida. Conhece o meu coração, muito mais do que o exterior.

Não sei se Deus me fez assim, ou se esse desejo homossexual foi nutrido em meu crescimento e convívio social. Os estudos sobre feromônios e sobre o desenvolvimento do hipotálamo em homossexuais me confortam. Talvez um dia descobriremos que a Terra não é

quadrada e todo esse conflito cairá por chão. Acho que seria muita covardia culpar o pai ausente ou a mãe dominadora ou passiva - já vi casos de homossexualidade em famílias de atitude inversas ou diferentes. E se isso fosse fato, porque meus irmãos não são homossexuais? Precisamos estudar muito. Claro é o Amor de Deus por mim.

Outra certeza em minha vida é que Cristo morreu por mim, assim como por você. A maravilhosa Graça Divina me alcançou, e quando Deus olha para meus pecados, não os pode ver, pois Cristo se põe na minha frente encobrindo-os. Às vezes, quando penso que Deus não olha para mim, chego a conclusão que é verdade: se olhasse eu seria consumido. Ele olha para Cristo em mim, e cuida de mim como seu filho e criatura amada e religada a Ele.

A dor de ter sido abandonado pela igreja local sempre foi muito forte. Nossas igrejas não sabem lidar com a questão homossexual e preferem simplesmente nos excluir dos rols de membresia. Algumas nos execram socialmente e não querem nenhum tipo de contato. Outras fazem que não nos vêem e permitem que fiquemos por perto, esperando que um dia vamos acordar e deixar de sermos gays. Fazem parecer que um dia acordamos e decidimos ser homossexuais. Fato é que homossexualidade não é opção. Não desejaria ser uma abominação social e viver à margem da sociedade - e que bom que isso está mudando: novas leis me fazem ser aceito na sociedade que explora meus recursos e se nega a devolvê-los de maneira igualitária, mesmo num país que se declara laico e que busca reverter os preconceitos. Gays não-cristãos nos questionam porque continuamos a querer o amor de um grupo que não nos quer; é triste ouvir isso, faz parecer que a igreja local perdeu sua função de luz ao mundo e que rejeita até mesmo os seus.

Para vencer a dor causada pela igreja local, foi necessário des-associar a Salvação que me foi garantida por Deus, da prática do convívio com a igreja local. Minha relação com Deus está segura independente da relação que tenha com a Igreja local. Se ela não pode ser dispenseira da Graça, Deus se utiliza de pedras que falam e me revelam o grande poder da Graça. Assim, o Amor de Deus está contido dentro de vasos de barro, como eu e você, não merecedores de carregar tamanha honraria.

É fácil seguir um manual de conduta e buscar nele todas as respostas. Como é bom encontrar respostas em tratados terapêuticos, respostas claras em dicionários e se deliciar com a exatidão de números, mas nem tudo pode ser explicado. Como ouvi uma vez num sermão, não posso divulgar a fonte, pois não me lembro, Meu Deus é um Deus In-: Inexplicável, imensurável, inesgotável e tantos outros In- ...

Por muito tempo tentei explicar minha sexualidade, tentei controlar meus impulsos sexuais e tudo que aconteceu foi um rebate destrutivo, que me envelheceu e consumiu minha energia. Quando resolvi deixar que Deus cuidasse de mim e conduzisse minha vida, a Paz inundou meu ser e hoje tenho Vida e Vida em abundância. Encontrei um amor, um relacionamento estável. Reatei amizades e contatos com familiares que havia deixado ou me distanciado no passado, passei a frequentar uma igreja local e investi na minha carreira e na aplicação dos meus dons, que o inimigo quase os calou. Assim, hoje me considero um ser curado, com a ajuda de profissionais como vocês, pastores, amigos e pedras fui curado. Hoje tenho a consciência de que não tenho resposta para tudo. Não sei se homossexualidade é pecado ou não. Não sei se a homossexualidade é genética ou nutrida pela sociedade. O que tenho certeza é do Amor Incondicional de Deus por minha vida, da justificação e salvação oferecidas a mim no sacrifício do meu Senhor Jesus Cristo na Cruz. Adoraria poder contar com o apoio e voltar para o convívio da igreja local sem máscaras. Espero que vocês tenham condições de se aprofundarem em seus estudos e não se distanciem dos seus pacientes e da dor que estes sentem, podendo assim os ajudar nesse processo de cura que nos conduz ao aperfeiçoamento.

Nessa jornada, encontrei outras pessoas que passaram pela mesma situação que eu. Esse encontro gerou o grupo Unidos pela Graça. Esse espaço busca ser um ambiente acolhedor que promova a transparência, compreensão e respeito no trato das questões humanas. Tem como princípio norteador de suas ações a Graça de nosso Deus expressa no evangelho do Senhor Jesus Cristo. Tudo na intenção de Restaurar, Valorizar e Integrar pessoas a um convívio cristão e social. É um espaço de suporte e de reflexão sobre questões que envolvem a vida das pessoas que têm o desejo homo-erótico e que também possuem uma identidade cristã. Não é uma agência de encontros; não é um grupo religioso, não é um grupo terapêutico, ou de militância política de direitos LBT. Se pudermos nos ajudar, será um prazer.

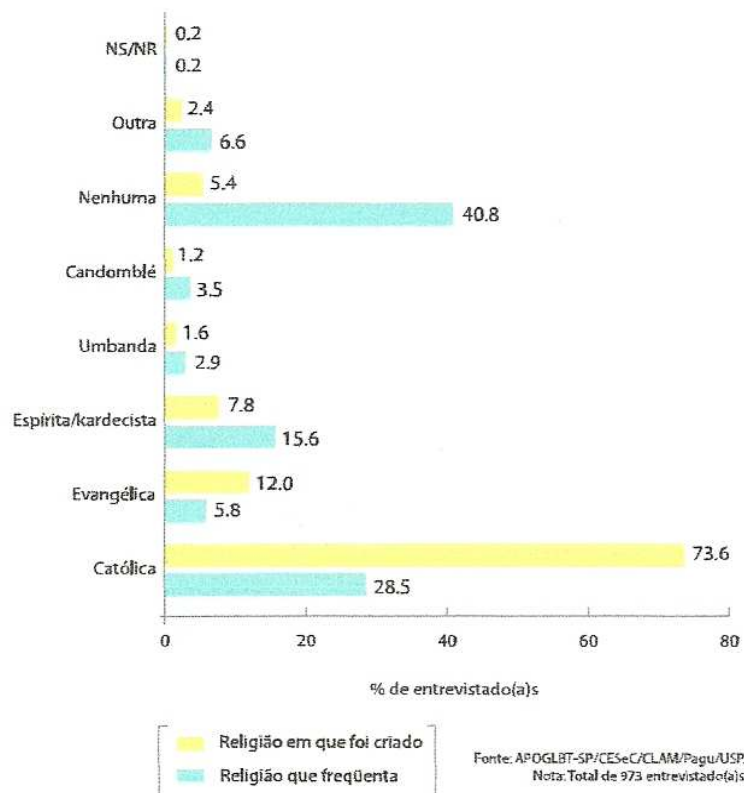
Obrigado,

Lianderson Miranda

www.unidospelagraca.com.br.

ANEXO C: Pesquisa Parada Gay São Paulo - 2005

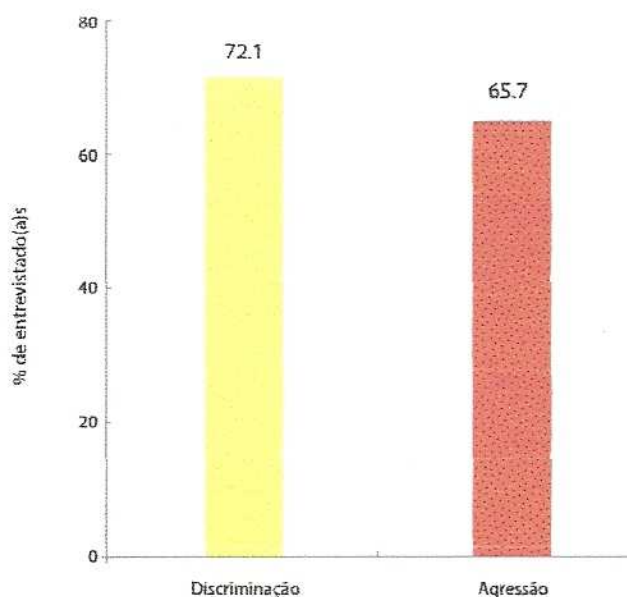
Quadro I Religião em que foi criado(a) e a que freqüenta (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005



COMENTÁRIO

Em marcado contraste com os dados do Censo 2000, segundo os quais apenas 7,4% dos brasileiro(a)s não freqüentam nenhum tipo de culto religioso, destacamos o significativo número do(a)s que, em nossa amostra, declaram não ter qualquer religião (40,8%). Note-se também que, ao comparar a religião em que o(a) respondente foi criado(a) com aquela que freqüenta atualmente, o número de católicos e evangélicos cai drasticamente, enquanto o número de adeptos de cultos afro-brasileiros e do espiritismo kardecista cresce. Muito provavelmente, a condenação moral à homossexualidade, que caracteriza as religiões cristãs de um modo geral, tem peso importante para essas trajetórias contrastantes. Não por acaso, verificamos que 22,7% de todo(a)s entrevistado(a)s declaram já ter sido vítima de marginalização ou exclusão em ambiente religioso.

Incidência de discriminação e de agressão (pelo menos uma experiência) - Parada São Paulo 2005



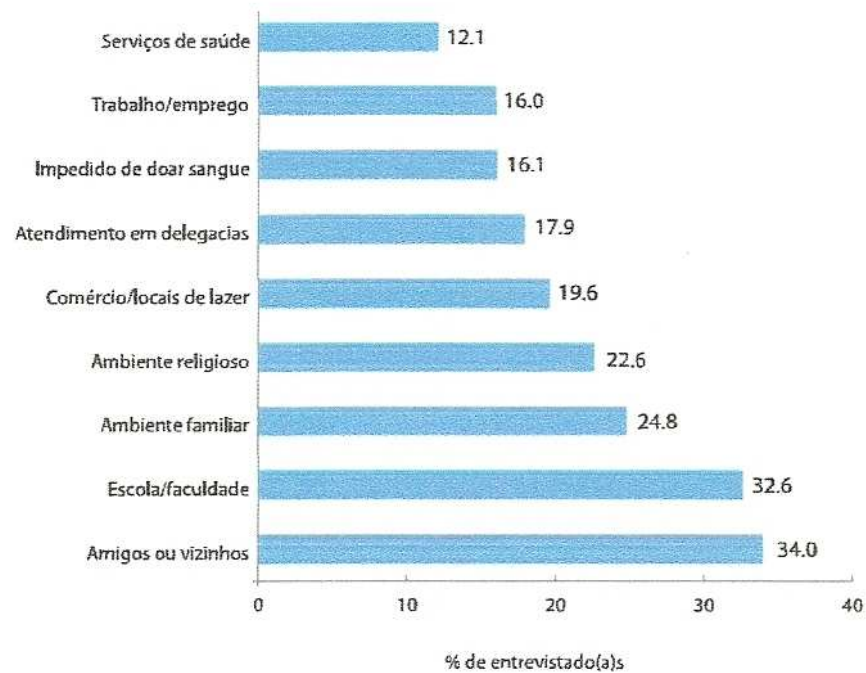
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 520 discriminado(a)s e 474 agredido(a)s.

COMENTÁRIO

Um número extraordinariamente alto de respondentes (72,1%) disse já ter sido, devido à sua sexualidade, vítima de algum tipo de discriminação, entre as nove modalidades previstas no questionário (emprego; comércio; sistema de saúde; escola ou faculdade; ambiente familiar; entre amigos e vizinhos; ambiente religioso; ao doar sangue; em delegacias). O caso de São Paulo aprofunda as tendências observadas em 2004, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Naquelas cidades, embora igualmente altos, esses valores foram ligeiramente inferiores, atingindo 64,8 % para o Rio de Janeiro e 61,3% para Porto Alegre. Também foi bastante alto (65,7%) o número de entrevistado(a)s que afirmou ter sido vítima, devido à sua sexualidade, de alguma das cinco modalidades de agressão listadas (agressões verbais; agressões físicas; chantagens ou extorsões; violência sexual; golpe Boa Noite Cinderela). Em relação a tais agressões, os números obtidos na Parada de São Paulo são também ligeiramente superiores aos obtidos, em 2004, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (61,5% e 63,7%, respectivamente).⁹

⁹ As taxas mais altas de discriminação e agressões encontradas em São Paulo devem ser interpretadas com cuidado, pois refletem em parte a presença mais significativa de trans na amostra, grupo que tende a ser, como veremos, vítima preferencial de discriminações e agressões.

Modalidades de discriminação (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005



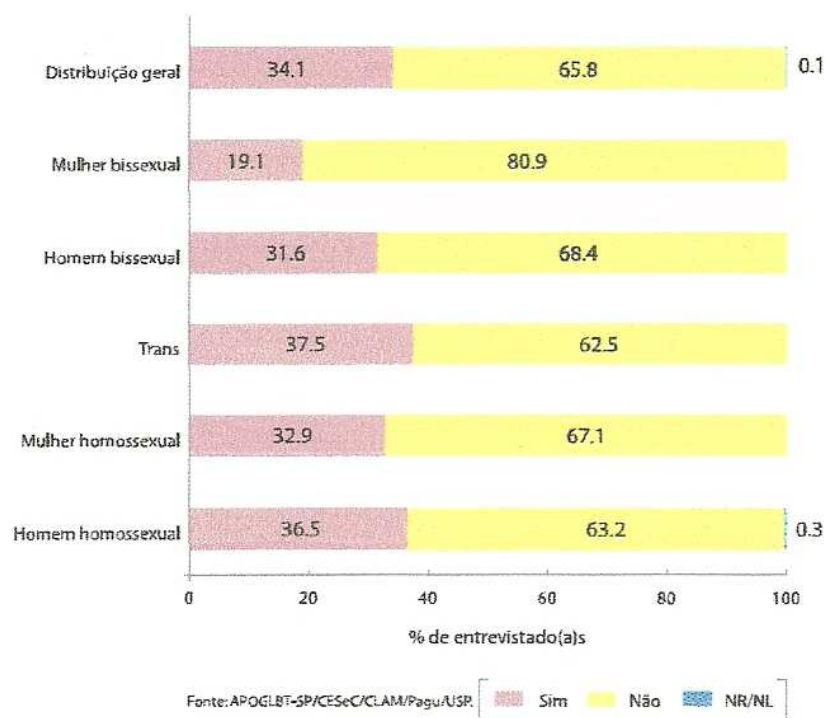
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/AUSP.
Nota: Total de 721 entrevistado(a)s.

COMENTÁRIO

A discriminação mais freqüentemente mencionada é a que ocorreu entre amigos ou vizinhos, com um terço (34%) do(a)s entrevistado(a)s fazendo menção a ela. De perto, seguem as situações de marginalização ou exclusão na escola ou na faculdade (32,6%). E, em terceiro lugar entre as mais freqüentes, vem a discriminação ocorrida em ambiente familiar (24,8%). Essas três primeiras modalidades de discriminação têm em comum o fato de ocorrerem em esferas de sociabilidade que colocam em cena pessoas íntimas (familiares e amigos) ou ao menos conhecidas (colegas, professores, vizinhos). A discriminação em ambiente religioso aparece em quarto lugar, com freqüência de 22,7%. Em seguida, temos duas situações de discriminação que ocorrem no contexto de interações públicas, em espaços comerciais ou de lazer (19,6%) e em delegacias (17,9%). O número de respondentes que declarou ter sido impedido de doar sangue devido à sua sexualidade foi relativamente alto (16,1%), especialmente se considerarmos que apenas uma parcela da população entrevistada provavelmente já tentou doar sangue. Por último, vieram a discriminação no trabalho ou em situações de emprego (16%) e nos serviços de saúde

(12,1%). Coincidente com a pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 2004, os serviços de saúde e as relações com profissionais de saúde foram os contextos em que, comparativamente, o(a)s entrevistado(a)s registraram menor frequência de discriminações. Mesmo que esse seja o círculo de sociabilidade em que o(a)s entrevistado(a)s menos assumiram sua sexualidade (ver acima, comentários ao Gráfico 8), talvez o relato de um número menor de experiências de discriminação nesse contexto aponte para os efeitos acumulados da presença da militância GLTB nas campanhas de prevenção de HIV/AIDS.

Discriminação por grupo de amigos ou vizinhos por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

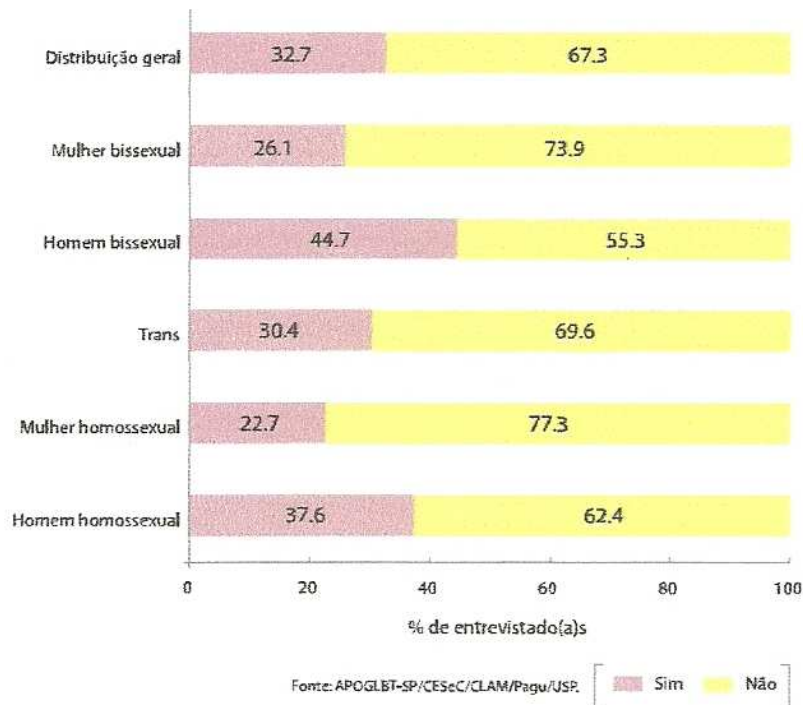


COMENTÁRIO

Quando se trata de experiências de discriminação (ter sido excluído ou marginalizado) por amigos e vizinhos, todos os grupos apresentam incidências igualmente altas, sendo esta a experiência mais frequente no conjunto da população entrevistada. Trans e homens homossexuais (37,5% e 36,5%) são seguido(a)s de perto por mulheres homossexuais e homens bissexuais (32,9% e 31,6%). Apenas as mulheres bissexuais aparecem com

freqüência inferior (19,1%). Efetivamente, discriminação no âmbito de relações com amigos e vizinhos é experiência comum a todos os grupos, independentemente de faixa etária e sexo. Essa experiência tende a diminuir conforme aumenta a escolaridade (indo de 50,9% entre o(a)s que tinham o ensino fundamental para pouco mais de 30% entre o(a)s que tinham ensino superior e pós-graduação) e tende a ser mais freqüente entre “preto(a)s” e “pardo(a)s”. Enquanto 30% do(a)s que se declararam “branco(a)s” afirmaram já ter sofrido esse tipo de discriminação, esse número aumenta para 38,1% e 43,9%, entre “pardo(a)s” e “preto(a)s”, respectivamente.

Discriminação por professores ou colegas, na escola ou na faculdade, por sexualidade agregada - Parada São Paulo 2005

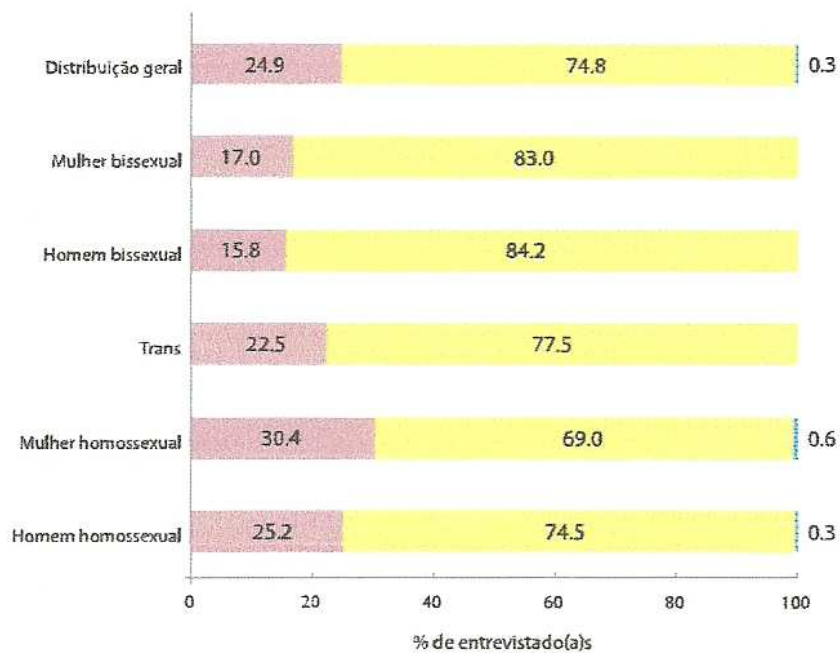


COMENTÁRIO

Um percentual surpreendentemente alto de respondentes (32,7%) declarou ter sido marginalizado ou excluído por colegas ou professores na escola ou na faculdade devido à sua sexualidade. Esse percentual é ainda mais alto entre homens bissexuais (44,7%). Vêm em seguida homens homossexuais (37,6%), trans (30,4%), mulheres bissexuais (26,1%) e

mulheres homossexuais (22,7%). O resultado indica que as experiências de discriminação na escola refletem dinâmicas sutis, relativas não apenas aos clássicos estereótipos de gênero vinculados à homossexualidade (homens efeminados e mulheres masculinizadas), mas também ao simples compartilhamento de preferências sexuais entre colegas e, talvez, à sua ambigüidade. Para compreender a alta incidência desse tipo de discriminação entre bissexuais, deve-se também levar em conta que ele(a)s são predominantemente jovens, ainda vinculado(a)s em grande número a estabelecimentos de ensino (42,1% dos homens bissexuais afirmaram ainda frequentar escolas ou universidades). Desse modo, talvez sejam mais sensíveis às discriminações ocorridas nesse contexto. Os resultados indicam a necessidade de estudos capazes de descrever tais dinâmicas, revelando se estamos frente a experiências do tipo “bullying” (gozações, apelidos etc) ou a exclusões ainda mais violentas.

Discriminação em ambiente familiar por sexualidade agregada Parada São Paulo 2005



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/UISP. [Sim Não NR/NL]

ANEXO D: Consultório sentimental – sexualidade

REVISTA VEJA 02/06/2010

Arquivo Categoria Análise²⁹⁴
Castigo

Gosto muito da sua coluna em VEJA.com. Meu filho de 19 anos disse que preferia ter nascido com Síndrome de Down do que ser homossexual. Chegou a dizer que o nascimento dele foi um castigo de Deus para mim e para o pai. Nós somos casados há 24 anos e temos muito preconceito em relação à homossexualidade. Nunca pensei que a vida fosse me dar tamanho desgosto! Peço a sua ajuda para levar o meu filho a acreditar que ele pode mudar. Basta querer e ele passa a se interessar por meninas. O meu marido não está ciente do que acontece. Não contei porque ele não aceitaria a aberração. O meu filho aceitou fazer terapia. Você acha que existe a possibilidade de reversão? Por favor me dê uma luz sem divulgar meu email.

De onde você tirou a idéia de que basta querer e a pessoa se interessa por outro sexo? Não foi da minha coluna. Ninguém escolhe ser homo ou heterossexual, mas se a homossexualidade for o destino da pessoa, ela pode escolher entre contrariar o próprio destino ou assumi-lo e enfrentar a moral da família, que não é o único modelo de existência. Não é o único, embora imagine que sim. A ponto de considerar que o homossexualismo é uma “aberração” ou uma doença. E que, assim sendo, pode haver “reversão”.

Não sei se o seu filho é de fato gay e isso ele pode descobrir falando com quem saiba escutá-lo. Só sei que ele precisa se livrar o quanto antes da idéia de que o nascimento dele foi um castigo.

A história dele é uma e a sua é outra. Você foi educada na religião do preconceito e teria que abrir mão do que foi para aceitar o filho. Mais que isso, teria talvez que abrir mão do marido. Você está numa encruzilhada. Se não for capaz de rever a sua educação pode perder o filho. Revendo, pode perder o marido. Para não perder o filho e nem o marido, tem que acompanhar o filho no movimento dele e conseguir que o marido siga junto.

²⁹⁴ MILAN, Betty. Arquivo da categoria análise: Castigo. 2 jun. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/consultorio-sentimental/analise/castigo>>. Acesso em 24 fev. 2012.

A vida dá a você a oportunidade de rever valores arcaicos e crescer com a revisão. Aproveite para mudar e rejuvenescer em vez de ter tanta pena de si mesma e tanto medo de um conflito com um marido que não é um verdadeiro interlocutor.

Por Betty Milan

ANEXO E: Entrevista com Andrew Sullivan²⁹⁵

Entrevista com Andrew Sullivan, um católico gay, publicada na revista América de maio de 1993.

Lei natural! Eis algo [a homossexualidade] que parece ocorrer espontaneamente na natureza, em todas as sociedades e civilizações. Por que não há um ensinamento sobre a natureza da homossexualidade e o que há de bom nela? Como podemos ser bons? Ensinemos. De que maneira se orienta a vida moral de homossexuais? A Igreja tem a obrigação, com respeito a todos os fiéis, de nos ensinar como viver e como ser bons - o que não significa desconsiderar; silenciar, ficar embaraçado ou estabelecer uma doutrina "peculiar" acerca da desordem inerente das pessoas. Expliquem-na. Como Deus faz isso? Por que ocorre? O que devemos fazer? Como pode a doutrina do amor cristão ser aplicada também a pessoas homossexuais?

Ora, pode ser que essa busca revele todo tipo de opções e de possibilidades. Pode haver todo gênero de noções e de debates sobre a natureza desse fenômeno e sobre qual pode ser seu objetivo final. Mas o fato de ele ter um objetivo final é importante. A Igreja tem de entender - as pessoas da Igreja têm de entender - o que deve ser crescer amando a Deus e querendo levar a vida bem e de modo verdadeiro, como ser humano, capaz de amar, de contribuir, de crer, e ainda assim não ter coisa alguma.

Cresci sem coisa alguma. Ninguém me ensinou nada a não ser a não mencionar o assunto. E, como resultado da total falta de ensinamentos, católicos gays e pessoas gays em geral estão em crise. Não admira que a vida de muitas pessoas - muitas vidas gays - seja infeliz, perturbada ou insatisfatória porque não há *nenhuma* orientação. Eis uma população no âmbito da Igreja, e fora dela, em desesperada busca de saúde e de valores espirituais. E a Igreja se recusa a vir em nosso auxílio, a Igreja se recusa a escutar esse clamor.

²⁹⁵ Thomas H. Stahel, "I'm Here": Na Interview with Andrew Sullivan", América, n.168: 16, 8 de maio de 1993, p. 11. Apud GAMBLETON, Thomas J. in JUNG, 2005, ps. 38 e 39.